

**SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA**

MARLI APARECIDA OENNING DA SILVA

**MULHER E *PRESIDENTA*:
O DISCURSO NA HISTÓRIA POLÍTICA BRASILEIRA**

**Cáceres - MT
2015**

**SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA**

MARLI APARECIDA OENNING DA SILVA

**MULHER E *PRESIDENTA*:
O DISCURSO NA HISTÓRIA POLÍTICA BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Linguística. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Eliana de Almeida

**Cáceres - MT
2015**

Silva, Marli Aparecida Oenning da

Mulher e presidenta: o discurso na história política brasileira./Marli
Aparecida Oenning da Silva . Cáceres/MT: UNEMAT, 2015.
120f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa
de Pós-Graduação em Linguística, 2015.

Orientadora: Eliana de Almeida

1. Análise do discurso. 2. Acontecimentos discursivos. 3. Sujeito –
feminino – sujeito – governante. 4. Falha no ritual – acontecimento
discursivo. I. Título.

CDU: 81'42

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Regional de Cáceres

MARLI APARECIDA OENNING DA SILVA

**MULHER E *PRESIDENTA*:
O DISCURSO NA HISTÓRIA POLÍTICA BRASILEIRA**

BANCA EXAMINADORA

Dr^a. Eliana de Almeida (Orientadora – PPGL/UNEMAT)

Dr^a. Neuza Benedita da Silva Zattar (Membro – PPGL/UNEMAT)

Dr. Roberto Leiser Baronas (Membro – PPGL/UFSCar)

Dr^a. Judite Gonçalves de Albuquerque (Suplente – PPGL/UNEMAT)

APROVADA EM: 16/06/2015

*A vida
é função da significação e
de gestos de interpretação cotidianos,
ainda que não sentidos como tal.
A interpretação é um trabalho contínuo
da relação do homem com o simbólico.
Os sentidos não se fecham,
não são evidentes,
embora pareçam ser.
Jogam com a ausência,
com os sentidos do não sentido.¹
Por assim ser, as palavras
Gildesio, Bruna, Gustavo e Beatriz
não significam, para mim,
apenas como manifestação da linguagem
ou como nomeação de indivíduos.
Seus sentidos estão para além da materialidade linguística.
Pois estão inscritos em uma memória de amor, carinho, paixão,
cumplicidade, companheirismo e amizade,
próprios do modo como significam esposo e filhos
em nossa sociedade.
Ainda, por esse mesmo viés tenho
Pedro
inscrito numa memória de pai e de saudade!*

¹ ORLANDI, Eni. Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 6 ed. Campinas, SP: Pontes, 2012, p. 9, 10.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, pela saúde, coragem e empreendimento que me possibilitaram trilhar o caminho do Mestrado.

A minha orientadora **Eliana de Almeida**, pelas orientações, palavras de incentivo e amizade.

Agradeço de um modo bastante especial à **Judite Gonçalves de Albuquerque**, professora cara que, de um modo ou outro, sempre esteve presente na minha vida acadêmica.

À professora **Olímpia Maluf-Souza**, pelo empenho na correção do meu trabalho e pelas contribuições e sugestões importantes.

Ao caro professor **Roberto Leiser Baronas**, que com simplicidade e empreendimento, nos idos tempos de parceladas, conduziu-me à compreensão de uma organização textual. E hoje, por meio do presente trabalho, tenho novamente o prazer de receber suas orientações e contribuições para o enriquecimento do meu aprendizado.

À professora **Neuza B. da Silva Zattar**, pelas contribuições.

A minha querida mãe **Anísia**, pelas preocupações e cuidados para comigo.

A minha não menos querida sogra **Marieta** que, enquanto estive ausente envolvida em minha formação acadêmica, não se descuidou dos “meus”.

Aos meus queridos irmãos: **Marilza, Marlene, Cida e Gilmar** que estão para sempre inscritos no meu coração. À **Marilza**, também pelo incentivo e por compartilhar comigo dos sentidos que tem a conquista do Mestrado.

Ao meu “pequeno grupo”, pela força da amizade e das orações.

A minha querida amiga/irmã **Ézia**, pelas orações, presença, cuidado e carinho.

A minha amiga **Ivani**, que está para sempre no meu coração.

À **Maria das Graças**, minha amiga e companheira confidente.

À **Clarice Clarindo**, por ter feito a diferença nos momentos de decisão para o Mestrado, e pela amizade.

À **Elizabeth Sampaio**, pela amizade e incentivo, e pela autoestima e positivismo, que tenho como exemplos.

À **Cláudia Landin Negreiros**, pela acolhida e amizade, pela força, pelas dicas e os livros emprestados.

À **Ducinéia Tan Huare**, minha amiga e companheira do Mestrado, pelas conversas antes de dormir, por compartilhar comigo a saudade de casa e da família.

Aos **colegas do curso**, pela troca de conhecimento e pelos momentos alegres.

Aos **professores do Programa**, pelo conhecimento, incentivo e dedicação.

Aos **colegas da Escola Júlio Müller**, que torceram por mim.

À **Assessoria Pedagógica de Barra do Bugres**, pelo empenho na organização dos aparatos legais.

À **SEDUC**, em nome da Equipe de Qualificação Profissional, por conceder aos profissionais da educação a licença para o aprimoramento intelectual.

À **UNEMAT**, instituição à qual sou grata e da qual me orgulho.

Os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele.

É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito do poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas também afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras.

FOUCAULT, 2014

RESUMO

Este trabalho inscreve-se à linha de pesquisa *Estudos e Análises dos Processos Discursivos e Semânticos*, do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT. Para a leitura, tomamos 8 (oito) Preleções da candidata/Presidenta da República Federativa do Brasil, *Dilma Rousseff*, buscando compreender na materialidade linguística como funcionam os sentidos constituídos em nossa sociedade para a mulher e os efeitos que esses sentidos produzem na história, pela ideologia. A materialidade da língua dá visibilidade ao discurso de Dilma, pelas suas marcas argumentativas e enunciativas, o não lugar de existência da mulher, em consequência da hegemonia masculina no modo como a política do Brasil se configurou. A mulher chega à presidência neste país, como por um *acontecimento histórico*, que irrompe como falha no ritual, instaurando um *acontecimento discursivo*. Agora uma mulher fala do lugar da presidência do país. O discurso sobre a situação da mulher na política brasileira irrompe produzindo o efeito de protagonismo, de representatividade, enfim, de que Dilma Rousseff é na presidência o porta-voz das mulheres brasileiras, produzindo o efeito de ruptura na historicidade. A discursividade marca um modo particular de significar a mulher, por sentidos de uma memória constitutiva de carinho, de afeição, no modo como socialmente se define o feminino como próprio da mulher na história, numa relação de sentidos que deslizam da posição sujeito-feminino para a posição sujeito-governante. Os sentidos que já significam a mulher funcionam como numa justificativa para a mulher ocupar o cargo de presidente, e na construção de um *ethos de competência* para a mulher. Na discursividade, compreendemos um efeito de copresença Lula-Dilma transferindo, pelo imaginário, as competências do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva à presidenciável. Na retomada do mesmo e na instauração do diferente, os dizeres de Dilma produzem seus efeitos, se significam, provocando deslocamento nas relações de poder que legitimaram o homem ao cargo de presidente, marcando um lugar de dizer para a mulher, do lugar da presidência, e assim, Dilma Rousseff, que é mulher, busca legitimar um lugar de dizer, para si, na política brasileira e na presidência da República.

Palavras-chave: Discurso; Língua; Sujeito; Falha no ritual; Acontecimento discursivo.

ABSTRACT

This work is part of the research area *Studies and Analysis of Discourse and Semantic Processes*, the Postgraduate Program in Linguistics at the University of Mato Grosso-UNEMAT. For reading, we take 8 (eight) lectures of the candidate/president of the Federative Republic of Brazil, *Dilma Rousseff*, trying to understand the linguistic materiality how the senses made in our society for women and the effects that these senses produce in history by ideology. The materiality of language gives visibility to Rousseff's speech, by their argumentative and enunciative marks, the non-existence rather than of women, as a result of male hegemony in how Brazil's policy is configured. The woman comes to the presidency in this country, such as a *historical event*, that erupts as failure in the ritual, promoting a *discursive event*. Now a woman speaks of the place of the presidency of the country. The discourse on the situation of women in Brazilian politics breaks producing role effect, of representativeness, in short, that Dilma Rousseff is in office spokesman of Brazilian women, producing the burst effect on historicity. The discourse marks a particular way of signifying the woman, by way of a constitutive memory of affection, in how socially defined the feminine as women's own history, a ratio of senses slipping the subject-feminine position to the subject-ruler position. The senses already mean the woman serve as a justification for the woman to occupy the post of president, and building *ethos of competence* for women. In the discourse, we understand one co-presence effect Lula-Dilma transferring, the imaginary, the skills of ex-president Luiz Inácio Lula da Silva the presidential candidate. The resumption of the same and the establishment of different, the Dilma's sayings produce their effects, it means, causing shift in relations power legitimized man as president, marking a place to say to the woman, place the presidency, and so, Dilma Rousseff, who is a woman, seeks to legitimize a place to say, for you, in Brazilian politics and the presidency.

Keywords: Speech; Language; Subject; Failure in the ritual; Discursive event.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
I. O MATERIAL DE ANÁLISE	13
II. ENUNCIÇÃO, ARGUMENTAÇÃO, DISCURSO: UM QUADRO TEÓRICO	16
2.1 Sujeito origem e sujeito discursivo	16
2.2 A argumentação e o imaginário discursivo	23
2.3 Ritual de linguagem e acontecimento discursivo	28
2.4 Um breve percurso pela noção de <i>ethos</i>	30
III. MOVIMENTO, DESLOCAMENTO, RUPTURA: ACONTECIMENTO DISCURSIVO	34
3.1 A palavra <i>Presidenta</i> : marca de uma posição ideológica	34
3.2 O porta-voz das mulheres brasileiras	37
IV. O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO E OS EFEITOS DE SENTIDOS PARA/SOBRE A MULHER	46
4.1 Os sentidos do feminino funcionando por um lugar à presidência	46
4.2 As mulheres sabem mais que ninguém	50
4.3 A transferência de sentidos na construção da significação para a mulher	54
V. CONSTRUINDO UMA IMAGEM DE SI	65
5.1 A construção de um <i>ethos de competência</i> para Dilma Rousseff	65
5.2 A copresença Lula-Dilma para a promoção da credibilidade de Dilma Rousseff à presidência da República	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	77
ANEXOS	80

APRESENTAÇÃO

O nosso percurso pela teoria da Análise de Discurso iniciou-se ainda na Graduação de Letras, pelo Projeto Parceladas² da Universidade Estadual de Mato Grosso-UNEMAT- em Barra do Bugres, no ano de 1994. Logo após, no curso de Especialização, junto à mesma instituição, aprofundamos nosso conhecimento nessa teoria que, de um modo singular, nos fez encantar pela possibilidade de compreender os sentidos em funcionamento na relação entre língua, sujeito e história. No percurso acadêmico, por este novo viés teórico, fomos levados a compreender e a empreender algumas atividades de leitura/interpretação, que possibilitaram a escuta para além do evidente, e a tomar a linguagem, os sentidos e os sujeitos como não transparentes em sua materialidade, mas como que atravessados pela ideologia.

Este novo olhar para a linguagem conduziu-nos à definição do objeto de estudo deste trabalho, posto que o fato de uma mulher vir a ser presidente³ do Brasil, um país então presidido apenas por homens, fez-nos considerar esse fato não como mero acaso, mas sim como um acontecimento discursivo. Esse fato nos conduziu, por meio do presente estudo, a compreender o funcionamento discursivo dos dizeres da Presidenta Dilma Rousseff, como também dos seus dizeres de quando ainda candidata, em regularidades linguístico-discursivas que mobilizaram, sensibilizaram o povo brasileiro, a ponto de a elegerem ao mais alto cargo de comando administrativo e executivo do país. Daí que, sendo eleita uma mulher à presidência, naquele pleito eleitoral de 2010, buscamos a compreensão de como os dizeres/sentidos sobre/para a mulher, historicamente dados, funcionam e produzem efeitos na/para a sociedade brasileira. Tais provocações nos levaram à construção de um *corpus* de Preleções⁴ da Presidenta Dilma que, de modo particular, materializam os sentidos para a mulher.

No capítulo inicial, apresentamos o *corpus*, o contexto das formulações, os recortes estabelecidos e a inscrição teórica para a leitura que propomos.

² Projeto de Formação em Rede Serviço e Continuada: Licenciaturas Plenas Parceladas. <http://www.unemat.br/proeg/parceladas>.

³ A propósito, faremos uso do termo *Presidenta*, ao referir à Presidente Dilma Rousseff, conforme ela mesma se auto refere.

⁴ Tomamos para nosso trabalho a palavra *Preleção* enquanto termo para referir a cada material que compõe o *corpus*, posto ser uma palavra que significa o ato de prelecionar; lição; discurso ou conferência didática, e a palavra *Discurso*, na teoria que fundamenta nossa leitura, é a nomeação do objeto desta teoria. Assim, como trabalhamos com discursos políticos, adotamos a palavra *Preleção* para evitar equívocos.

No segundo capítulo, apresentamos o dispositivo teórico a que inscrevemos o nosso estudo, primeiramente alguns conceitos da Semântica da Enunciação, considerando que as Preleções se dão em situações enunciativas, enlaçadas pelo sujeito que fala, o sujeito do discurso. Assim, tomamos de Emile Benveniste a noção de enunciação, propondo-a, numa relação com a Análise de Discurso, por sua inscrição na história. Na sequência, procuramos mostrar, pela teoria da Análise de Discurso, os modos pelos quais os sujeitos são constituídos ideologicamente e as condições de produção do discurso, buscando discutir os conceitos basilares da teoria, conforme Michel Pêcheux (1988; 2004), na França e Orlandi (1983; 1996; 2004) no Brasil, além de outros estudiosos.

Em seguida, buscamos de Eduardo Guimarães (2005), em *Os Limites do Sentido*, a compreensão sobre o funcionamento da argumentação, pelas noções de escala e operadores argumentativos, o que buscamos compreender discursivamente, numa relação com os mecanismos de antecipação, pelas formações imaginárias, pelo interdiscurso e, também, pelas noções de formação discursiva, paráfrase, polissemia e metáfora.

Tomamos a linguagem enquanto um ritual que falha, posto que a falha é constitutiva da língua, é a brecha que dá lugar à constituição dos sujeitos e dos sentidos, possibilitando a resistência, o novo, o acontecimento discursivo, resultantes da inscrição da língua na história, pelo trabalho da ideologia.

Apresentamos ainda, nesse segundo capítulo, a noção de *ethos*, conforme os estudos de Dominique Maingueneau (1997; 2008), e Amossy (2008), o que no decorrer da análise mostrou-nos, em relação à *Presidenta*, a construção de uma imagem de si, o que foi muito produtivo para a compreensão dos efeitos de sentidos produzidos nesse contexto particular do pleito eleitoral.

No terceiro capítulo, desenvolvemos uma análise discursiva sobre o funcionamento do político e do ideológico na constituição do sujeito e dos sentidos. Consideramos os movimentos, deslocamentos e rupturas de sentidos que se dão nas relações de poder, pensando, especificamente para este trabalho, a forma como o poder se apresenta na relação entre homens e mulheres em nossa sociedade. A partir daí, consideramos a formulação *Presidenta* como uma falha do ritual da língua, posto que tal forma, mesmo prevista, não estava em uso até então e, fundamentalmente, posto que tal uso marca uma posição ideológica outra, dadas as condições materiais de produção. Vemos a formulação *Presidenta* enquanto

uma falha na língua, produzindo sua inscrição na história, pelo equívoco, em um país de hegemonia masculina na posição de presidência.

Apresentamos também, ainda no terceiro capítulo, uma análise dos dizeres de Dilma Rousseff, que mostram a compreensão discursiva, por meio do material, de uma mulher chegar à presidência no Brasil, configurando-se como um “acontecimento histórico”, representando rupturas nas redes de sentidos que significaram apenas o homem em tal cargo. A análise mostra ainda que uma mulher falar da presidência do Brasil se dá pela representatividade em que o sujeito do discurso, pelo imaginário discursivo, se coloca como o porta-voz das mulheres brasileiras.

O quarto capítulo, também analítico, mostra um modo particular de significar a mulher, por sentidos inscritos em uma memória que significa o *feminino* pelo modo de ser, de fazer e de dizer, atribuídos sócio-historicamente à mulher. Ainda neste capítulo, tomamos a Preleção de Dilma Rousseff falando para o mundo, na abertura do Debate Geral 66^a Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova York/EUA, sobre a importância dos saberes da mulher para o comando de uma nação, produzindo os efeitos de sentidos de estabelecimento desse lugar. Observamos também, pelas diferentes posições-sujeito, os sentidos que já significaram a mulher socialmente, sendo retomados e transferidos para os serviços sociais do governo, como que para qualificar e justificar a mulher no cargo de presidente.

E finalmente, no quinto capítulo, mostramos na materialidade linguística, a construção de um *ethos de competência* para Dilma Rousseff, como mulher, e o efeito de *copresença* Lula-Dilma.

CAPÍTULO I

O MATERIAL DE ANÁLISE

O material de linguagem, para essa pesquisa, constitui-se de Preleções da Presidenta da República Federativa do Brasil, *Dilma Rousseff*, enquanto presidente eleita, como também enquanto candidata à presidência. Utilizamos como critério de seleção as Preleções que trazem como marcas os sentidos sobre a/para/da mulher, visto ser nosso objetivo compreender como esses sentidos funcionam e quais/como produzem, pelo imaginário discursivo, os efeitos na/para a sociedade brasileira.

Designaremos os chamados discursos de *Dilma Rousseff* de *Preleções*, para evitar equívocos, visto o termo *discurso* ocupar um lugar bastante caro no quadro de definições teóricas da Análise de Discurso, como *efeito de sentido entre locutores* (Pêcheux, 2009), e preleção designar texto, seja oral ou escrito, mais adequado para nos referirmos a cada texto da materialidade que compõe o *corpus*.

Inscrevemos a pesquisa à teoria da Análise de Discurso, de cunho materialista, em que a língua não é vista como mero instrumento de transmissão de informação, mas também como lugar de materialização do discurso, pela ideologia. Entendemos discursivamente que o ato enunciativo expõe um *eu* significado na língua, como um *eu* outro, visto que produz sentidos no modo como o sujeito é afetado pela língua, inscrita na história.

O material compõe-se de Preleções realizadas por ocasião das eleições presidenciais do ano de 2010 e do mandato da Presidenta *Dilma Rousseff*, nos anos de 2011, 2012 e 2013. Interessa-nos compreender a opacidade de sentidos suposta na língua, no modo como essas formulações são produzidas historicamente no Brasil, construindo diferentes lugares de dizer sobre/daquele(a), homem ou mulher, que ocupa o mais alto cargo de Estado, a presidência da República. As marcas linguísticas que definem pela ideologia esses lugares de dizer, pela posição sujeito-feminino/masculino, são o que buscaremos compreender enquanto discurso. Consideramos relevante o fato de que o *locutor*, aquele que enuncia nessas Preleções, é do sexo feminino, uma mulher, o que não se impõe necessariamente como uma posição sujeito-feminino, visto que uma mulher, segundo pensamos pela Análise de Discurso, possa falar da posição sujeito-masculino.

Tomaremos essas Preleções enquanto enunciados produzidos em determinadas situações enunciativas, que se significam pela materialidade linguística – a enunciação. Assim, essas Preleções se representam por um *eu* que enuncia, pelo tu (alocutário), um aqui (lugar) e um agora, em diferentes situações enunciativas. Do ponto de vista discursivo, vale dizer, a cena enunciativa constitui-se a partir das condições históricas de produção do discurso, conforme se materializa na língua, em cada Preleção.

As Preleções⁵, das quais tomamos recortes para análise, serão representadas enquanto (P1), (P2), (P3), (P4), (P5), (P6), (P7) e (P8), respectivamente:

(P1): *Íntegra do discurso de Dilma Rousseff no Congresso do PT – 20/02/2010 – Congresso do Partido dos Trabalhadores;*

(P2): *Íntegra do Discurso da Candidata Dilma Rousseff – 13/06/2010 – Homologação da candidatura à presidência, no Minas Tênis Club, na capital federal;*

(P3): *Íntegra do discurso de Dilma Rousseff depois de vencer a eleição presidencial – 01/10/2010, trata-se do primeiro pronunciamento realizado à nação, transmitido em rede nacional de rádio e televisão;*

(P4): *Íntegra do discurso de posse de Dilma Rousseff no Congresso – Congresso Nacional em Brasília, em 01/01/ 2011, já como Presidenta eleita;*

(P5): *Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de início do Mês da Mulher: Trabalho e Cidadania – Salvador/BA, em 01/03/2011, em homenagem ao mês da mulher;*

(P6): *Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na abertura do Debate Geral da 66ª Assembleia Geral das Nações Unidas – Nova York/EUA, em 21/09/ 2011, em que pela primeira vez uma mulher Presidenta do Brasil fala aos representantes da ONU.*

(P7): *Pronunciamento à Nação da Presidenta da República, Dilma Rousseff, em cadeia nacional de rádio e TV, por ocasião do Dia Internacional da Mulher, em 08/03/2012;*

(P8), *Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de lançamento do programa Mulher: Viver Sem Violência – Brasília/DF, em 13/03/2013.*

O *eu* enuncia nas Preleções acima, representado nas figuras da pré-candidata/candidata à presidência da República do Brasil e da Presidenta para um *tu*, que

⁵ As oito Preleções são apresentadas, na íntegra, em anexo a esse trabalho.

varia entre os correligionários do Partido dos Trabalhadores, a nação brasileira, a ONU, as mulheres, especificamente, em ocasiões de homenagem.

CAPÍTULO II

ENUNCIÇÃO, ARGUMENTAÇÃO, DISCURSO: UM QUADRO TEÓRICO

Este trabalho inscreve-se à Análise de Discurso (AD), (PÊCHEUX, 1988; 1990; ORLANDI, 2002; 2007; 2012), de cunho materialista, conforme a teoria proposta na França, por Pêcheux, nos anos 60 e, no Brasil, por Orlandi, a partir dos anos 80 do século passado.

Dada à configuração do material, buscaremos neste quadro teórico apresentar inicialmente uma articulação possível entre os pressupostos da Análise de Discurso e os da Teoria da Enunciação, conforme Benveniste (2005), e os estudos da argumentação desenvolvida por Guimarães (2005) a partir dos estudos de Ducrot e Anscombre, para melhor definição do nosso objeto e questão. Da teoria materialista, tomaremos os conceitos de sujeito, discurso, ideologia, história (historicidade), acontecimento histórico, condições de produção, poder, político, interdiscurso, formações imaginárias, formações discursivas, ritual, acontecimento discursivo, paráfrase, polissemia e metáfora. E para finalizar, faremos um breve percurso pelo conceito de *ethos*, pelas vias dos estudos de Ruth Amossy (2008) e Dominique Maingueneau (1997).

Nossa discussão foca a situação enunciativa em que uma mulher fala, enquanto candidata e Presidenta do Brasil, deslizando para uma compreensão dos efeitos de sentido que se constituem na discursividade produzida nessa situação. À vista disso, Benveniste (2005) vem contribuir teoricamente com a noção de “cena enunciativa”, visto que Dilma Rousseff profere/mobiliza uma cena em suas Preleções, e os estudos discursivos contribuem para a compreensão do funcionamento da materialidade discursiva que se dá pela inscrição da língua na história.

2.1 Sujeito origem e sujeito discursivo

A partir dos estudos de Benveniste sobre os pronomes, a questão da subjetividade é posta na linguagem, passando a ser considerada o lugar de constituição da subjetividade e, nesse contexto, o sujeito passa a ocupar lugar privilegiado, assim também, a linguagem por constituir o sujeito pode representar o mundo. Neste sentido, Benveniste (2005, p. 286) afirma que a linguagem está na natureza humana, sendo impossível conceber o homem dela separado, posto que o homem não está reduzido a si mesmo, tampouco a linguagem reduz-se

a um instrumento de comunicação. Para o autor, é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*, visto a linguagem fundamentar na realidade, a sua realidade, que é a do ser, o conceito de “ego”. Assim, o linguista considera o homem representar-se e fazer-se pela/na linguagem enquanto “ser” subjetivo, enquanto sujeito:

[...] essa “subjetividade”, quer a apresentamos em fenomenologia ou em psicologia, como quisermos, não é mais que a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem. É “ego” que *diz ego*. Encontramos aí o fundamento da “subjetividade” que se determina pelo status linguístico da “pessoa”. (BENVENISTE, 2005, p. 286).

Essa consciência de si se dá em relação a um *tu* ao qual o *eu* se dirige, se colocando como *eu* no discurso. É na interlocução com o outro que a língua possibilita a constituição de *pessoa*. O *eu* e o *tu* só se constituem na língua e é na enunciação que *eu* se torna *tu*, a partir da alocação daquele que se designa *eu*.

A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Por isso, *eu* propõe outra pessoa, aquela que sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu*. (BENVENISTE, 2005, p. 286).

A polaridade entre as pessoas se dá pela/na linguagem como condição necessária à enunciação, pois que *eu* e *tu* só se concebem um em relação ao outro – como termos vazios do sistema. Esses termos instituem uma interação complementar e reversível, podendo ora *eu* passar a ser *tu* e *tu* passar a ser *eu*, numa condição dialética de interiorização e exteriorização do dizer. A linguagem marca assim a instauração da subjetividade, constituindo o *eu* e o *tu* enquanto formas no ato enunciativo. Benveniste (2005, p. 288) considera que o “eu” não se trata do indivíduo em particular, como também não denomina entidade lexical alguma, sendo um termo exclusivamente linguístico que ganha existência no ato enunciativo:

É um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutra passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual. A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso. É na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como “sujeito”. É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua. (BENVENISTE, 2005, p. 288).

Para o autor citado, é a linguagem que possibilita ao locutor tomar a palavra para dar existência ao “eu” e se fazer sujeito do discurso. Porém, esse sujeito em Benveniste, permanece preso a uma noção de indivíduo e de texto, sendo um *eu* dono do seu dizer, origem e fonte do sentido.

Com os estudos discursivos, esta noção de sujeito é descentrada, passando a ser a exterioridade elemento fundamental para a sua constituição. Para a Análise de Discurso, o sujeito não se reduz à dualidade especular eu/outro. O sujeito discursivo, como considera Orlandi (2002a, p. 49), tem de sujeitar-se à língua e à história para produzir sentidos e se constituir enquanto sujeito. Se o sujeito não submeter-se não se constitui, não produz sentidos. E é pelo funcionamento ideológico que esse processo acontece, pois, Orlandi afirma que, “Pela interpelação ideológica do indivíduo em sujeito inaugura-se a discursividade.” (ORLANDI, 2002a, p.48).

A autora acima citada considera que a teoria da Análise de Discurso procura romper com a estrutura dual do sujeito, para tomá-lo em sua diversidade e dispersão, reconhecendo no sujeito seu caráter contraditório, com a marca da incompletude. O sujeito é a partir daí ele mais a complementação do Outro, e o centro da relação é deslocada para o espaço discursivo criado entre ambos.

Nesse lugar teórico discursivo, em que o centro da relação está no espaço discursivo criado pela interação entre o *eu* e o *tu*, a noção de ideologia é fundamental para a compreensão do sujeito. Sobre isso Henry (2010, p. 30, 31) explicita que, “segundo Althusser, é tendo como referência a ideologia que Pêcheux introduz o sujeito enquanto efeito ideológico elementar. É enquanto sujeito que qualquer pessoa é “interpelada” a ocupar um lugar determinado no sistema de produção”. Assim sendo, o sujeito da Análise de Discurso não é o sujeito empírico, mas o sujeito enquanto posição, posto que, o que funciona na discursividade é a posição-sujeito projetada no discurso pelo mecanismo das formações imaginárias. Nesse sentido, Orlandi (2002a) assevera que:

Podemos começar por dizer que a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer. Partindo da afirmação de que a ideologia e o inconsciente são estruturas-funcionamentos, M. Pêcheux diz que sua característica comum é a de dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências “subjetivas”, entendendo-se “subjetivas” não como “que afetam o sujeito”, mas mais fortemente, como “nas que se constitui o sujeito”. Daí a necessidade de uma teoria materialista

do discurso – uma teoria não subjetivista da subjetividade – em que se possa trabalhar esse efeito de evidência dos sujeitos e também a dos sentidos. (ORLANDI, 2002a, p. 46)⁶.

A autora afirma que a ideologia é função da relação necessária entre a linguagem e o mundo, em um trabalho de refração de um sobre o outro e a relação do sujeito com a língua, a história e o sentido se dá pelo gesto de interpretação. Desse modo, marca-se na língua a subjetivação e sua relação com a exterioridade. Orlandi assevera também que “[...] não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados.” (ORLANDI, 2002a, p. 47).

A ideologia, no que é posto pela teoria da Análise de Discurso, é constitutiva da prática discursiva, sendo um efeito de toda e qualquer relação do sujeito com a linguagem. As ilusões do sujeito de ser a fonte do que diz e de que o dizer não pode ser outro, são marcas da presença da ideologia. São os mecanismos ideológicos que interpelam o indivíduo em sujeito, a partir da submissão deste à língua, que se inscreve na história para fazer sentido. Assim, Orlandi (2012a, p. 145) afirma que “sujeito e sentido são constituídos pela ordem significante na história, e o mecanismo de sua constituição é ideológico”.

É a ideologia que possibilita a interpretação de todo e qualquer material simbólico ao qual se tem acesso, sobre isso Orlandi (2002a) considera que a ideologia provoca no sujeito a ilusão do sentido literal, de que o sentido não pode ser outro e que está já sempre lá inerente ao signo. Essa impressão da literalidade apaga a existência da interpretação, dando a impressão da transparência da linguagem e da história como se não pudessem ser interpretadas por determinações históricas – produzindo o efeito de evidência. É esta a função da ideologia, produzir evidências, de modo que a relação do homem com sua realidade seja meramente imaginária.

O *discurso*, objeto teórico da Análise de Discurso (AD) é definido por Orlandi como o “movimento dos sentidos, errância dos sujeitos, lugares provisórios de conjunção e dispersão, de unidade e de diversidade, de indistinção, de incerteza, de trajetos, de ancoragem e de vestígios” (ORLANDI, 2002a, p.10). O discurso é palavra em movimento, é o sentido que se constitui na língua posta em funcionamento na interlocução entre o homem e o outro

⁶ A evidência do sentido – a que faz com que uma palavra designe uma coisa – apaga o seu caráter material, isto é, faz ver como transparente aquilo que se constitui pela remissão a um conjunto de formações discursivas que funcionam com uma dominante. As palavras recebem seus sentidos de formações discursivas em suas relações. Este é o efeito da determinação do interdiscurso (da memória). Por sua vez, a evidência do sujeito – a de que somos sempre já sujeitos – apaga o fato de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Esse é o paradoxo pelo qual o sujeito é chamado à existência: sua interpelação pela ideologia. (ORLANDI, 2002a, p.46)

homem, na sua relação com o seu meio natural, social e histórico. É na instância do discurso, objeto sócio histórico, que o homem significa e se significa. Orlandi (2002a) atesta o discurso como o que possibilita ao homem a permanência ou o deslocamento, a transformação de si e da sua realidade, estando, o discurso, na base da produção da existência humana.

O discurso se materializa na língua e também funciona como lugar de materialização da ideologia. A Análise de Discurso trabalha essa relação: língua-discurso-ideologia. Para Orlandi (2002a), a definição de discurso, por sua vez, distancia-se da noção de mensagem que pode ser representada pelo esquema elementar da comunicação, idealizado por Roman Jakobson (1963)⁷, que funciona a partir de um emissor, que transmite uma mensagem a um receptor, mensagem esta formulada por meio de um código, referindo a algum elemento da realidade – o referente.

Para a Análise de Discurso, considera-se o discurso constitutivo do funcionamento da linguagem, em que estão em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, formando um complexo processo de constituição dos sujeitos e dos sentidos envolvidos nesse processo. “As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados” (ORLANDI, 2002a, p. 21).

Enquanto discurso, o objeto da Análise de Discurso articula-se às condições de produção, aos sujeitos, à memória discursiva. A noção de memória discursiva é fundamental para o discurso, visto que é na atualização do dizível, pela produção do dizer que se constitui o discurso trabalhado pelo funcionamento do interdiscurso, aquilo que fala antes em outro lugar, independentemente. Os processos discursivos fazem emergir os sentidos que estão na memória discursiva. Courtine (1985) considera que podemos pensar dois eixos que fazem parte da constituição do discurso: o eixo da constituição do dizer, eixo vertical, e o da formulação, eixo horizontal, de modo que todo dizer se dá na relação entre esses dois eixos:

Situamos a memória justamente no eixo vertical: são enunciações que se estratificam no eixo vertical de tal maneira que qualquer formulação se dá determinada pelo conjunto das formulações já feitas. No entanto, há uma particularidade que define a natureza da memória discursiva: trata-se do fato que quando enunciamos há esta estratificação de formulações já feitas que

⁷ “A atividade comunicativa é representada como transmissão de um conteúdo semântico fixo entre dois pólos, igualmente definidos, encarregados de codificar ou decodificar o conteúdo, segundo as restrições de um código igualmente fixo.” JAKOBSON, R., *Linguistique et théorie de la communication*, inssais de linguistique générale, vol. I, Paris, Les Editions de Minuit, 1963, p. 87.

presidem nossa formulação e formam o eixo de constituição de nosso dizer. Mas são formulações já feitas e esquecidas. Por isso é que podemos afirmar que a memória discursiva é constituída pelo esquecimento.⁸ (COURTINE, 1985, *apud* ORLANDI, 2006, p. 21).

As palavras em um determinado enunciado não trazem apenas o sentido que pretendemos lhe atribuir naquele momento, elas fazem emergir sentidos outros que já lhes foram atribuídos em outros momentos e em outros contextos. Todo dizer se significa a partir de um já dito, que foi esquecido e que constitui a memória de dizer. Essas enunciações que já foram ditas e sedimentadas, que afloram na constituição do nosso dizer, povoam de sentidos o interdiscurso. Por conseguinte, segundo Orlandi (2002a, p. 32), o interdiscurso é a possibilidade de remetermos um dizer, podendo tratar uma filiação de dizeres, uma memória e identificá-la à sua historicidade.

Nessa perspectiva discursiva, não se trabalha os dados linguísticos como meras ilustrações, mas sim como fatos de linguagem, constituídos de uma memória, de espessura, de materialidade. Portanto, o interdiscurso traz em si a historicidade enquanto constituição do dizer. É o interdiscurso e a historicidade que, em determinadas condições de produção, determinam o que é relevante para a discursividade, e:

Pelo funcionamento do interdiscurso suprime-se, por assim dizer, a exterioridade como tal para inscrevê-la no interior da textualidade. Isso faz com que, pensando-se a relação da historicidade (do discurso) e a história (tal qual se dá no mundo), é o interdiscurso que especifica, como diz M. Pêcheux (1983), as condições de produção nas quais um acontecimento histórico (elemento histórico descontínuo e exterior) é suscetível de vir a inscrever-se na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio a uma memória. (ORLANDI, 2002a, p. 33).

A história é, por assim dizer, uma noção fundamental para a compreensão do(s) sentido(s), visto que nenhuma palavra, frase ou texto, faz sentido se não inscrever-se na história. Para a Análise de Discurso, segundo Orlandi (2012a), a história não é entendida

⁸ Segundo M. Pêcheux (1975, *apud* ORLANDI, 2002a, p. 34, 35), podemos distinguir duas formas de esquecimento no discurso. O esquecimento número dois, que é da ordem da enunciação: ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e, ao longo de nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro. (...) o esquecimento número um, também chamado esquecimento ideológico: ele é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pré-existentes.

como algo exterior, atomizado, cronológico e temporal. Porém, há certa ligação entre a história externa ao texto e a historicidade do texto, ou seja, as filiações de sentidos que já significam pela memória, outros dizeres/palavras que no texto significam pela história. No entanto, essa relação não é certa e precisa, mas sim complexa. A relação da língua com a história é constitutiva, visto que a sua relação com a exterioridade está inscrita no próprio texto. Nessa perspectiva, trabalha-se o texto enquanto materialidade histórica.

A historicidade é o funcionamento dos sentidos no texto, sendo como eles trabalham para que o texto faça sentido. Para compreender um texto, o leitor precisa se relacionar com os diferentes processos de significação que se movimentam no texto, e, segundo Orlandi, “Esses processos, por sua vez, são função da historicidade, ou seja, da história do(s) sujeito(s) e do(s) sentido(s) do texto enquanto discurso.” (ORLANDI, 2012a, p. 56), sendo a história do sujeito e do sentido inseparável, de modo que, ao produzir sentido, o sujeito se constitui. Temos, assim, a dimensão histórica do sujeito enquanto acontecimento simbólico, pois só há sentido pela história, tanto para o sujeito quanto para a linguagem. Quando falamos, o fazemos por um gesto de interpretação, ao relacionar a língua com a história e, assim, nos filiamos a redes de sentido, pelo funcionamento da ideologia e do significante.

O sujeito da Análise de Discurso é pensado enquanto uma “posição” dentre outras. É a posição que o indivíduo toma para fazer significar o que diz e se constituir enquanto sujeito do dizer. Dessa forma, ao tomar a palavra, o indivíduo ocupa uma posição-sujeito, mesmo não tendo acesso à exterioridade que lhe constitui. Orlandi (2006) ressalta que para melhor compreender o que é o sujeito discursivo é necessário compreender o que é a “forma-sujeito”, para tanto, a autora tomando os estudos de Althusser (1973) sobre a forma-sujeito, considera que “[...] todo indivíduo humano, isto é, social, só pode ser agente de sua prática se se revestir da forma-sujeito. A forma-sujeito, de fato, é a forma da existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais.” (ALTHUSSER, 1973, *apud* ORLANDI, 2006, p. 18). Orlandi afirma que é na análise das propriedades discursivas da forma-sujeito que temos acesso ao ego-imaginário enquanto sujeito do discurso e, também, que, segundo Pêcheux (1997):

Não podemos pensar o sujeito como origem de si. Aí se estabelece o teatro da consciência segundo o qual o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, pelo simbólico. Dessa interpelação do indivíduo em sujeito resulta uma forma-sujeito histórica. Esta por sua vez sofre um processo de individualização pelo Estado e aí reencontramos o indivíduo agora não mais

bio e psico, mas social, resultado de processos institucionais de individualização. Esse indivíduo que hoje se distingue do indivíduo constituído, por exemplo, na Idade Média. Isto porque as formas-sujeito históricas que resultam da interpelação do indivíduo em sujeito diferem de sua constituição histórica, no complexo das formações ideológicas. (PÊCHEUX, 1997, *apud* ORLANDI, 2006, p. 18, 19).

No contexto sócio-histórico vigente, temos em funcionamento uma forma-sujeito histórica de direitos ou sujeito jurídico. Esse sujeito, conforme considera Orlandi, “se determina o que diz, no entanto, é determinado pela exterioridade na sua relação com os sentidos.” (ORLANDI, 2002a, p.50). Pode-se, então, dizer tudo o que se propuser, submetendo-se à língua para fazê-lo. Por assim ser, para a Análise de Discurso, o sujeito e os sentidos que consideramos em nosso trabalho não são idealizados, mas sim constituídos materialmente nas suas relações com a história e a sociedade.

2.2 A argumentação e o imaginário discursivo

Considerando a materialidade linguística que constitui o *corpus*, a questão da argumentação também ocupa lugar importante para a construção dos sentidos sobre/para a mulher nas Preleções, razão pela qual trataremos teoricamente do assunto pela perspectiva semântica e discursiva. Para tanto, tomamos Guimarães (2005), em seus estudos sobre a argumentação, a partir de Ducrot e Anscombe:

Interessa-nos, particularmente, esta semântica por algumas razões: 1- a questão da argumentação, considerada na retórica sob vários modos, aparece nesse caso com um tratamento que podemos chamar de linguístico, no sentido de que a questão da argumentação é vista como uma relação de sentidos na linguagem; 2 esta abordagem como uma relação de linguagem se põe como uma questão enunciativa, ou seja, a argumentação não é uma relação da linguagem com o mundo, os objetos, ou derivada desta relação, é uma relação que orienta de um sentido para outro que se interpreta, então, como uma conclusão, numa enunciação particular; 3 a questão argumentativa pode ser importante para pensar a textualidade, de um lado, e a relação, que consideraremos posteriormente, entre interdiscurso/língua/enunciação, por outro. (GUIMARÃES, 2005, p. 49).

Assim, Guimarães (2005) considera importante a noção de argumentação, por ser vista como uma relação de sentidos na linguagem que se orienta de um sentido para outro, na direção de uma conclusão.

Os fenômenos que marcam a argumentação na linguagem são variados, porém, neste trabalho, trataremos apenas dos operadores argumentativos. Esses elementos linguísticos são semanticamente definidos como os que têm a função de marcar a forma argumentativa nos enunciados, indicando a direção de sentidos. A argumentação pode se apresentar enquanto *classe* argumentativa e *escala* argumentativa. A primeira é composta de um conjunto de enunciados, que serve de argumentos para uma mesma conclusão e a segunda, por sua vez, refere-se a argumentos que deixam subentendidos a existência de uma escala gradativa de argumentos diferentes. Dito de outro modo, a escala argumentativa se estabelece quando dois ou mais enunciados de uma mesma classe se mostram com força crescente a uma conclusão.

Guimarães (2005, p. 50), partindo dos estudos desenvolvidos por Ducrot e Anscombre, considera que as relações argumentativas não são absolutas. Sendo assim, um argumento não é uma prova, mas, sim, uma razão dada ao interlocutor para aceitar uma dada conclusão. Os argumentos têm entre si uma relação de maior e menor força para uma determinada conclusão.

Assim, a partir da semântica argumentativa, é só com a presença do operador argumentativo que a relação de argumentação fica marcada na língua. É desta forma que se constitui o conceito de escala e classe argumentativa.

Guimarães, com base em Ducrot (1973), explicita que esse funcionamento se dá da seguinte forma:

Uma escala argumentativa é uma classe argumentativa ordenada pela força menor e maior dos enunciados. Ou seja, se p e p' são argumentos para uma conclusão r , p' é sempre mais forte que p :



E para Ducrot, o que ele inclui nestas escalas não são enunciados que numa dada circunstância podem servir de argumento para uma conclusão. Para ele os enunciados são de uma escala argumentativa quando trazem uma marca

da língua, em outras palavras, quando a relação de argumentação está na língua. (GUIMARÃES, 2005, p. 51).

Nessa perspectiva da Semântica, a argumentação é constitutiva dos enunciados e não o resultado do seu uso. É considerada como uma relação de linguagem, de significação.

Ou seja, um argumento não é algo que indica um fato que é capaz de levar a uma conclusão. Um argumento é um enunciado que ao ser dito, por sua significação, leva a uma conclusão (uma outra significação). Mais especificamente, argumentar é dar uma diretividade ao dizer. (GUIMARÃES, 2005, p. 76).

Consideramos importante trazer alguns exemplos de operadores argumentativos, para contextualizar as funções que lhes são aplicadas pelo viés linguístico e gramatical. Segundo Ingedore Koch (2008), os principais operadores argumentativos podem se apresentar com as seguintes funções:

Assinalar o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de uma conclusão: *até, mesmo, até mesmo, inclusive*.

Somar argumentos a favor de uma mesma conclusão: *e, também, ainda, nem (= e não), não só, mas também, tanto...como, além de..., além disso, a par de...*

Introduzir uma conclusão relativa a argumentos apresentados em enunciados anteriores: *portanto, logo, por conseguinte, pois, em decorrência, conseqüentemente*.

Introduzir argumentos alternativos que levam a conclusões diferentes ou opostas: *ou, ou então, quer...quer, seja...seja*.

Estabelecer relações de comparação entre elementos com vistas a uma dada conclusão: *mais que, menos que, tão...como*.

Introduzir uma justificativa ou explicação relativa ao enunciado anterior: *porque, que, já que, pois*.

Introduzir pressupostos no enunciado: *já, ainda, agora*.

Distribuir em escalas opostas: afirmação total ou negação total: *quase, apenas*.

Operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias: *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, embora, ainda que, posto que, apesar de (que)*.

Todavia, para a análise do discurso, a argumentação, através dos operadores argumentativos, se dá como marca de antecipação e memória de sentidos em funcionamento na língua, pelo imaginário discursivo. Sobre isso, afirma Orlandi:

Há duas noções que estão na base do mecanismo da argumentação e que desempenham um papel importante na articulação da linguagem com a

ideologia e o político': 1. a noção de antecipação, sustentada pelo funcionamento das formações imaginárias (posições-sujeito); 2. a noção de esquecimento ligada ao interdiscurso (exterioridade discursiva). (ORLANDI, 1998a, p. 73, 74).

A antecipação, sustentada pelo funcionamento das formações imaginárias, se configura pelas posições-sujeito, sendo o sujeito não um indivíduo de carne e osso, mas um lugar de significação constituído historicamente. Os lugares não são os da estrutura social, mas lugares atribuídos pelo imaginário, no discurso, como considera Orlandi em “Essas posições, como sabemos, correspondem mas não equivalem à simples presença física dos organismos humanos[...] São lugares "representados" no discurso, isto é, estes lugares estão presentes mas transformados nos processos discursivos.” (ORLANDI, 1998a, p. 75). Assim, na medida em que aquele que fala, pelo jogo das formações imaginárias, o faz antecipando o sentido que pensa ser o que o outro queira ouvir. O sujeito de linguagem, por sua vez, é impelido por uma antecipação de sentido que não lhe é consciente. Assim considera Orlandi:

[...] segundo o mecanismo de antecipação, todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor “ouve” suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. Este espectro varia amplamente desde a previsão de um interlocutor que é seu cúmplice até aquele que, no outro extremo, ele prevê como adversário absoluto. Dessa maneira, esse mecanismo dirige o processo de argumentação visando seus efeitos sobre o interlocutor. (ORLANDI, 2002a, p. 39).

Esse funcionamento discursivo se assenta nas chamadas formações imaginárias produzidas pelos sujeitos, de maneira que o que funciona no discurso são as imagens resultantes das projeções. Os sujeitos físicos ou empíricos e os lugares sociais que são ocupados por esses sujeitos não governam o discurso, visto que as projeções permitem a transferência do lugar empírico para à posição no discurso. Nessa perspectiva, M. Pêcheux (1969) considera que:

não há apreensão perceptiva do referente, do outro e de si mesmo como condições pré-discursivas do discurso, supomos que a percepção é sempre atravessada pelo já ouvido e o já dito através dos quais se constitui a substância [nós diríamos a "matéria"] das formações imaginárias. (PÊCHEUX, 1969, *apud* ORLANDI, 1998a, p. 75, 76).

Os sentidos que constituem o discurso são provenientes das formações discursivas em que as palavras e o sujeito se inscrevem. Os sentidos não estão colados nas palavras, como sendo propriedades da língua, mas são provenientes das formações discursivas governadas por formações ideológicas. Orlandi (2002a, p. 43) define a formação discursiva “como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”. Desse modo, os sentidos são determinados ideologicamente. É nessa relação de sentidos, marcados por traços ideológicos na discursividade, que palavras se relacionam com outras e que os discursos sempre estão em relação, seja por dizeres de agora ou por dizeres que estão na memória, no interdiscurso. Assim é que se estabelece a noção de metáfora que, como afirma Orlandi, não é considerada como figura de linguagem, como o faz a retórica, para a autora, “a metáfora (cf. Lacan, 1966) é aqui definida como a tomada de uma palavra por outra. Na análise de discurso, ela significa basicamente “transferência”, estabelecendo o modo como as palavras significam.” (ORLANDI, 2002a, p. 44).

A transferência de sentidos, as diferentes posições-sujeito, dentre outros funcionamentos discursivos, faz pensar a condição de *incompletude* da linguagem, que é a possibilidade de os sentidos e os sujeitos serem sempre outros, ou seja, de as palavras significarem diferentemente, em diferentes contextos (formações discursivas). A possibilidade do mesmo e a instauração do diferente marcam a discursividade na linguagem, como propõe Orlandi:

Daí considerarmos que todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim retorno aos mesmos espaços de dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura no processo de significação. Ela joga com o equivoco. (ORLANDI, 2002a, p. 36).

Orlandi (1998b, p.14, 15) considera que a relação contraditória entre paráfrase e polissemia é o eixo estruturante do funcionamento da linguagem, pois que, o mesmo/a repetição e o diferente só se constituem um em relação ao outro. A diferença é necessária para a constituição dos sentidos e dos sujeitos. Também, nesse processo, o interdiscurso, a memória discursiva são fundamentais, posto que é pela retomada dos sentidos que já significam em nós, que recortamos o que é significativo naquilo que formulamos.

2.3 Ritual de linguagem e acontecimento discursivo

Tomamos neste estudo, o ritual em sua possibilidade à falha, a brechas que dão vazão à resistência, a constituição dos sentidos, dos sujeitos, enfim, dos discursos. Segundo os conceitos da teoria da Análise de Discurso, o ritual de linguagem se dá em determinadas condições de produção, que se ligam ao sujeito, à situação imediata, ao contexto sócio-histórico e ideológico, sendo a maneira pela qual a memória discursiva mobiliza os processos de produção do discurso. Os sentidos pré-existentes que estão na base do dizível, que constituem a memória discursiva, são retomados e sustentam as formulações. É o interdiscurso que mobiliza a exterioridade no interior da textualidade, de modo que a língua funciona como um modo de textualização da história.

A ideologia e o inconsciente funcionam inscrevendo os dizeres a redes de sentidos. É assim que os nossos dizeres significam, retomando palavras e sentidos pré-existentes, promovendo o movimento e a significação dos sujeitos e dos sentidos. Esse movimento entre o mesmo e o diferente, ou seja, entre a paráfrase e a polissemia atesta, segundo Orlandi (2002a), o confronto entre o simbólico e o político, posto que todo dizer é atravessado pela ideologia e é na língua que a ideologia se materializa. Vemos assim que é pela relação entre o linguístico e o político que os sentidos e os sujeitos são produzidos. Os sujeitos, pela repetição, estão sempre promovendo o novo, o diferente, o possível como afirma Orlandi (2002a, p. 38) “Num espaço fortemente regido pela simbolização das relações de poder”.

Para a Análise de Discurso, a possibilidade da linguagem é a incompletude, o não fechamento dos sentidos, que se materializam pelo efeito metafórico, nas palavras que falam por outras, nos sujeitos que deslizam enquanto posição para outras, de forma que, conforme Orlandi, “Nem sujeitos nem sentidos já estão completos, já feitos, constituídos definitivamente. Constituem e funcionam sob o modo do entremeio, da relação, da falta, do

movimento.” (ORLANDI, 2002a, p. 52). Essa falta, essa incompletude que comprova a abertura do simbólico, atesta também o lugar do possível.

É por esse viés que, nesse estudo, consideramos o fato de uma mulher chegar à presidência do Brasil enquanto um acontecimento histórico que, pela falha na língua [presidente > Presidenta], inaugura um acontecimento discursivo. Dizer *Presidenta* ao invés de *presidente* configura-se, para nós, uma quebra no ritual da língua, proveniente dos movimentos e deslocamentos da rede de sentidos que constituem a memória discursiva, em relação àquele que ocupa a posição de presidência do país. Temos a língua, na sua sujeição à falha, enquanto a possibilidade mesma de resistência.

Consideramos assim, em nossa leitura, as relações de poder, funcionando entre ser homem e ser mulher, em nossa sociedade, posto que, como afirma Orlandi, a “análise de discurso trabalha as relações de poder simbolizadas em uma sociedade dividida” (ORLANDI, 2012b, p. 55). Vimos que não há sentido, nem sujeito, que não seja dividido no discurso, por suas diferentes inscrições na história, em diferentes formações discursivas, as quais, por sua vez, são a projeção da ideologia no dizer, conforme vemos com Orlandi:

O político, tal como pensamos discursivamente está presente em todo discurso. Não há sujeito, nem sentido, que não seja dividido, não há forma de estar no discurso sem uma posição-sujeito e, portanto, inscrever-se em uma ou outra formação discursiva que, por sua vez, é a projeção da ideologia no dizer. As relações de poder são simbolizadas e isso é o político. (ORLANDI, 2012b, p. 55).

Entendemos, assim, o político enquanto inscrição/posicionamento, direção constitutiva da posição-sujeito, inscrita em uma formação discursiva, determinada pela ideologia. Pois que, o próprio gesto de interpretação, pelo viés discursivo, é político. O poder toma corporeidade enquanto discurso, simbolizando-se pelo político. Essas relações de poder, que funcionam pelo imaginário discursivo, têm suas direções determinadas ideologicamente.

Althusser, citado por Pêcheux (1990a, p. 17), caracteriza as práticas ideológicas como “reguladas por *rituais* nos quais as práticas se inscrevem no seio da existência de um aparelho ideológico, mesmo que seja uma mínima parte deste aparelho: uma pequena missa em uma pequena igreja, um enterro, um pequeno jogo em uma sociedade esportiva, etc.”. Michel Pêcheux, reafirmando a tese de Althusser, acrescenta:

a interpelação ideológica como *ritual* supõe o reconhecimento de que não há ritual sem falha, desmaio ou rachadura: uma “palavra por outra” é uma definição (um pouco restritiva) da metáfora, mas é também o ponto em que um ritual chega a se quebrar, no lapso ou no ato falho. [...] É através destas quebras de rituais, destas transgressões de fronteiras: o frágil questionamento de uma ordem, a partir do qual o lapso pode tornar-se discurso de rebelião, o ato falho, de motim e de insurreição; o momento imprevisível em que uma série heterogênea de efeitos individuais entra em ressonância e produz um *acontecimento histórico* rompendo o círculo da repetição. (PÊCHEUX, 1990a, p. 17).

Essas quebras de *rituais* se configuram como resistência ao discurso de dominação, promovendo deslocamentos e rupturas no processo de significação, possibilitando a inscrição de um acontecimento histórico na memória discursiva, pela quebra do ritual, das regularidades. Dessa maneira, rompe-se o círculo da repetição, dando lugar ao novo, a sentidos outros. É por esse funcionamento que, segundo Pêcheux (1990a), surge a figura do porta-voz, falando em nome daqueles que representa:

É neste momento que surge o *porta-voz*, ao mesmo tempo ator visível e testemunha ocular do acontecimento: o efeito que ele exerce falando “em nome de...” é antes de tudo um efeito visível, que determina esta conversão do olhar pelo qual o invisível do acontecimento se deixa enfim ser visto: o porta-voz se expõe ao olhar do poder que ele afronta, falando em nome daqueles que ele representa, e sob o seu olhar. (PÊCHEUX, 1990a, p. 17).

Segundo o autor, o porta-voz é o negociador, que circula por diferentes posições, como a do profeta, do homem de Estado, do dirigente, que se representam como um “nós”, que se mantém invisível e cuja voz se mantém apagada.

2.4 Um breve percurso pela noção de *ethos*

Amossy (2008, p. 9) afirma que “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si.”. Mesmo que o sujeito de linguagem não exponha suas qualidades, a imagem de si é construída em seu discurso. Pois “Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédias, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa.” (AMOSSY, 2008, p. 9).

Essa imagem de si, denominada *ethos*, era considerada por Aristóteles, como um meio de garantir o sucesso da oratória. Roland Barthes (*apud* AMOSSY, 2008, p. 10), retoma os componentes da antiga retórica como “os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão: é o seu *jeito* [...]. O

orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: sou isto não sou aquilo”. Desta forma, o autor retoma as ideias de Aristóteles, que afirmava que o discurso deve quase todo seu poder de persuasão ao caráter moral.

Amossy (2008) considera que, na atualidade, tanto os estudos que seguem as diferentes correntes da Análise de Discurso, como as da Pragmática, retomam a maneira de Aristóteles, nos estudos da retórica, buscando o entendimento e a explicação de como o discurso se torna eficaz.

Nessa perspectiva, consideramos, conforme Amossy (2008), que essa construção da imagem de si, que se configura como o principal elemento da máquina retórica, se liga fortemente à noção de enunciação de Émile Benveniste, posto que, o ato de produção de um enunciado requer necessariamente a existência de um locutor para fazê-lo. Da mesma forma, a inscrição do locutor à enunciação e a marca da subjetividade na língua são marcas da construção da imagem da pessoa. Desse modo, Benveniste toma a enunciação como uma forma de discurso em que se instauram duas “figuras”, as quais compartilham da mesma importância no ato enunciativo, sendo uma “figura” fonte da origem e a outra o destino da enunciação. A autora supracitada afirma que, “a enunciação é por definição alocação; de uma forma explícita ou implícita, “ela postula um alocutário” e conseqüentemente estabelece uma “relação discursiva com o parceiro” que coloca a figura do locutor e do alocutário em relação de dependência mútua.” (AMOSSY, 2008, p. 11).

Uma noção que, para Amossy (2008), também se faz fundamental na construção do *ethos* é a de *estereotipo*, que, segundo a autora, “consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado. Assim, a comunidade, avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ela difundida e no interior da qual ela o classifica.” (AMOSSY, 2008, p.125, 126). Assim, as ideias prévias e a imagem que o sujeito de linguagem constrói no discurso não são tomadas singularmente, para que essas ideias e imagem sejam assumidas, reconhecidas e legitimadas pelo auditório, é preciso que a compreensão desse auditório seja correspondente a do sujeito de linguagem.

Para a autora, a imagem que o locutor faz de seu auditório, seja certa ou errada, é o que guia sua oratória. Assim, o discurso é organizado pensando-se o público alvo, sua categoria social, étnica, política e outras. É com base nas premissas que sustentam essas categorias que o discurso se organiza. Nessa mesma perspectiva, “é o conjunto das

características que se relacionam à pessoa do orador e a situação na qual esses traços se manifestam que permitem construir sua imagem.” (AMOSSY, 2008, p. 126). A reconstrução dessa imagem está ligada a modelos culturais que ajudam integrar os dados a um esquema preexistente.

Porém, pelo viés da teoria da Análise de discurso, o conceito de *ethos* ganha outra dimensão. Maingueneau (1997, p. 45) assevera que não podemos esquecer que a noção de discurso é intrínseco daquilo que pode ser designado de uma “voz”. E que, “A AD, entretanto, só pode integrar a questão do *ethos* retórico, realizando um duplo deslocamento.” (Idem, 1997, p. 45).

Em primeiro lugar, precisa afastar qualquer preocupação “psicologizante” e “voluntarista”, de acordo com a qual o enunciador, à semelhança do autor, desempenharia o papel de sua escolha em função dos efeitos que pretende produzir sobre seu auditório. Na realidade, do ponto de vista da AD, esses efeitos são impostos, não pelo sujeito, mas pela formação discursiva. Dito de outra forma, eles se impõem àquele que, no seu interior, ocupa um lugar de enunciação, fazendo parte integrante da formação discursiva, ao mesmo título que as outras dimensões da discursividade. *O que é dito e o tom com que é dito* são igualmente importantes e inseparáveis. (MAINGUENEAU, 1997, p. 45, 46).

Conforme Maingueneau, podemos compreender que no funcionamento da enunciação os interlocutores não têm o domínio total da articulação da sua oratória para a construção de sua imagem, mas sim, que são os sentidos postos em funcionamento, pela formação discursiva a que o sujeito inscreve suas palavras, que impõem os efeitos que se produzem no contexto enunciativo.

O outro deslocamento necessário para a compreensão do *ethos*, pelas vias discursivas, trata-se de que:

[...] a AD deve recorrer a uma concepção do *ethos* que, de alguma forma, seja transversal à oposição entre o oral e o escrito. A retórica organizava-se em torno da palavra viva e integrava, conseqüentemente, à sua reflexão o aspecto físico do orador, seus gestos bem como sua entonação. Na realidade, mesmo os corpus escritos não constituem uma oralidade enfraquecida, mas algo dotado de uma “voz”. Embora o texto seja escrito, ele é sustentado por uma voz específica: “a oralidade não é o falado”, como lembra H. Meschonnic, que preconiza “a integração do discurso ao corpo e à voz, bem como a do corpo e da voz ao discurso”. (MAINGUENEAU, 1997, p. 46).

Pela Análise de Discurso, não podemos considerar, como o faz a retórica, a construção do *ethos* apenas pela oralidade, pois que o discurso escrito traz em si uma “voz” específica que o sustenta. Uma voz que é concebida como uma das dimensões da formação discursiva. Ainda assim, sendo os elementos do *ethos* integrados à discursividade, esta deve ser entendida diferentemente: “o discurso é a partir daí, indissociável da forma pela qual “toma corpo”. Introduziremos aqui a noção de incorporação para designar esta mescla essencial entre uma formação discursiva e seu *ethos* que ocorre através do procedimento enunciativo.” (MAINGUENEAU, 1997, p. 48). Para tanto, Maingueneau faz esta “incorporação” atuar em três aspectos rigorosamente articulados:

- a formação discursiva confere “corporalidade” à figura do enunciador e, correlativamente, àquela do destinatário, ela lhes “dá corpo” textualmente;
- esta corporalidade possibilita aos sujeitos a “incorporação” de esquemas que definem uma maneira específica de habitar o mundo, a sociedade;
- estes dois primeiros aspectos constituem uma condição da “incorporação” imaginária dos destinatários ao corpo, o grupo dos adeptos do discurso. (MAINGUENEAU, 1997, p. 48).

Por essa perspectiva, chega-se à compreensão sobre a eficácia da linguagem, do poder que tem para o convencimento. Em uma situação enunciativa, o sujeito de linguagem, pelo funcionamento do imaginário, participa da produção de sentidos, pelo já dito, pelo que já se significa, pelo já vivido. O sujeito de linguagem não é apenas um receptor de informações, mas também participante ativo dos sentidos em elaboração. A propósito dessa questão, Maingueneau (1997, p. 49) considera que a “eficácia discursiva é constantemente integrada pelos textos publicitários, que mostram de forma paroxística aquilo que provavelmente constitui a tentativa de toda formação discursiva: convencer consiste em atestar o que é dito na própria enunciação, permitindo a identificação com uma certa determinação do corpo.”.

CAPÍTULO III

MOVIMENTO, DESLOCAMENTO, RUPTURA: ACONTECIMENTO DISCURSIVO

3.1 A palavra *Presidenta*: marca de uma posição ideológica

As formulações que tomamos das Preleções da candidata e Presidenta da República Federativa do Brasil, *Dilma Rousseff*, para nossa análise, são as que possibilitam, de algum modo, compreender na linguagem o funcionamento do político e do ideológico enquanto lugar de constituição dos sentidos e dos sujeitos. Cabe ressaltar que os *dizeres* sobre a mulher, de modo geral, se constituem pelo/no processo histórico-social e político de luta, pela igualdade de direitos entre mulher/homem em nossa sociedade. Pela teoria da Análise de Discurso, consideramos esse fato ligado à ideologia, marcada pelas rupturas e deslocamentos discursivos, separando e dividindo os sentidos, pela posição sujeito-homem (ideologia dominante) e a posição sujeito-mulher.

Tomamos, aqui, a luta, como um lugar de dizer da/sobre a mulher e enquanto uma voz que irrompe o silenciamento em nossa sociedade, cujo direito de *existência* sempre priorizou/manteve a posição masculina no poder. Buscamos nas reflexões de Pêcheux (1990a), sobre os espaços históricos das revoluções⁹, que tratam do funcionamento das ideologias dominantes e das ideologias dominadas, que “toda dominação ideológica é antes de tudo uma dominação interna, quer dizer, uma dominação que se exerce primeiramente na organização interna das próprias ideologias dominadas” (PÊCHEUX, 1990, p. 16). O autor considera que essas últimas se concebem sob a dominação ideológica e contra ela, e não em um mundo paralelo. É neste sentido que “[...] a questão da linguagem, a dos efeitos de fronteira e a da irrupção do irrealizado podem se amarrar à figura da *interpelação ideológica dos indivíduos em sujeitos* introduzida por L. Althusser” (Idem).

Ainda segundo Pêcheux, as práticas ideológicas se caracterizam como reguladas por rituais, inscritas e determinadas pelos aparelhos ideológicos. Sendo a interpelação ideológica um *ritual* com suas falhas, de onde os sentidos deslizam ao tomar uma palavra por outra, o discurso revolucionário faz supor retornos aos postos de resistência, que se dão pelas fendas, no equívoco.

⁹ Revolução Francesa de 1789, Revolução Socialista e das Revoluções Proletárias do século XX. Artigo: Delimitações, Inversões, Deslocamentos, 1990a.

A partir dos conceitos da Análise de Discurso, entendemos que, Dilma Rousseff, ao mobilizar a palavra *Presidenta*, como o modo discursivo de ser referida no cargo que ocupará/ocupa na política brasileira, faz funcionar sentidos que marcam, pela língua, uma ruptura histórica, que se configura pelo fato de uma mulher falar enquanto *Presidenta*. Esse modo de dizer marca uma falha no ritual, em que só o homem pode falar enquanto *Presidente*. Agora não somente o homem fala enquanto *presidente*, mas também a mulher fala enquanto *Presidenta*. Assim, compreendemos que, a palavra *Presidenta* marca pela linguagem o funcionamento da ideologia, ao fazer significar pelo seu lugar de dizer e de poder, na sociedade brasileira não apenas uma marca linguística, mas também uma marca ideológica:

(P3) A partir de minha posse serei presidenta de todos os brasileiros e brasileiras.

(P4) A partir deste momento sou a presidenta de todos os brasileiros, sob a égide dos valores republicanos.

A palavra *presidente* é classificada pela tradição gramatical enquanto adjetivo e substantivo comum de dois gêneros, independente do contexto da enunciação. Porém, pela via da Linguística, o paradigma da língua disponibiliza formular *Presidenta*, pois que, como assevera Pêcheux (2004, p. 68), “termos e expressões surgem, formados por derivação analógica (trascategorização) ou por composição. [...]. O caso bem conhecido dos adjetivos-substantivos derivados de nomes próprios [...] é igualmente muito frequente. Assim também no que se refere à feminização dos nomes de profissões.”.

Se no contexto da Revolução referida por Pêcheux, as condições impunham tais deslizamentos, no Brasil, mediante uma história hegemônica de dominação masculina em relação aos espaços de poder, a candidatura/eleição de Dilma Rousseff faz funcionar na formulação de *Presidenta*, os sentidos de interdição materializados na língua pela ideologia. Dilma refere-se como *Presidenta*, do lugar da presidência da República, rompendo com a regularidade do não uso da palavra, passando *Presidenta* a significar na história. Para nós as palavras não se justificam pelo viés gramatical, mas sim pelos sentidos que produzem nas suas relações com o contexto sócio histórico e ideológico. E, nas condições de produção do discurso em análise, de modo que dizer *Presidenta* produz o equívoco, pela falha no ritual da língua, funcionamento este pelo qual os gramáticos não se interessam. Essa falha na língua, decorrente do fato histórico, instaura o acontecimento discursivo, posto que, dizer *Presidenta*

marca o ponto de encontro de uma atualidade e uma memória. Se até então, do lugar da presidência do Brasil, uma mulher não se dizia *Presidenta*, esse fato irrompe-se como falha no ritual de dizeres/sentidos que só significavam o homem desse lugar. Os movimentos e deslocamentos de sentidos constituíram a fenda pela qual o invisível, o inexistente passa a ser visto e a significar na história.

Considerando que, ao dizer, o sujeito põe em movimento o sistema linguístico, também é verdade que, ao dizer, o sujeito se significa e põe em movimento uma rede de sentidos, de modo que os efeitos produzidos pelo substantivo *Presidenta*, em que a terminação “e” dá lugar a “a”, marcam a discursividade por lugares de dizer ideologicamente diferentes. Esses lugares de dizer se significam diferentemente. O “a” marca a inscrição ideológica da posição sujeito-mulher, que se construiu historicamente em nossa sociedade, e se reafirma ao provocar uma ruptura da regularidade hegemônica masculina na política brasileira. Isso se fez possível pela falha na língua, indicativa de deslocamento, nos modos de significar a mulher em nossa sociedade. Nesse movimento e acontecimento discursivo, abriu-se espaço para uma “outra” posição discursiva. Sobre esse funcionamento, Orlandi (1998b p. 9) atesta que “[...] ao falarmos nos filiamos a redes de sentido. Não aprendemos como fazê-lo. Isto fica por conta da ideologia e do inconsciente. E o fazemos em um gesto de interpretação na relação da língua com a história”.

Os movimentos de sentidos ocorrem por meio de movimentos constantes entre paráfrase e polissemia que, nesse caso, se materializam pelo mesmo, como em *presidente* e o diferente em *Presidenta*, não pelas palavras em sí, mas pela rede de sentidos às quais se inscrevem. Na sociedade brasileira, constitui-se com a eleição de Dilma, um espaço de sentidos em que não somente o homem se significa para o cargo de presidente do país. Rompe-se não só com a hegemonia masculina, mas também com a discursividade de um lugar de dizer único para o homem e de existência da mulher para o cargo de presidente do país. Ocorre uma quebra da regularidade discursiva, uma ruptura do ritual, posto que, os sentidos se constituem na relação entre língua, sujeito e mundo, pelo trabalho da ideologia, como vemos em “[...] o sujeito se submete à língua(gem) – mergulhado em sua experiência de mundo e determinado pela injunção a dar sentido, a significar(se) – em um gesto, um movimento sócio-historicamente situado em que se reflete sua interpelação pela ideologia.” (ORLANDI, 1999, p. 13). Orlandi ainda assevera que:

Como sabemos, a formação discursiva – lugar provisório da metáfora – representa o lugar de constituição do sentido e de identificação do sujeito. Nela o sujeito adquire identidade e o sentido adquire unidade, especificidade, limites que o configuram e o distinguem de outros para fora, relacionando-o a outros, para dentro. Essa articulação entre um fora e um dentro dão efeitos do próprio processo de interpelação. (ORLANDI, 1999, p. 13).

Para Orlandi, é se submetendo à linguagem que o indivíduo se constitui em sujeito e que a ideologia entra em funcionamento a cada tomada da palavra, cujos sentidos advêm das formações discursivas a que são inscritas em suas condições de produção. A partir desses pontos, reiteramos que Dilma Rousseff, ao referir-se como *Presidenta*, remete a sentidos de uma memória discursiva do lugar de dizer/silenciar a mulher na política nacional, produzindo sentidos de resistência, de estratégia ante ao poder já estabelecido, pelo qual só o homem podia falar enquanto presidente. Ao marcar a mulher, pela língua(gem), marca-se uma posição de resistência que funciona na busca da instauração de um espaço de existência às mulheres. É significar historicamente a mulher enquanto ser no mundo, no modo de ser, de dizer e de fazer, que se constroem os sentidos para o feminino, numa relação de correspondência e deslize, uma metáfora.

3.2 O porta-voz das mulheres brasileiras

Das relações de força e lutas ideológicas, irrompem-se sentidos outros, constituindo também sujeitos outros que passam a ocupar lugares diferentes nessas relações, de modo que, segundo Pêcheux, surgem os “representantes” do povo como porta-voz, como em “[...] nesse momento que surge o porta-voz, ao mesmo tempo ator visível e testemunha ocular do acontecimento: o efeito visual que determina esta conversão do olhar pelo qual o invisível do acontecimento se deixa enfim ser visto.” (PÊCHEUX, 1990a, p. 17). Nos recortes a seguir, empreenderemos, a partir dos dizeres de Dilma Rousseff, uma análise discursiva dos sentidos que marcam o funcionamento do porta-voz, como aquele que fala em nome daqueles que representa:

(P1)A missão que me confiam não é só de um partido ou de um grupo de partidos.
 Recebo-a como um mandato dos trabalhadores e de seus sindicatos.
 Dos movimentos sociais.
 Dos que labutam em nossos campos.

Dos profissionais liberais.
 Dos intelectuais.
 Dos servidores públicos.
 Dos empresários comprometidos com o desenvolvimento econômico e social do país.
 Dos negros. Dos índios. Dos jovens.
 De todos aqueles que sofrem ainda distintas formas de discriminação.
 Enfim, das mulheres.
 Para muitos, elas são "metade do céu". Mas queremos ser a metade da terra também. Com igualdade de direitos, salários e oportunidades. Quero com vocês – mulheres do meu país – abrir novos espaços na vida nacional. É com este Brasil que quero caminhar. É com ele que vamos seguir, avançando com segurança, mas com a rapidez que nossa realidade social exige.
 [...] Recebo essa missão especialmente como um mandato das mulheres brasileiras, como mais uma etapa no avanço de nossa participação política e como mais uma vitória contra a discriminação secular que nos foi imposta. Gostaria de repetir: quero com vocês, mulheres do meu País, abrir novos espaços na vida nacional.

Nesta sequência discursiva, pelo funcionamento da escala argumentativa conforme Ducrot (1973, *apud* GUIMARÃES, 2005), Dilma Rousseff fala que a missão de presidir o Brasil é confiada a ela não apenas por um partido ou por um grupo de partidos, mas que a recebe de vários segmentos da sociedade os quais vai enumerando até chegar ao segmento que significa como o mais importante: *enfim das mulheres*. O ponto máximo da enumeração *enfim das mulheres* argumenta numa certa direção, visto que o operador argumentativo *enfim* se marca como o argumento mais forte desta escala, sugerindo que principalmente as mulheres lhe confiam a missão de presidir, o que, nesse contexto, se dá como uma representação. Ela, *Dilma Rousseff*, é na presidência a representante das mulheres. É em seu nome [que é mulher] e em nome de todas as mulheres do país que fala e preside.

A Presidenta coloca-se enquanto mulher, juntamente de outras mulheres, enunciando todas em um só *eu*, ao afirmar não ser apenas “metade do céu” a partir de um *nós* que reúne a Presidenta e as mulheres, suas interlocutoras. O operador argumentativo *mas* marca a adversidade entre *ser metade do céu*, o abstrato, onde não se administra nada e ser a *metade da terra*, o lugar concreto, representado pela igualdade de direitos, salários e oportunidades, como lugar da mulher na sociedade. Essa formulação faz funcionar sentidos de uma memória de discriminação, de desigualdade histórica entre homens e mulheres, nos diferentes espaços sociais, sejam eles nas famílias, nas escolas, nas igrejas, no mercado de trabalho, em cargos de liderança, no salário, na política e outros. A palavra “muitos” que, nesse contexto, remete aos homens, sugere que o lugar da mulher era/é a “metade do céu”, o espaço abstrato, que

“não faz a diferença”, não interfere nas decisões, não direciona poder, não intervém materialmente no mundo.

Ao dizer que deseja não governar sozinha, mas sim, juntamente com as mulheres do seu país, para juntas abrirem novos espaços na vida nacional, a Presidenta afirma que é com este Brasil – metade do céu e metade da terra – que quer caminhar com segurança, *mas* com a rapidez que nossa sociedade exige. O operador argumentativo *mas*, nesta sequência discursiva, produz um efeito de adição entre o governo anterior e o governo de agora.

No recorte acima, o operador argumentativo *como*, juntamente com o modo *especialmente*, dá à candidata a presidência os sentidos de estar no mandato das mulheres brasileiras. O *eu* enunciador se apresenta como a serviço das mulheres, submetendo-se a seu comando, para avançar, e ser juntamente vitoriosas contra a discriminação e, junto com elas, abrir novos espaços na vida nacional. As formulações: *recebo, nossa participação, quero com vocês*, produzem o efeito de que quem enuncia é o porta-voz das mulheres brasileiras, daí sendo o seu mandato como mandato das mulheres brasileiras, como avanço na participação política da mulher, como uma vitória contra a discriminação secular. O enunciado *a discriminação secular que nos foi imposta* faz emergir sentidos de uma memória discursiva, como os da violência moral e violência física contra a mulher. É essa memória que faz os sentidos, mesmo não ditos, se reverberarem na constituição do dizer. Essa formulação, além de atualizar pela memória sentidos que já significaram historicamente, também se ressignifica pelas condições de produção imediatas, dentre as quais se destaca: é uma mulher que fala, que tem direito à palavra. Atesta-se, assim, a marca de uma militância no entorno de espaços à posição sujeito-mulher, presente nas Preleções da Presidenta, ao enunciar para e sobre as mulheres brasileiras.

Para a teoria a qual nos filiamos, a Análise de Discurso, os sentidos produzidos pelos operadores argumentativos, pronomes, verbos e outras categorias linguísticas que destacamos no recorte acima são marcas na língua, que produzem o funcionamento da discursividade, que, pelos mecanismos discursivos de antecipação comportados pelas formações imaginárias, fazem funcionar o que a candidata pensa que as mulheres, historicamente oprimidas queiram ouvir. E é pelo imaginário social que se formulam os mecanismos de antecipação, em que o sujeito enunciador, colocando-se no lugar do seu interlocutor, antecipa os sentidos que suas palavras produzirão, regulando discursivamente a argumentação. Segundo Orlandi (2002a, p.21) “As relações de linguagem são relações de

sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados”. Assim, os discursos funcionam pelas relações de sentidos em que um discurso se relaciona com outros que o sustentam e que apontam para outros que se constituirão.

Segundo Pêcheux (1990a, p.17):

[...] o porta-voz se expõe ao olhar do poder que ele afronta, falando em nome daqueles que ele representa, e sob o seu olhar. Dupla visibilidade (ele fala diante dos seus e parlamenta com o adversário) que o coloca em posição de negociador potencial, no centro visível de um “nós” em formação e também em contato imediato com o adversário exterior.

A partir de Pêcheux, compreendemos a posição discursiva do sujeito, dos excertos acima, como o de porta-voz da mulher brasileira. Um *porta-voz* enquanto mulher ocupando, nesse momento histórico, o papel de negociador dos interesses do grupo que representa. Os dizeres sobre a mulher estão inscritos nessa memória de discriminação e de luta pelos mesmos sentidos de direito concernente ao homem, e a inscrição desses dizeres nessa memória faz significar os dizeres de Dilma agora.

Na sequência, o recorte da P3 apresenta dizeres com as mesmas regularidades anteriores, porém *Dilma* enuncia já como mulher eleita Presidenta do Brasil, falando para brasileiras e brasileiros:

(P3) [...] pela primeira vez uma mulher presidirá o Brasil. Já registro, portanto aqui meu primeiro compromisso após a eleição: honrar as mulheres brasileiras, para que este fato, até hoje inédito, se transforme num evento natural. E que ele possa se repetir e se ampliar nas empresas, nas instituições civis, nas entidades representativas de toda nossa sociedade. [...] Gostaria muito que os pais e mães de meninas olhassem hoje nos olhos delas, e lhes dissessem: “Sim, a mulher pode!” Minha alegria é ainda maior pelo fato de que a presença de uma mulher na presidência da República se dá pelo caminho sagrado do voto, da decisão democrática do eleitor, do exercício mais elevado da cidadania.

Na P3, o que nos chama a atenção é a ênfase dada ao fato de que é já uma mulher, Presidenta eleita que enuncia. Essas formulações da Presidenta marcam um acontecimento discursivo, por inscrever na história um outro discurso, outro sujeito, outros sentidos para a posição da mulher na política brasileira. Dilma Rousseff enuncia que é imensa a sua alegria em estar ali, pois recebeu naquele dia, de milhões de brasileiras e brasileiros, a missão mais importante da sua vida. E que este fato está além de sua pessoa, pois se trata de uma

demonstração do avanço democrático do país: *pela primeira vez uma mulher presidirá o Brasil. Já registro portanto aqui meu primeiro compromisso após a eleição: honrar as mulheres brasileiras, para que este fato, até hoje inédito, se transforme num evento natural.* Das posições sujeito-mulher e sujeito-presidenta, o sujeito do discurso diz que seu primeiro compromisso é o de honrar as mulheres brasileiras, para que o fato de uma mulher administrar o Brasil, algo até o momento inédito, se transforme num “evento natural”, sugerindo dentre outros sentidos que, honrar as mulheres pode significar que Dilma tem de fazer bem feito para provar que as mulheres “podem” assumir responsabilidades político-administrativas e dar conta delas. Como também, honrando as mulheres, fazendo e trabalhando por elas, as mesmas chegarão a cargos de comando em outros setores da sociedade. Assim, o não-dito e sentidos até então inexistentes, significam neste enunciado para além do repetível, pois, pode-se dizer que os dizeres se sustentam por palavras já-ditas, como também por sentidos de palavras não-ditas.

A Presidenta recém-eleita diz que gostaria que os pais e as mães de meninas olhassem “hoje” nos olhos delas e dissessem, “Sim, a mulher pode!”. O termo *Hoje*, nessas condições de produção, funciona como um marcador histórico, que remete sentidos de um pré-construído para as condições de produção sócio-histórico-ideológicas em que uma “mulher pode ser Presidenta”. Agora é “fato”. É uma mulher eleita Presidenta do Brasil que enuncia como tal ao povo que presidirá/preside. As marcas linguísticas desses enunciados funcionam como litígio entre o ontem e o hoje, que significam pelos sentidos advindos de uma memória constitutiva do lugar da mulher na política brasileira. As declarações de *Dilma* reafirmam a ruptura, marcam um acontecimento discursivo, que se faz por outra posição ideológica, outra posição-sujeito. Hoje, não somente se fala da posição sujeito-homem da presidência, mas também da posição sujeito-mulher.

Dilma Rousseff enuncia que sua alegria é ainda maior pelo fato de que a presença de uma mulher na presidência da República se deu pelo caminho “sagrado” do voto, em que o termo *sagrado* refere aos avanços democráticos do país, a decisão democrática do eleitor, ao exercício mais elevado de cidadania, que pela decisão soberana do povo elegeu-se uma mulher para presidência. Compreendemos, no discurso da presidenciável, uma multiplicidade de posições-sujeito: posição sujeito-mulher, posição sujeito-político, posição sujeito-jurídico, etc.

Como assevera Pêcheux (1990b, p. 56):

O discurso não é independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas, só por sua existência, ele marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos. É um efeito das filiações sócio-históricas de identificação e ao mesmo tempo, um trabalho de deslocamento no seu espaço.

É pela/na língua, inscrita na história, que o discurso da primeira mulher eleita Presidenta do Brasil se significa. É a linguagem inscrita numa rede de filiações da memória de sentidos sobre as condições da mulher na sociedade brasileira, em especial, neste caso, na política brasileira, que os dizeres de Dilma Rousseff se significam, pois, se pela primeira vez uma mulher presidirá o Brasil. Esse fato irrompe-se como falha no ritual, significando que até então a mulher – enquanto posição discursiva – nunca havia chegado à presidência. E isso se significa pela rede parafrástica de sentidos da memória de discriminação à posição sujeito-mulher no Brasil. Esse acontecimento discursivo – uma mulher falando enquanto Presidenta – marca uma ruptura nessa rede de memória, em que até então apenas homens falaram enquanto tal.

Segundo Orlandi (2002a), a linguagem, pensada discursivamente, se produz num processo tenso de retomada do mesmo e de entrada do diferente. É nesse jogo contraditório – entre o parafrástico e o polissêmico – no qual a linguagem se assenta que os sentidos e os sujeitos se movimentam e se significam.

A autora considera que:

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas.

Sujeito à falha, ao jogo, ao acaso, e também à regra, ao saber, à necessidade. Assim o homem (se) significa. Se o sentido e o sujeito poderiam ser os mesmos, no entanto escorregam, derivam para outros sentidos, para outras posições. A deriva, o deslize é o efeito metafórico, a transferência, a palavra que fala com outras. (ORLANDI, 2002a, p. 53).

No recorte abaixo, parte da Preleção de posse, Dilma Rousseff destaca logo de principio o fato de ser a primeira mulher a ocupar a presidência da Republica, colocando que: *pela decisão soberana do povo, hoje será a primeira vez que a faixa presidencial cingirá o ombro de uma mulher.* Esta formulação, como outras que já analisamos, faz funcionar os

sentidos que movimentam a historicidade, produzindo uma ruptura no que concerne à memória política brasileira, no referente à discursividade – de poder dizer – de uma mulher na presidência da República.

(P4) Pela decisão soberana do povo, hoje será a primeira vez que a faixa presidencial cingirá o ombro de uma mulher. Sinto uma imensa honra por essa escolha do povo brasileiro e sei do significado histórico desta decisão. Sei, também, como é aparente a suavidade da seda verde-amarela da faixa presidencial, pois ela traz consigo uma enorme responsabilidade perante a nação. Para assumi-la, tenho comigo a força e o exemplo da mulher brasileira. Abro meu coração para receber, neste momento, uma centelha de sua imensa energia. E sei que meu mandato deve incluir a tradução mais generosa desta ousadia do voto popular que, após levar à presidência um homem do povo, decide convocar uma mulher para dirigir os destinos do país. [...] Venho para abrir portas para que muitas outras mulheres, também possam, no futuro, ser presidenta; e para que -no dia de hoje- todas as brasileiras sintam o orgulho e a alegria de ser mulher. Não venho para enaltecer a minha biografia; mas para glorificar a vida de cada mulher brasileira. Meu compromisso supremo é honrar as mulheres, proteger os mais frágeis e governar para todos!

Os sentidos de protagonismo e de representatividade, de porta-voz das mulheres brasileiras funcionam na retomada do mesmo sentido e do diferente, ou seja, da memória política brasileira em que uma mulher não pode falar enquanto presidente e dos sentidos que concernem à discursividade de uma mulher ocupando o cargo maior, a presidência da República do país. Assim também, o verbo transitivo “cingir” que, além de outros sentidos, significa “coroar” tem como complemento “o ombro de uma mulher”, faz emergir sentidos de uma memória do sagrado, de Virgem Maria, de mãe, que historicamente significam a mulher. Aqui, a decisão do povo, como “soberana”, é que dá o direito de a faixa presidencial “cingir”, como que coroando e consagrando, o ombro da mulher que “hoje” enuncia enquanto porta-voz das mulheres brasileiras, às quais compõem a maioria do “povo” deste país. O que o porta-voz enuncia é legitimado pelo povo que, juridicamente, teve o direito de instituí-lo seu representante, como considera Zoppi-Fontana (1997):

[...] o ato pelo qual o povo se constitui em *povo*, isto é, o ato de interpelação política dos indivíduos – já interpelados juridicamente como cidadãos pelo *Discurso dos Direitos dos Homens* o que os constitui em sujeito político sob a forma genérica da denominação *povo*, precede necessariamente ao ato de constituição do poder político, ou seja, ao ato de eleição do seu representante e é, portanto, o verdadeiro e único fundamento legítimo da sociedade civil. (ZOPPI-FONTANA, 1997, p. 74).

Ainda, na P4, a formulação *significado histórico desta decisão* faz sentido porque se inscreve como memória constitutiva da sociedade brasileira, cujos sentidos, ainda mesmo como *não-ditos*, significam-se na materialidade linguística dados os imaginários que constituem a memória discursiva sobre a posição sujeito-mulher no Brasil. Pensamos a memória discursiva enquanto interdiscurso, ou seja, aquilo que fala antes e retorna como pré-construído, determinando a formulação.

A Presidenta recém-eleita enuncia que sabe que é aparente a suavidade da seda verde-amarela da faixa presidencial, pois que traz consigo uma responsabilidade enorme perante a nação brasileira, mas que: *Para assumi-la, tenho comigo a força e o exemplo da mulher brasileira. Abro meu coração para receber, neste momento, uma centelha de sua imensa energia.* Aqui, a *força* e o *exemplo* da mulher brasileira definem a posição discursiva assumida pelo enunciador, em suas condições materiais de produção, para tomar a responsabilidade de presidir a nação brasileira. A primeira pessoa do discurso faz funcionar as marcas de subjetividade e da ilusão do sujeito discursivo, de que é fonte e origem do dizer e de que os sentidos são somente aqueles que suas palavras produzem.

Ainda no excerto em análise, destaca-se o enunciado: *após levar à presidência um homem do povo, decide convocar uma mulher para dirigir os destinos do país.* Esta formulação mobiliza sentidos de uma memória de discriminação constitutiva da sociedade brasileira, na qual a mulher se inclui. O sujeito do discurso, identificado pelo verbo *vir*, no presente do indicativo, diz que não está ali para enaltecer sua biografia, *mas* para *glorificar, honrar, proteger e governar* como mulher. Assim, temos que o porta-voz enuncia a partir da posição de governante, é a voz do povo, mais especificamente das mulheres, pois ao falar às mulheres fala para todos porque, para o sujeito do discurso como vemos na P5: *apesar de nós sermos 52% da população e, portanto, as mulheres serem maioria, os outros 48% são nossos filhos e, aí, fica tudo em casa. Então, ao cumprimentar as mulheres eu estendo também o cumprimento a todos os nossos companheiros aqui presentes.* Com esta formulação, produz-se o efeito de sentido de que representando as mulheres, Dilma Rousseff representa todos os brasileiros. Nessa perspectiva, Zoppi-Fontana (1997, p. 75) assevera que “pela cena imaginária da delegação da voz, atualizada recorrentemente por meio da retórica do povo em ato, a palavra do porta-voz coincide com a do povo”.

Os operadores argumentativos nos recortes acima articulam a linguagem à ideologia e ao político. Essas marcas linguísticas mostram o trabalho da argumentação através do

mecanismo da antecipação sustentado pelo funcionamento das formações imaginárias, em que o sujeito discursivo, colocando-se no lugar dos seus ouvintes, antecipa o efeito que suas palavras produzirão e, assim, articula a argumentação para um sentido que “pensa ser” os que seus ouvintes esperam.

Concomitantemente, nessa articulação da linguagem com o político e a ideologia, funcionam o que a Análise de Discurso, segundo Orlandi (2002a), considera como sendo os “esquecimentos”, em que o sujeito do discurso fala de uma maneira e não de outra. Pelo esquecimento ideológico, o sujeito pensa ser a origem do dizer, quando, na realidade, retoma sentidos preexistentes (do interdiscurso).

Podemos dizer da análise acima apreendida que, pelas redes parafrásticas de memória, das quais o discurso sobre a situação da mulher na política brasileira irrompe produzindo o efeito de protagonismo, de representatividade, enfim, de porta-voz das mulheres brasileiras funciona na retomada do mesmo e na instauração do diferente, produzindo o efeito de ruptura na historicidade, na memória de discriminação e luta das mulheres pela igualdade de direitos, que se faz pela constituição de um lugar de dizer da mulher na presidência da República. Temos pela língua(gem) na sua relação com a exterioridade um *acontecimento discursivo*, posto que rompe com o círculo da repetição, de quando só o homem falava enquanto presidente. Inscreve-se um sentido outro, um outro discurso que, segundo Pêcheux (1983, *apud* Orlandi, 2002a, p. 33). “[...] é suscetível de vir a inscrever-se na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio a uma memória”. Desse modo, instaura-se um efeito de sentido de que a partir da vitória da primeira mulher à presidência do Brasil, as outras mulheres também são vitoriosas, que as diferenças de gênero, no referente à política, a partir desse acontecimento, serão apagadas.

CAPÍTULO IV

O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO E OS EFEITOS DE SENTIDOS PARA/SOBRE A MULHER

4.1 Os sentidos do feminino funcionando por um lugar à presidência

Tomamos os vocativos presentes nas Preleções enquanto marcas linguísticas significativas, que instalam a cena enunciativa, possibilitando compreender na discursividade os efeitos de sentidos entre locutores. Apesar de algumas variações concernentes aos contextos situacionais das Preleções de Dilma Rousseff, consideramos que a língua se apresenta com certa regularidade, como o uso do vocativo, que se repete e muda, a depender dos diferentes contextos, introduzindo as Preleções, fazendo apreender a atenção àquele *eu* que fala.

Segundo Orlandi (2002a), como já afirmamos anteriormente, o sujeito no discurso é pensado enquanto “posição”, um “lugar” que ocupa para ser sujeito do seu dizer. Os sujeitos são intercambiáveis, dependendo da posição que assumem no discurso, na relação com determinada formação discursiva e ideológica. Por assim ser, na materialidade em que se inscrevem os vocativos das Preleções em análise, temos que, o modo de evocar os interlocutores, marca a discursividade pelo modo feminino de ser. Pois, dizer *queridas, queridos, meus queridos e minhas amigas, minhas irmãs* ao povo/eleitores de um país é próprio do modo de ser da mulher, com suas características femininas constituídas socialmente ao longo da história:

(P1 e P2) Queridas companheiras, queridos companheiros; (P1) Queridas amigas e amigos; Mulheres do meu país; (P3) Minhas amigas e meus amigos de todo o Brasil; (P4) Queridas brasileiras e queridos brasileiros, Meus queridos brasileiros e brasileiras; (P6) Senhor Presidente e minhas companheiras mulheres de todo mundo; (P7) Minhas irmãs brasileiras; Minhas amigas e meus amigos.

Em nossa língua, a referência a todos, *senhores, brasileiros, companheiros* já contempla a mulher, então adotar estas formas também no feminino para dirigir-se a um público composto de homens e mulheres remete a um funcionamento outro do imaginário social, de que adotando essa forma de tratamento, como politicamente correta, muda-se o

processo de constituição dos sentidos para a mulher. Porém, não significa que dizendo *brasileiras e brasileiros*, por exemplo, as diferenças já materializadas socialmente entre o sexo feminino e o sexo masculino serão apagadas, mas de inclusão da mulher no público. Nesse sentido, Orlandi atesta que “O politicamente correto silencia o fato de que não se trata só de uma questão de boa vontade. Trata-se de explicitar o político. Corrigi-lo significa o quê? Tem significado uma espécie de hipocrisia social de mudar o lugar do preconceito, como se, com isso, ele deixasse de existir” (ORLANDI, 2002b, p. 2). Ainda, segundo a referida autora, as mesmas palavras podem significar diferente a depender de seu funcionamento em uma determinada prática discursiva, como também, podem-se empregar palavras diferentes sem deslocar o processo de produção de sentidos. Assim, dizer *brasileiras, companheiras, senhoras e amigas*, para evocar as eleitoras, não funciona para o apagamento dos sentidos de preconceito/discriminação já materializados sobre a mulher. Todavia, esse modo de dizer, ao inscrever-se em uma formação discursiva de sentidos que configuram o feminino, faz funcionar a posição sujeito-feminino, pelas qualidades historicamente construídas para a mulher.

Assim também o termo *companheiro*, já materializado pelo presidente Lula, aparece acompanhado do adjetivo *querido*, produzindo sentidos outros, que não os mesmos se substituído, por exemplo, por prezadas e prezados. Esse adjetivo acompanha um substantivo significativo, para as questões que nos interessam em relação aos sentidos produzidos sobre/para a mulher. Pois que a palavra *amigo*, segundo o dicionário Sacconi (1996, p. 39), sugere sentidos que se referem à amizade, ao que está aliado à afeição, carinho, a quem se quer bem, a quem conhecemos há bastante tempo e de quem gostamos muito, sobretudo pela afeição e respeito partidário. Contudo, discursivamente, compreendemos essas palavras funcionando para um modo particular de significar a mulher pelo/no discurso político, por sentidos advindos historicamente de uma memória constitutiva de carinho, de afeição, no modo como socialmente define o feminino como o próprio da mulher na história, fazendo confundir sexo e a construção social do gênero¹⁰. É uma mulher que fala, que busca a atenção

¹⁰O conceito de gênero veio contrapor-se ao conceito de sexo. Se este último refere-se às diferenças biológicas entre homem e mulher, o primeiro diz respeito à construção social e histórica do ser masculino e do ser feminino, ou seja, às características e atitudes atribuídas a cada um deles em cada sociedade. O que quer dizer que agir e sentir-se como homem e como mulher depende de cada contexto sócio-cultural. www.uel.br/grupo-estudo/gaes/pages/arquivos/genero.conceitos.do

dos seus interlocutores, que na discursividade se dá pela posição sujeito-feminino, instaurada na formação discursiva, determinada ideologicamente de antemão.

Segundo Orlandi (2002a, p. 42, 43):

[...] podemos dizer que o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem.

A autora afirma que os sentidos são determinados ideologicamente, pois tudo o que dizemos está em relação a... e essa relação ideológica se marca na língua, pela discursividade, no modo como a ideologia produz seus efeitos.

O pronome possessivo *meu*, com o qual *Dilma Rousseff* se dirige ao povo brasileiro, produz um efeito de proximidade, como sendo esse povo seu amigo em particular. Assim, também funciona o possessivo ligado a “irmãs”, como vemos em “*Minhas irmãs brasileiras*”, em cuja formulação a cumplicidade se estabelece a partir da relação de sentidos provenientes da relação de palavras que, pelo imaginário, estabelece relações. Pois, formular “minha querida amiga”, “minha irmã”, “minha querida companheira ou brasileira” funciona pela eficácia da antecipação, em que o sujeito fala com palavras que pensa ser palavras/sentidos dos brasileiros/eleitores. Esse efeito de extensão promovido no discurso se dá como se a posse fosse também dada às mulheres brasileiras, “suas irmãs” e “suas amigas”.

O recorte P7, que analisaremos na sequência abaixo, remete às mulheres brasileiras, pelo Dia Internacional da Mulher:

(P7) Hoje, Dia Internacional da Mulher, é uma data ideal para uma presidenta falar com suas irmãs brasileiras, de coração aberto, de mulher para mulher. [...] Quero estreitar cada vez mais os laços entre nós. Quero, antes de tudo, que vocês sejam os olhos e o coração do meu governo, sejam a minha voz e o meu ouvido. Porque você, minha irmã, é quem mais sente na pele as deficiências do serviço público: quando leva seu filho ao hospital, você vê como está o atendimento de saúde; você acompanha a escola do seu filho [...] Quero abrir vários canais de escuta da população, em especial com as mulheres. [...] Quero saber de tudo para melhorar, para poder estimular o que está bem e corrigir o que está mal. [...] Vou ter também, no meu gabinete, monitores ligados a câmeras, para que eu e meus assessores possamos ver como está o atendimento nos principais hospitais e como vai o andamento das grandes obras. [...] É assim que nós, mulheres, gostamos de cuidar das coisas: vendo todos os detalhes, tintim por tintim. [...] É fundamental que todas vocês me ajudem

nesse trabalho. Acreditem, como eu acredito, que a participação é o melhor caminho para mudar o país. Participem da vida do seu bairro, da sua cidade, do seu estado e da sua nação. Se mobilizem. Já disse que este é o século das mulheres, mas não é o século das mulheres contra os homens, é o século da mulher trabalhando ao lado do homem, de igual para igual, batalhando com fé e amor por sua família e por seu país.

A ocasião faz significar a mulher de modo peculiar. Trata-se de uma data ideal, segundo Dilma Rousseff, *para uma presidenta falar com suas irmãs brasileiras, de coração aberto, de mulher para mulher*. O efeito que se produz, por essa e outras formulações na P7, é o de um apagamento das distâncias sociais, econômicas, culturais, geográficas, políticas, pois a posição sujeito-presidenta formula como se todas as mulheres fossem irmãs, como se todas tivessem as mesmas necessidades, como se o diálogo se desse frente-a-frente, individualmente, com cada mulher. Essa discursividade estabelece-se pelo imaginário de uma relação de igualdade e cumplicidade entre a Presidenta e as mulheres brasileiras. Fala-se de mulher para mulher, de coração aberto. Assim também, esse modo de dizer, inscrito na materialidade, marca uma posição sujeito-feminino, no modo como a ideologia divide na sociedade os sentidos para o homem e os sentidos para a mulher.

As mulheres brasileiras são chamadas à cumplicidade para ajudar a Presidenta a governar o Brasil, como vemos em: *Quero, antes de tudo, que vocês sejam os olhos e o coração do meu governo, sejam a minha voz e o meu ouvido. Porque você, minha irmã, é quem mais sente na pele as deficiências do serviço público: quando leva seu filho ao hospital, você vê como está o atendimento de saúde; você acompanha a escola do seu filho*. O verbo *querer*, no presente do indicativo, não materializa apenas o efeito de desejo do enunciador, como também materializa a ideologia no discurso que se produz na relação de sentidos, estabelecida pelo sujeito do discurso, entre aquele que fala e aquele a quem se fala. O efeito produzido é o de que ela, a Presidenta, conhece todo o sofrimento da mulher carente, que vai, então, governar junto a ela, sendo os seus olhos e ouvidos, e de que a participação das mulheres é ilimitada, principalmente as da classe menos favorecida do país.

Esse funcionamento vai se configurando no enunciado, mobilizando os sentidos para o modo de ser *feminino* atribuído social e historicamente às mulheres: *Porque é assim que as mulheres são. Gostam de cuidar das coisas vendo todos os detalhes, tintim por tintim*. Na nossa sociedade está naturalizado como sendo sentidos próprios da mulher “cuidar das coisas detalhadamente”, como em afirmar cuidar *tintim por tintim*. É pouco provável que um candidato, na posição sujeito-homem, formule desse modo, marcando no modo de dizer uma

posição-sujeito pelo efeito de feminilidade. E o sujeito do discurso, por ser mulher, faz valer esse modo de ser para um presidenciável, propondo fazer cuidar do país e da população desse modo. A memória aqui mobilizada é aquela que toma a mulher como detalhista, enquanto o homem não se atenta aos detalhes.

O sujeito do discurso, da posição sujeito-feminino, faz valer o laço fraterno entre si e as mulheres brasileiras. De acordo com Orlandi (2002a), já se sabe que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, e esta constituição se dá quando o sujeito é afetado pelo simbólico e, para que o sujeito seja interpelado, é necessário que se submeta à língua. Como vemos, o sujeito do discurso assume uma posição sujeito-feminino historicamente construída. É desse modo que a língua, para se significar, inscreve-se na história, e é nessa inscrição da língua na história que se constitui a materialidade discursiva, ou seja, o linguístico-histórico. Podemos dizer que os *já-ditos* da/para a mulher, como *cuidadosa, detalhista, afetiva e fraterna*, que constituem a memória discursiva, emergem nas formulações da Presidenta, regendo o seu dizer.

(P8) [...] a luta pela igualdade de gênero não é apenas uma questão ética ou humanística. É uma questão ética e humanística, mas não é apenas isso. Trata-se de uma questão estratégica para o país, estratégica para o nosso país. Nenhum país moderno, nenhuma nação desenvolvida, pode se dar ao luxo de desprezar a energia e o talento femininos, sob o risco de deformar o seu presente e comprometer o seu futuro.

Na formulação acima, a *energia* e o *talento femininos* são significados como que numa relação necessária de correspondência para a mulher. Sendo as mulheres fundamentais para o presente e o futuro do país. Isso justifica, também, a mulher no governo, a mulher no eixo dos programas de governo e na presidência da República. Essa relação de sentidos produz um efeito que faz confundir a posição sujeito-feminino, deslizando para sujeito-governante, posto que justifica a mulher no governo pelo seu modo de ser “feminino”.

4.2 As mulheres sabem mais que ninguém

A P6 institui, na enunciação, um modo diferenciado de dizer, em relação às Preleções outras, pois a Presidenta Dilma Rousseff fala para o mundo enquanto Chefe de

Estado e também enquanto mulher, visto que é a primeira vez que uma voz feminina inaugura o Debate Geral, e essa é uma voz brasileira, a voz da Presidenta Dilma. Os sentidos em funcionamento significam porque se inscrevem pela memória na língua. Os termos *vida*, *alma*, *esperança*, *coragem* e *sinceridade* são mobilizados pelo sujeito, também como definições naturalizadas para a mulher, mostrando a posição-sujeito a que se inscrevem. É pelo viés desses sentidos instaurados, da posição sujeito-mulher, que Dilma Rousseff propõe-se a falar, enquanto Presidenta do Brasil, sobre a crise do desemprego que assola os países desenvolvidos.

(P6) Senhor presidente da Assembleia Geral, Nassir Abdulaziz Al-Nasser, Senhor secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, Senhoras e senhores chefes de Estado e de Governo, Senhoras e senhores, Pela primeira vez, na história das Nações Unidas, uma voz feminina inaugura o Debate Geral. [...] É com humildade pessoal, mas com justificado orgulho de mulher, que vivo este momento histórico. [...] Tenho certeza, senhoras e senhores, de que este será o século das mulheres. Na língua portuguesa, palavras como vida, alma e esperança pertencem ao gênero feminino, e são também femininas duas outras palavras muito especiais para mim: coragem e sinceridade. Pois é com coragem e sinceridade que quero lhes falar no dia de hoje. [...] O desafio colocado pela crise é substituir teorias defasadas, de um mundo velho, por novas formulações para um mundo novo. Enquanto muitos governos se encolhem, a face mais amarga da crise – a do desemprego [...] Nós, mulheres, sabemos – mais que ninguém – que o desemprego não é apenas uma estatística. Golpeia as famílias, nossos filhos e nossos maridos. Tira a esperança e deixa a violência e a dor. Senhor Presidente, É significativo que seja a presidenta de um país emergente – um país que vive praticamente um ambiente de pleno emprego – que venha falar, aqui, hoje, com cores tão vívidas, dessa tragédia que assola, em especial, os países desenvolvidos. [...] No meu país, a mulher tem sido fundamental na superação das desigualdades sociais. Nossos programas de distribuição de renda têm, nas mães, a figura central. São elas que cuidam dos recursos que permitem às famílias investir na saúde e na educação de seus filhos. [...] Senhor Presidente, Além do meu querido Brasil, sinto-me aqui também representando todas as mulheres do mundo. As mulheres anônimas, aquelas que passam fome e não podem dar de comer aos seus filhos; aquelas que padecem de doenças e não podem se tratar; aquelas que sofrem violência e são discriminadas no emprego, na sociedade e na vida familiar; aquelas cujo trabalho no lar cria as gerações futuras. [...] Junto minha voz às vozes das mulheres que ousaram lutar, que ousaram participar da vida política e da vida profissional, e conquistaram o espaço de poder que me permite estar aqui hoje. [...] Como mulher que sofreu tortura no cárcere, sei como são importantes os valores da democracia, da justiça, dos direitos humanos e da liberdade.

Dilma Rousseff – enquanto Presidenta do Brasil – fala sobre a crise econômica mundial como sendo um problema de ordem política e de clareza de ideias, lançando como

desafio substituir as teorias defasadas do mundo velho, por novas formulações do mundo novo. As *novas formulações* incluem considerar, por exemplo, as formulações e o pensamento da mulher, posto que a mulher, segundo o sujeito do discurso, é a maior conhecedora das consequências do desemprego: *Nós, mulheres, sabemos – mais que ninguém – que o desemprego não é apenas uma estatística. Golpeia as famílias, nossos filhos e nossos maridos. Tira a esperança e deixa a violência e a dor.* Os sentidos, postos em funcionamento por esses dizeres, produzem o efeito de que, no seu governo, a Presidenta forçou-se à diminuição da discriminação e da desigualdade, por ser mulher. Assim, afirma a importância de uma mulher governar o Brasil. Pelo funcionamento da ideologia, enquanto sujeito-mulher, o discurso mobiliza sentidos de Dilma como conhecedora das estratégias de um bom governo, pois que governa um país que vive em pleno emprego. Segundo esse sujeito, a mulher sabe mais que ninguém, razão pela qual, na tribuna da Conferência Mundial, se dirige ao Presidente da Conferência e às mulheres de todo o mundo para colocar sua proposta de governo: *Senhor Presidente e minhas companheiras mulheres de todo mundo, O Brasil descobriu que a melhor política de desenvolvimento é o combate à pobreza, e que uma verdadeira política de direitos humanos tem por base a diminuição da desigualdade e da discriminação entre as pessoas, entre as regiões e entre os gêneros.* Segundo Dilma, faz-se fundamental atender às necessidades das mulheres, visto ser a figura central para a eficácia dos programas de governo posto que são elas, as mulheres, fundamentais na superação das desigualdades sociais, por isso, os programas de distribuição de renda, tem na *mãe* a figura central. São elas que *cuidam* dos recursos.

Nesses dizeres dirigidos ao mundo, aos representantes de vários países, observamos o funcionamento da ideologia, ao promover a ilusão da transparência do sujeito e do sentido. Orlandi (2002a) explicita que é trabalho da ideologia fazer com que o indivíduo tenha a ilusão de que é sempre já sujeito, de que não somos interpelados em sujeito. Da mesma forma, que o indivíduo tenha a ilusão de que as palavras sejam transparentes, de que os sentidos só podem ser aqueles, como se estivessem colados às palavras, apagando assim, que os sentidos são determinados pelas formações discursivas a que as palavras se inscrevem, numa situação dada.

Segundo Henry (*apud* ORLANDI, 1993, p.162):

Os fatos de sentido da ordem do discurso não são remissíveis ao discurso de um sujeito, nem mesmo aos de vários conjuntos para fazer uma espécie de

“sujeito médio”, mas a “formações discursivas” que não têm realidade no nível do indivíduo, senão pelo fato de que elas determinam as posições que pode e deve ocupar todo indivíduo, para ser o sujeito de uma enunciação provida de sentido.

Dilma exalta o sentimento, a capacidade, a importância da mulher para a família e para o governo de um país, pois que representa, enquanto mulher, todas as mulheres do mundo. As mulheres anônimas e as que ousaram lutar e conquistaram o espaço de poder que permitiu que ela chegasse, enquanto mulher, à presidência.

Percebemos que na ONU, o sujeito do discurso transita da posição sujeito-governante para a posição sujeito-mulher. E, nesse jogo entre diferentes formações discursivas, o sujeito do discurso vai se afirmando enquanto governante. Ou seja, é exaltando a mãe, a mulher, que Dilma Rousseff constituiu o seu governo, pela memória discursiva de sentidos sobre a mulher, pelo jogo entre o *dito* e o *não-dito*, a ruptura e a estabilização, o trabalho metafórico, o funcionamento da ideologia, constituindo historicamente as discursividades.

Esse movimento discursivo faz emergir para os ouvintes a forma-sujeito, como ao longo da história foi se constituindo em nossa sociedade, adquirindo sentidos que funcionam para o convencimento. Ou seja, os modos como *Dilma Rousseff* profere, do lugar de sujeito-mulher que se constituiu ao longo da história do país, funcionam como um acontecimento de linguagem que ganha destaque. Dilma Rousseff faz valer a conquista da mulher em nossa sociedade, falando como governo do Brasil, até então presidido por homens, e agora presidido por uma mulher.

O verbo *saber* marca, tanto nesta Preleção quanto em outras, que é a mulher a detentora do saber. São esses e outros argumentos que marcam o funcionamento das formações imaginárias pelo mecanismo da antecipação. Pois que, pela posição sujeito-mulher, o sujeito produz o efeito de ser conhecedor das estratégias para o exercício da presidência. Sendo mulher, considera-se que as mulheres “sabem mais que ninguém”, pressupondo que os homens sabem menos que elas, sobre os sofrimentos consequentes de um mau governo e, portanto, não são tão bons quanto elas para ocupar o cargo de presidente.

4.3 A transferência de sentidos na construção da significação para a mulher

Orlandi (2002a, p. 44) afirma que uma palavra só significa em relação a outras palavras pela “articulação de formações discursivas dominadas pelo interdiscurso em sua objetividade material e contraditória”. A autora afirma ainda que os sentidos dependem das relações constituídas nas/pelas formações discursivas, sendo que essas formações discursivas são por si mesmas heterogêneas, com suas fronteiras fluídas, de modo que configuram-se e reconfiguram-se continuamente em suas relações. Segundo Pêcheux (1975, *apud* ORLANDI, 2002a), é dessa relação que os sentidos de uma palavra, expressão ou proposição, por meio do efeito metafórico, se transferem para outras palavras, expressões e proposições, “e é por esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (metáfora), que elementos significantes passam a se confrontar, de modo que se revestem de um sentido.” (ORLANDI, 2002a, p. 44). Por esse deslize compreendemos, nos enunciados que se segue, as regularidades de sentidos funcionando para significar a mulher à presidência da República.

No recorte abaixo, o termo *aqui* se marca, por significar “o modo de a mulher ser e fazer” na história brasileira, como lugar ideológico de inscrição do sujeito enunciator à presidência da República. Vejamos:

(P2) [...] Sei que esta festa não é para homenagear uma candidata. Aqui se celebra, em primeiro lugar, a mulher brasileira! Aqui se consagra e se afirma a capacidade de ser – e de fazer – da mulher. É em nome de todas as mulheres do Brasil - em especial de minha mãe e de minha filha - que recebo esta homenagem. [...] E a mãe falou assim: "eu trouxe minha filha aqui pra que você diga a ela que mulher pode". Eu perguntei para a guria: "mulher pode o quê?". E ela: "ser presidente". Eu disse: "pode sim, não tenha dúvida que pode". Sabem como é o nome desta menininha? Vitória! Pois é para ela, e para as milhões e milhões de pequenas Vitórias e Marias, meninas deste Brasil que não sabem ainda que uma mulher pode ser presidente, é para elas que eu quero dedicar a minha luta. E a nossa vitória. Para que, assim como depois de Lula, um operário brasileiro sabe que ele, seu filho, seu neto, podem ser presidente do Brasil, estas pequenas Vitórias e Marias também possam responder, quando perguntadas o que vão ser quando crescer; que elas possam responder, como fazem os meninos : "eu quero ser presidente do Brasil!"

Os verbos *celebrar*, *consagrar* e *afirmar*, que acompanham o advérbio *aqui*, significam pelo interdiscurso, constituído pela memória histórica de sentidos sobre a mulher que não “era” celebrada, consagrada e afirmada. Como também, esses sentidos se destacam pelo contexto histórico-social em que *aqui*, se marca historicamente pela ruptura que

estabelece entre o antes e o agora. *Aqui*, nessas condições de produção, constitui-se um lugar de dizer da mulher no que refere ao cargo de presidência no Brasil: *Aqui* é a mulher que administra; *aqui* é a mulher celebrada; *aqui* é a mulher consagrada e afirmada.

Com o operador argumentativo *pois* Dilma Rousseff introduz a justificativa de que luta pelas mulheres e para as quais dedica sua vitória. E é *para que, assim como*, depois de Lula, um operário brasileiro, que os meninos, “filhos do povo”, podem ser presidentes do Brasil, do mesmo modo que as mulheres também, a partir de sua vitória, o possam ser. Percebe-se nas marcas da língua a materialização da ideologia, posto que, segundo Orlandi, “A ideologia, por sua vez, é interpretação de sentido em certa direção, relação determinada pela relação da linguagem com a história em seus mecanismos imaginários”. (2012a, p. 31). Assim, a ideologia produz o efeito de evidência, como sendo a história e a linguagem transparentes, sem espessura, opacidade. Por esse efeito, os dizeres da presidenciável, funcionam como evidentes e imutáveis.

Os sentidos que constituem a memória discursiva, no que concerne às características, que diferenciam a mulher e o homem, são retomados pelo sujeito do discurso como sendo qualidades essenciais para um bom governante:

(P2) Não é por acaso que depois deste grande homem, o nosso Brasil possa ser governado por uma mulher. Por uma mulher que vai continuar o Brasil de Lula – mas que fará um Brasil de Lula com alma e coração de mulher. [...] É mais que simbólico que, nesse momento, o PT e os partidos aliados estejam dizendo: chegou a hora de uma mulher comandar o país. Estejam dizendo: para ampliar e aprofundar o olhar de Lula, ninguém melhor que uma mulher na presidência da República. Creio que eles têm toda razão. Nós, mulheres, nascemos com o sentimento de cuidar, amparar e proteger. Somos imbatíveis na defesa de nossos filhos e de nossa família. [...] E quando falamos de cuidado e amparo, estamos falando de saúde, educação, segurança e emprego. De cuidar melhor dos mais velhos e dos mais jovens. Estamos falando de construir, no mínimo, mais 500 unidades de pronto atendimento – as UPAs 24 horas. E mais 8.600 novas unidades básicas de saúde – as UBSs, em todo o país. Estamos falando de construir seis mil creches e pré-escolas. De expandir e consolidar a rede de escolas técnicas, de centros de excelência do ensino médio e de nível superior, de centros de inovação científica e tecnológica. E de ampliar o ProUni. Estamos falando de fortalecer todos os programas sociais, com carinho especial para o Bolsa Família. Estamos falando de ampliar o emprego e melhorar o salário. [...].

Dilma Rousseff enuncia, na Preleção de ainda candidata, que dará continuidade ao Brasil de Lula, mas que *vai fazer diferente*: assim, a adversativa *mas* marca o lugar dessa diferença – *com alma e coração de mulher*. Com esses dizeres, coloca-se em funcionamento

uma memória da sensibilidade feminina, da mulher-mãe dedicada, protetora, cuidadosa, da mulher-sensível, mulher-emoção, com alma e coração, conforme historicamente dado, o que se diferencia da memória que remete aos sentidos de alma e coração do homem-duro, homem-insensível, homem-racional, etc. Por ser mulher, o sujeito do discurso afirma construir um Brasil com alma e coração de mulher, fazendo supor com essas marcas linguísticas o lugar de dizer da posição sujeito-mulher. Os enunciados da Presidenta, conforme deseja ser nomeada, produzem os sentidos de que as mulheres já nascem – como um naturalmente dado – com o sentimento de *proteger, amparar e cuidar*, e, ainda mais, de que *são imbatíveis na defesa de sua família e de seus filhos*.

O pré-construído sobre a posição sujeito-feminino que, para o sujeito, diferencia em nossa sociedade a mulher do homem em relação a direitos e deveres, a partir de uma rede de memórias, marca-se pelo operador argumentativo adversativo *mas*, que aparece situando essa oposição/contradição em relação à mulher ou homem, ocupando a cadeira da presidência da República. Assim, os verbos no infinitivo: *cuidar, amparar e proteger*, na formação discursiva em que se inscrevem, vem qualificando o chamado ‘sentimento feminino’, enquanto fundamental para um governante.

Orlandi (2006, p. 17), retomando os estudos de Pêcheux, afirma que:

[...] o sentido de uma palavra, uma expressão, de uma proposição etc., não existe em si mesmo (isto é, em uma relação transparente com a literalidade), mas ao contrário é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões, proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Elas mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam.

Seguindo o exposto por Orlandi, compreendemos que o sujeito do discurso que ocupa posições de mulher/candidata/Presidenta, faz valer por meio dessas posições seus argumentos. Na sequência do excerto em análise temos *Somos imbatíveis na defesa de nossos filhos e de nossa família*. Com esse dizer, o sujeito faz significar a mulher enquanto mãe, que historicamente é tida como um ser que defende seus filhos acima de qualquer coisa. Desse modo, os sentidos produzidos para quem se fala, como diz Orlandi (2002a), se faz da relação do simbólico com o mundo, e para que faça sentido é necessário que a língua, enquanto sistema sintático, se inscreva na história. O efeito resultante da relação da língua com a história é a discursividade, que funciona produzindo sentido. Considerando as condições de produção do discurso, compreendemos que os sentidos mobilizados nas Preleções de *Dilma*,

ocupando o lugar da presidência no Brasil, país em que a maioria da população (52%) é composta por mulheres, encontram correspondência no imaginário dos ouvintes/eleitores pela memória discursiva que os constituem.

Podemos atestar, pelo jogo de linguagem, o que Pêcheux (1969) designou como sendo o efeito metafórico, em que uma palavra em substituição à outra, ancora um lugar de sentidos para a mulher, pela memória discursiva de que lhe é próprio *cuidar, amparar e proteger*. O discurso, nessas sequências parafrásticas, retoma de diferentes formas os sentidos de *cuidar e amparar* transferindo-os para os serviços que o Estado deve oferecer à população. Assim, *cuidar e amparar* como fora próprio à posição sujeito-mulher tornam-se *saúde, educação, segurança, emprego, cuidar dos mais velhos e dos mais jovens, UPAs, UBSs, creches, pré-escolas, escolas técnicas, ensino médio e superior, ciência e tecnologia, ProUni, Bolsa Família, emprego e salário, etc.*

Nessa transferência de sentidos, o sujeito que fala, faz valer do lugar mais alto da hierarquia governamental, as qualidades *reificadas/naturalizadas* historicamente para a mulher. Compreendemos, nesse movimento de sentidos, que o sujeito do discurso transita entre as posições sujeito-mulher, sujeito-mãe, sujeito-feminino e sujeito-governante. Esse jogo, que permite o trânsito entre diferentes posições, reforça os sentidos *já-dados* para a mulher, agora em posição de comando. Nesse sentido, Pêcheux (1969, *apud* ORLANDI, 2002a, p.78, 79) afirma que “O efeito metafórico é o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual [...]. A metáfora é constitutiva do processo de produção de sentido e da constituição do sujeito, não vista como desvio, mas como transferência”.

Nos recortes seguintes, temos que *mulher não é só coragem* – uma palavra se dá pela outra – mas, *carinho* também e, que, é com esta *coragem* que *Dilma* vai governar o Brasil, e que é com o mesmo *carinho* que abraça a sua *mãe* e a sua *filha* é que vai *cuidar* do “seu povo”, para quem dedicará os próximos anos de sua vida. Nessas formulações, o discurso se marca no dizer pela posição sujeito-mãe, que é próprio da mulher, do feminino e, agora também, do governante.

(P4) É com esta coragem que vou governar o Brasil. Mas mulher não é só coragem. É carinho também. Carinho que dedico a minha filha e ao meu neto. Carinho com que abraço a minha mãe que me acompanha e me abençoa. É com este mesmo carinho que quero cuidar do meu povo, e a ele - só a ele – dedicar os próximos anos da minha vida.

(P5) E lembrar que tanto no Bolsa Família quanto na agricultura familiar nós temos olhado com muito cuidado, com muito carinho para as mulheres. Porque as mulheres, elas são fundamentais quando se trata da família. Todo mundo aqui sabe que uma mãe, para deixar um filho sem dar de comer, ela... é quase impossível, ela prefere abrir mão da sua alimentação para o seu filho comer. Por isso as mulheres são aquelas titulares que nós preferimos para receber o cartão do Bolsa Família. [...] Porque a mulher sabe de duas coisas também: sabe ter coragem – porque não é uma mulher sem coragem aquela que acorda todo dia de manhã, arruma os filhos, assegura que eles tenham comida, providencia educação, solta os meninos para a escola, encara o trabalho do dia a dia, encara a sua profissão. Mas também, além da coragem, eu acho que a mulher tem uma outra coisa: ela tem carinho. Ela cuida, ela protege, ela dá amor, e ela apoia e incentiva. [...] O Brasil precisa saber que chegou também mais, mais... eu acho mais cedo do que muitos imaginavam, a hora e a vez das mulheres darem a sua parte nessa história.

Na Preleção de posse (P4), Dilma Rousseff enuncia que será com coragem que vai governar o Brasil, no entanto, como quem formula é uma mulher, temos o *mas* para afirmar que mulher não é só coragem, *mas é carinho também*. Com este termo *carinho*, o eu que formula fala da posição sujeito-mulher, no modo como o termo “carinho” está socialmente associado, historicamente, aos afetos das relações da mulher, numa oposição aos sentidos do homem, historicamente significado como bruto. O efeito produzido no excerto acima é o de que a mulher é carinho, é mãe, e, nessa direção, ela se propõe a ser a mãe do povo brasileiro, estando no cargo de presidente. Os sentidos produzidos aí remetem à primeira dama Eva Perón, a quem, as obras assistenciais e populistas renderam o título, na Argentina, de “mãe dos pobres”. Essa interdiscursividade funciona para a sustentação do que é formulado pelo sujeito.

Na P5, os sentidos naturalizados para a mulher definem a posição sujeito-mulher enquanto posição política para um bom governante. Os sentidos da mulher progenitora e da família matriarcal estão presentes nessas formulações, ao afirmar um trabalho voltado tanto para a mulher, quanto para o homem. A Presidenta enuncia, referindo-se à agricultura familiar, e lembra que tanto no Programa Bolsa Família, quanto na Agricultura Familiar, ela (a Presidenta) tem olhado com muito cuidado e com muito carinho para as mulheres. O movimento/trânsito entre as diferentes posições que foram naturalmente dadas à mulher/mãe/feminino/Presidenta constitui a memória discursiva, ao justificar a mulher pelo funcionamento discursivo dos operadores argumentativos, *mas, por isso, porque, e, mas também*, na definição do bom governante. A Presidenta formula que as mulheres *são fundamentais quando se trata da família*, em que a mãe tira de si a comida para o filho, ela

cuida, ela *protege*, ela dá *amor*, e ela *apoia e incentiva* e, por isso, o governo tem olhado com muito carinho para as mulheres, colocando-as como *exemplaridade* dos programas do governo. Esses sentidos são retomados na P8, como veremos abaixo:

(P8) É o reconhecimento do país que na nossa cultura, na nossa sociedade, a mulher tem um papel fundamental na estrutura familiar. Nós sabemos que a mulher não deixa de alimentar seus filhos, mesmo que tenha de tirar de si mesma. Por isso, 93% dos que recebem o Bolsa Família, em nome das famílias brasileiras, são mulheres. Isso significa que nós reconhecemos a importância das mulheres como esteio das famílias. Nós quem? O presidente Lula e agora o meu governo. Acreditamos que uma rede de proteção às crianças e aos jovens, ela é uma rede melhor quando construída a partir das mães.

A discursividade no recorte acima produz o efeito de sentido de que, com uma mulher na presidência não só o homem tem vez e voz, mas *também* as mulheres as têm. Produz-se os sentidos de que as mulheres, à frente dos Programas de governo, poderão atuar conforme a Presidenta, enquanto *mulher* e *mãe*, colocando os filhos acima de tudo, fazendo tudo por eles, mesmo que tenha que tirar de si. Temos novamente os sentidos de mãe e de mulher postos em funcionamento e deslocados para os programas de governo. As mulheres são apontadas como exemplaridade para os programas de governo, ao propor-se governar com cuidado e carinho, confundindo assim as posições sujeito-mulher, sujeito-mãe, sujeito-presidenta.

A argumentação é constitutiva do discurso, pelas formações imaginárias que estão em funcionamento no dizer, em que interlocutores ocupam diferentes posições-sujeito. Para a teoria a que nos filiamos, falar da argumentação implica pensar os sujeitos, o político, a história e a ideologia, enfim, implica em pensar o discurso. (ORLANDI, 1998a, p.73). Assim temos que, os efeitos de sentido em funcionamento são a produção de evidências, determinantes na constituição dos sujeitos pelo trabalho da ideologia e da historicidade. Vale dizer que a historicidade determina também o que é relevante para a discursividade, o político, constitutivo do próprio gesto de interpretação, inscrito no texto.

Orlandi (1998a, p. 75) atesta que:

Há nos mecanismos de toda sociedade regras de projeção que estabelecem relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações) nos discursos (M. Pêcheux, 1969). São, pois formações imaginárias – designando lugares que os locutores se

atribuem uns aos outros – que constituem as tais condições de produção dos discursos [...].

Para Dilma, governar para todos é governar para as mulheres, pois enquanto Presidenta, fala no dia Internacional da Mulher (P7), como está no recorte abaixo, ao afirmar sentir orgulho em chefiar um governo que tem o maior conjunto de programas de apoio à mulher na nossa história. A Presidenta afirma também que sabe, enquanto mulher, que o governo e a sociedade precisam fazer muito mais pela/para a valorização plena da mulher. Entendemos, por esta formulação, que se ainda precisa fazer muito mais, é porque existe historicamente uma desvalorização da mulher. Também, falar em *dívida com a gente; não poder jamais ter uma atitude ressentida contra os homens; a mulher continua sendo a mais pobre entre os pobres e a mais sofredora entre os sofredores*, remete a sentidos de uma memória de discriminação experimentada pelas mulheres em relação aos homens. Esses sentidos funcionam pelas condições de produção do discurso, em que uma mulher fala enquanto Presidenta da República, no dia Internacional da Mulher, para um país cuja maioria da população é composta por mulheres, numa sociedade em que a memória de sentidos para a mulher constituem-se também pelas formas de discriminação e violência. São essas condições que possibilitam a relação de sentidos, pois, segundo Orlandi (2002a), os sentidos resultam de relações em que um discurso aponta para outros que o sustentam e que apontam para dizeres outros.

(P7)Sinto alegria de chefiar um governo que tem o maior conjunto de programas de apoio à mulher na nossa história. Mas sei que governo e sociedade precisam fazer muito mais para a valorização plena da mulher. [...] Nós, mulheres, vamos continuar em dívida com a gente mesmo se aceitarmos passivamente certa herança negativa que ainda temos sobre os ombros. [...] Sei que uma mulher que chegou à Presidência com milhões de votos de brasileiros e de brasileiras não poderá jamais ter uma atitude ressentida contra os homens. Mas sei, muito especialmente, que uma presidenta não pode ter uma política tímida, ultrapassada e meramente compensatória para as mulheres. [...] O pior é que, em certas circunstâncias, a mulher continua sendo a mais pobre dos pobres, a mais sofredora entre os sofredores. Mas até aí nos surpreende a força da mulher, porque mesmo quando está em uma dura condição de pobreza, a mulher é a principal mola de propulsão para vencer a miséria. Sabe por quê? Porque ela é o centro da família. Porque quando uma mulher se ergue, nunca se ergue sozinha, ela levanta junto seu companheiro, ela levanta junto seus filhos, ela fortalece toda a família. [...]. Vem daí a importância que damos à mulher, nos nossos programas sociais. [...] A mulher é um ser empreendedor, precisa, portanto,

de oportunidades. A mulher é uma pessoa, antes de tudo, dedicada e trabalhadora, precisa, portanto, de emprego e de capacitação para o trabalho.

(P8) Mulher, nós sabemos, é um ser muito criativo, um ser com capacidade de resistir. Por isso, o governo tem uma ênfase especial nessa questão do micro-crédito, da capacitação profissional [...].

Ainda, observando os excertos acima, percebemos que a mulher é justificada no governo pelas suas definições históricas, como ser *empreendedor*, *dedicado* e *trabalhador*, que precisa de oportunidade e capacitação. A luta pela igualdade de direitos dos diferentes gêneros – igualdade de direitos em nossa sociedade sendo homem ou mulher – não é apenas uma questão ética e humanística, mas também uma questão discursiva, posto que nas Preleções em análise materializam-se diferentes sentidos para a mulher.

A Presidenta enuncia para suas “irmãs” brasileiras, dizendo que: *Nós, mulheres, vamos continuar em dívida com a gente mesmo se aceitarmos passivamente certa herança negativa que ainda temos sobre os ombros*. Vemos que os sentidos dessa formulação vão para além da relação entre os traços linguísticos e semânticos, pois que advêm, conforme o dissemos, de formações discursivas que presidem o interdiscurso, da memória discursiva de *já ditos* sobre a discriminação e violência contra a mulher, compartilhada, nessas condições de produção, com o sujeito do discurso, tanto aquele que enuncia quanto aquelas a quem se fala. Desse modo, pelo funcionamento da ideologia, tem-se a impressão da transparência da linguagem, da evidência que apaga o fato de que as palavras derivam seus sentidos das formações discursivas. É assim que a ideologia, segundo Orlandi (2002a) coloca o homem em uma relação imaginária, em suas condições materiais de existência.

Sem preterir os homens, a Presidenta, enquanto mulher argumenta que sabe, *muito especialmente*, que não pode ter uma política meramente compensatória para as mulheres. Compreendemos esses dizeres enquanto materialidade significativa por sua relação com a historicidade, que pelo interdiscurso traz o sentido de que o sujeito que formula, mesmo sendo Presidenta também é uma mulher, e por isso afirma que sabe “de um modo especial” sobre a discriminação no trabalho, de salários pagos às mulheres ao longo da história, produzindo pela discursividade o sentido de que, por ser uma mulher, não se pode do lugar da presidência, compensar as mulheres, mas deve-se sim dar a importância devida às mulheres, em seus programas de governo.

Com o operador argumentativo *mas até* marca-se a contradição, de que a mulher, mesmo sendo a mais pobre dentre os pobres, a mais sofredora dentre os sofredores,

surpreende, como vemos em: *Mas até aí nos surpreende a força da mulher, porque mesmo quando está em uma dura condição de pobreza, a mulher é a principal mola de propulsão para vencer a miséria. Sabe por quê? Porque ela é o centro da família. Porque quando uma mulher se ergue, nunca se ergue sozinha, ela levanta junto seu companheiro, ela levanta junto seus filhos, ela fortalece toda a família.* Essa afirmação se sustenta na máxima de que “por trás de todo grande homem há sempre uma grande mulher”, que nessas condições de produção põe em funcionamento o imaginário que justifica a mulher enquanto a *principal mola de propulsão* no governo.

Ainda, nos recortes acima, o sujeito discursivo retoma os sentidos para a mulher com a seguinte proposição: (P7) *A mulher é um ser empreendedor, precisa, portanto, de oportunidades. A mulher é uma pessoa, antes de tudo, dedicada e trabalhadora, precisa, portanto, de emprego e de capacitação para o trabalho.* (P8) *Mulher, nós sabemos, é um ser muito criativo, um ser com capacidade de resistir. Por isso, o governo tem uma ênfase especial nessa questão do micro-crédito, da capacitação profissional.* Constitui-se, por esses dizeres, o sentido de que a mulher precisa e o governo provém.

No recorte seguinte, a Presidenta Dilma fala como o seu governo está tratando, em nossa sociedade, a questão da violência contra a mulher:

(P8) Nós estamos dando ênfase ao combate à violência de todas as formas na sociedade, mas focamos em um segmento extremamente vulnerável da nossa população quando se trata de violência, e esse segmento são as mulheres [...] Combate à violência, de um lado, e autonomia, do outro, são faces, reforçar a autonomia são faces da moeda principal que nós mulheres temos de reivindicar para nós que é uma atitude digna, cidadã, diante da vida. [...] Ter tolerância zero significa combater e erradicar todas as formas de violência, todas, desde aquelas que são as mais abjetas como a violência doméstica, o estupro, o assassinato ou tráfico sexual, a exploração sexual sob todas as formas. Até outras com conteúdos mais disfarçados, porém igualmente dolorosos e igualmente inadmissíveis, como a discriminação no trabalho, no salário, a educação discriminatória, a falta de oportunidades, e, sobretudo, a baixa estima decorrente da violência. [...] Porque a violência contra a mulher, ela é uma das origens da violência na sociedade. Uma família constituída sob a violência contra a mãe, e que geralmente de uma forma ou de outra envolve os filhos, repassa esses valores de violência, de desrespeito, discriminação para as gerações futuras. É assim que deve fazer um governo, sobretudo um governo liderado por uma mulher em um país cuja maior parte da população é constituída de mulheres. [...] “nós somos a maioria e a outra metade são nossos filhos, portanto, está tudo em família”. E eles são obrigados a nos ajudar nesse processo, eles são grandes parceiros nossos e nos devem toda a quantidade de carinho, amor, atenção e cuidado que as mães desse país deram a cada um deles.

A Presidenta afirma que o governo tem combatido todas as formas de violência, porém, tem dado atenção especial ao segmento mais vulnerável da população quando se trata de violência, as mulheres. E que, seja a violência a mais abjeta ou a mais disfarçada, causa o mesmo sofrimento. Aqui, os sentidos de sexo frágil, constituído historicamente para a mulher, em relação a sua anatomia, modo de ser e de dizer, aparece como que para afirmar a necessidade d'elas, as mulheres, terem uma defensora, uma representante na presidência da República. Por isso, segundo Dilma Rousseff, o governo trabalha em duas vertentes, ao afirmar *Combate à violência, de um lado, e autonomia, do outro, são faces, reforçar a autonomia são faces da moeda principal que nós mulheres temos de reivindicar para nós que é uma atitude digna, cidadã, diante da vida.*

O pronome *nós*, nesta formulação, não representa apenas a terceira pessoa do plural como traz a gramática normativa, para nós, funciona como marca discursiva que constitui a ilusão/imagem de que a Presidenta e as outras mulheres falam do mesmo lugar, porém a luta contra a violência experimentada pela mulher é uma luta de todos.

O combate à violência, por parte do governo, se justifica por ser essa violência uma das origens da violência na sociedade. São valores que passam de geração a geração. A mulher é posta nesses enunciados como eixo da família, do governo, fundamental para o presente e o futuro do país, como também um dos eixos para o surgimento da violência. Por isso, segundo a Presidenta, que é mulher, da posição sujeito-governante, fala para as mulheres sobre as mulheres, em todos os aspectos.

Na formulação, *É assim que deve fazer um governo, sobretudo em um governo liderado por uma mulher, em um país cuja maior parte da população é constituída de mulheres*, vemos o funcionamento dos chamados esquecimentos. Pelo funcionamento da ideologia, segundo Orlandi (2002a, p. 35), o sujeito do discurso tem a ilusão de ser a fonte e origem do dizer, conforme em “Esse esquecimento reflete o sonho adâmico: o de estar na inicial absoluta da linguagem, ser o primeiro homem, dizendo as primeiras palavras que significariam apenas e exatamente o que queremos” e no esquecimento que dá a ilusão da realidade do pensamento, como em “Mas este é um esquecimento parcial, semiconsciente e muitas vezes voltamos sobre ele, recorremos a estas margens de famílias parafrásticas, para melhor especificar o que dizemos” (ORLANDI, 2002a, p. 35). Isso também se mostra na materialidade discursiva, na seguinte formulação: *“e não tem problema com a outra metade,*

porque a outra metade são nossos filhos, então está tudo em casa.” Então eu uso essa frase da companheira, “nós somos a maioria e a outra metade são nossos filhos, portanto, está tudo em família”. Os efeitos de sentido aí produzidos funcionam como que para efetivar os outros que justificaram a mulher no governo, pois, fazendo por elas, o eixo, faz-se para todos.

Assim, Dilma Rousseff formula, do lugar da presidência da República, dizendo que, por ocupar essa posição não pode ter uma política tímida, ultrapassada e meramente compensatória para as mulheres. E, devido a maioria da população (52%) ser mulher e a outra parte ser os filhos delas, ficam todos os brasileiros unidos pelos vínculos estabelecidos pela mulher. Assim, produzem-se os sentidos de que, ao governar para as mulheres, se governa para todos. Em contrapartida, a mulher é posta como a principal mola de propulsão e eixo para a família e para a sociedade, como fundamental para o desenvolvimento de um país. A Presidenta argumenta para a direção de sentidos que colocam a mulher como o ser mais capacitado para a presidência, por saber, de modo “muito especial”, sobre a discriminação e a violência experimentadas pelas mulheres.

CAPÍTULO V

CONSTRUINDO UMA IMAGEM DE SI

5.1 A construção de um *ethos de competência* para Dilma Rousseff

Vimos até então, em nosso percurso de análise, a construção do *ethos* enquanto a construção da imagem de si, a partir de dizeres/sentidos já materializados historicamente sobre/para a mulher, funcionando nas Preleções da presidenciável Dilma Rousseff. Trata-se de uma imagem que produz efeitos de sentido para os eleitores brasileiros, pelo funcionamento da linguagem, que constrói, ao mesmo tempo, uma imagem configurada discursivamente à Presidenta. Ainda, considerando os dizeres de Dilma, por ser a primeira mulher a chegar à presidência no Brasil, vemos configurar-se um *acontecimento discursivo*, pela construção do *ethos*, ou seja, uma mulher que rompe com a hegemonia masculina em relação ao mais alto cargo da política nacional.

Como abordado anteriormente, a noção de *ethos* que utilizaremos aqui deriva dos conceitos propostos por Dominique Maingueneau (1997) pela Análise de Discurso. Esse conceito de *ethos* discursivo leva em conta que o discurso é inseparável de uma “voz”, à qual remete uma dimensão retórica, sendo que *ethé* refere-se àquilo que, mesmo implícito aos oradores, é revelado pelo modo como se expressam. Maingueneau assevera que só é possível tratar o *ethos* pelo viés discursivo, estabelecendo um duplo deslocamento da noção do *ethos* retórico: primeiramente, deve-se descartar o fato de que o enunciador tem o controle sobre o que diz, ou seja, de que tem domínio total das suas escolhas na oratória. Pela Análise de Discurso, os efeitos são determinados pela formação discursiva, de modo que os efeitos não são postos pelo sujeito, mas determinantes em relação àquele que enuncia. Assim, o *dito* e o *tom* constituem a dimensão discursiva.

O outro deslocamento proposto pela Análise de Discurso, em relação à retórica clássica, é considerar não apenas o *oral*, como também o *escrito*, dotado de uma voz, que neste caso, é parte constituinte da formação discursiva. Maingueneau considera que essa voz, pela qual os sujeitos se reconhecem, poderá ser referida enquanto *tom*, à medida que as formações discursivas determinam o tom dos oradores:

[...] pode-se localizar as características mais marcantes que a formação discursiva impõe ao “tom” de seus autores e definir o ideal de entonação que acompanha seus lugares de enunciação: trata-se, de acordo com o estatuto dos autores e dos destinatários, de um tom moderado, alegre, sem rupturas, variado,... Propriedades estas que, além disso, supostamente devem ser aplicadas ao conjunto das manifestações positivas do como. (MAINGUENEAU, 1997, p. 46).

Maingueneau (1997, p. 48) afirma ainda que “se os elementos do *ethos* forem integrados à discursividade, esta última aparece sob uma luz diferente: o discurso é, a partir daí, indissociável da forma pela qual “toma corpo”.” É nesse sentido que o autor introduz a noção de *incorporação*, para referir-se a essa junção entre a formação discursiva e o *ethos*, constituído no processo discursivo, posto que a formação discursiva dá “corporalidade” à configuração do sujeito discursivo, tanto à figura do enunciador, quanto à do destinatário – os interlocutores. Assim, a corporalidade possibilita aos sujeitos do discurso a incorporação de elementos que definem diferentes modos de se estar no mundo. Conseqüentemente, essa perspectiva remete à questão da eficácia do discurso, pois que, pelo imaginário discursivo, os interlocutores são participantes na constituição do discurso, por estarem imersos à mesma maneira de ser, viver e dizer.

A estereotipagem, conceito inerente à noção de *ethos*, consiste, segundo Amossy (2008), em pensar o real por meio de conceitos culturais pré-existentes, já cristalizados no imaginário social. Dessa forma, a sociedade avalia o enunciador por meio dos estereótipos pré-construídos. Em nossa sociedade esses estereótipos se mantiveram historicamente por muito tempo no *ethos* construído para a mulher e, ainda, em muitos contextos e situações se fazem presentes, desqualificando-a para os cargos de liderança que significam socialmente o lugar do forte, do firme, do racional, coisas que, também historicamente, foram construídas ao homem:

Esse *ethos* prévio, que precede à construção da imagem no discurso, corresponde ao que Maingueneau prefere chamar “*ethos* pré-discursivo”. No momento que toma a palavra, o orador faz uma idéia de seu auditório e da maneira pela qual será percebido; avalia o impacto sobre seu discurso atual e trabalha para confirmar sua imagem, para reelaborá-la ou transformá-la e produzir uma impressão conforme às exigências de seu projeto argumentativo. (AMOSSY, 2008, p. 125).

Conforme expressa a autora, e, numa leitura discursiva, interlocutores falam, levando em conta a sua inscrição histórica em suas diferentes categorias sociais, predominantes. Logo,

os ouvintes das Preleções de Dilma Rousseff constituem a sociedade brasileira, cujos sentidos determinam na construção da imagem do homem, enquanto o ideal para presidir. Pelas condições de produção das discursividades de Dilma, no que concerne ao lugar do homem e da mulher na presidência da República, compreendemos que, romper com os sentidos já estabelecidos para esse lugar, não depende somente de construir uma imagem de si, mas sim, ainda de um deslocamento da imagem da mulher, pois os estereótipos estabelecidos socialmente para elas refletem na imagem de Dilma.

Segundo Maingueneau:

Na perspectiva da análise do discurso, não podemos, pois, contentar-nos, como a retórica tradicional, em dizer do ethos um meio de persuasão: ele é parte constitutiva da cena de enunciação, com o mesmo estatuto que o vocabulário ou os modos de difusão que o enunciado implica por seu modo de existência. O discurso pressupõe essa cena de enunciação para poder ser enunciado, e, por seu turno, ele deve validá-la por sua própria enunciação: qualquer discurso, por seu próprio desdobramento, pretende instituir a situação de enunciação que o torna pertinente. (MAINGUENEAU, 2008, p.75).

No material em análise, compreendemos a discursividade de Dilma Rousseff funcionando para a construção de uma imagem de si, por meio do modo de ser feminino que já significa socialmente a mulher. Ao formular *Queridas companheiras, queridos companheiros; Queridas amigas e amigos; Minhas amigas e meus amigos de todo o Brasil; Queridas brasileiras e queridos brasileiros, Meus queridos brasileiros e brasileiras; Minhas irmãs brasileiras; Minhas amigas e meus amigos*, o sujeito do discurso faz funcionar uma cenografia¹¹ de modos femininos de ser e de dizer. Esta cenografia mobiliza uma memória de carinho, de afeição, de amizade, de proximidade, que se inscrevem em uma formação discursiva constituída de sentidos historicamente dados para a mulher. O sujeito do discurso, da posição sujeito-feminino, faz funcionar esses sentidos que configuram o *ethos* à figura de Dilma Rousseff, enquanto Presidenta da República.

¹¹ Segundo Maingueneau, a enunciação pressupõe três cenas: *cena englobante, cena genérica e cenografia*. A primeira refere-se ao tipo de discurso, a segunda está associada a um gênero do discurso e a terceira, em que a cenografia é construída pelo próprio texto. “O discurso político é igualmente propício à diversidade das cenografias; um candidato poderá falar a seus eleitores como jovem executivo, como tecnocrata, como operário, como homem experiente etc., e conferir os “lugares” correspondentes a seu público.” (MAINGUENEAU, 2008, p.76).

Consideramos, assim, que evocar a atenção para as suas Preleções, considerando-se amiga e irmã das brasileiras e dos brasileiros, faz funcionar sentidos de um modo feminino de ser, para a imagem de si. Assim também, exaltando as características já atribuídas à mulher, faz funcionar sentidos para o deslocamento de um *ethos* estereotipado para a construção de um *ethos de competência* para a mulher. Pois dizer que a mulher tem *capacidade*, *é imbatível*, *é forte*, *ela pode*, *é corajosa*, *é principal mola de propulsão*, *é empreendedora*, *trabalhadora*, tem *energia e talento*, *é criativa e resistente*, funciona na reformulação/reconfiguração do *ethos* já dado historicamente, de mulher frágil e sem competência.

Do mesmo modo, temos outras palavras que aparecem nas Preleções de Dilma que funcionam para o deslocamento dos sentidos dados às características femininas que, pelo imaginário social, constitui uma imagem que “enfraquece” a mulher para os cargos de liderança, vejamos: tem *sentimento*, *cuida*, *ampara*, *protege*, tem *carinho*, dá *amor*, *apoia*, *incentiva*, *é sincera*, *é dedicada* e *gosta de cuidar das coisas vendo todos os detalhes*, *tintim por tintim*. Com esses dizeres, a mulher é significada no seu modo de ser mãe, feminina, amiga, companheira, fraterna, produzindo os efeitos de sentido, de que essas características são importantes àquele que ocupa a presidência. Com essas palavras, funcionando para a construção do *ethos* de competência para a mulher, Dilma Rousseff constroi o *ethos de competência* para si.

Para a Análise de Discurso, esses processos que entram em funcionamento na cena discursiva não ocorrem de modo intencional, como às vezes parece. Nessa perspectiva teórica, como afirma Orlandi, “o sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia” (ORLANDI, 2002a, p. 20).

A construção do *ethos* nas Preleções de Dilma Rousseff funciona pela inscrição em uma formação discursiva, na qual se inscrevem os interlocutores, pelo imaginário discursivo. A formação discursiva a que se inscrevem os dizeres que significam a mulher, enquanto mãe, amiga, irmã, feminina, confere o *tom* de amabilidade, carinho, força e coragem ao sujeito que enuncia, dando corpo/corporalidade aos interlocutores, possibilitando ao discurso a incorporação dos elementos que definem uma maneira de habitar a sociedade, e, assim, participando involuntariamente da produção dos sentidos do discurso. Pela Análise de Discurso, compreendemos que há uma memória discursiva que configura e reconfigura o *tom*

do discurso, que funciona pelo imaginário social, produzindo sentidos para a construção do *ethos*.

Compreendemos assim que, através dos dizeres que compõem o *corpus*, os sentidos funcionam para a construção da imagem da mulher, pois que encontra correspondência no imaginário social. Vemos que o sujeito, discursivamente, organiza seus dizeres a partir da imagem que tem da imagem de seus interlocutores. Então, pela Análise do Discurso, temos funcionando o mecanismo de antecipação pelas formações imaginárias, em que, segundo Orlandi (2002a) afirma “Ele antecipa-se assim ao seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte.” (ORLANDI, 2002a, p. 39).

5.2 A copresença Lula-Dilma para a promoção da credibilidade de Dilma Rousseff à presidência da República

O lugar da mulher na presidência da República, numa injunção com a presença do ex-presidente Lula, se faz presente na discursividade de Dilma, funcionando como possibilidade de credibilidade e sustentabilidade à presidência, gerida por uma mulher.

Como já mencionado anteriormente, a nação brasileira teve sempre, como o seu maior representante político, a figura de homens, enquadrados à figura do homem bem sucedido, pertencente às classes mais favorecidas e com uma escolaridade ideal. A eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, para presidente do Brasil, em 2002, configurou-se como um acontecimento político que rompe com os sentidos da incompetência, atribuídos ao homem simples. A partir daí, funcionam já os sentidos de credibilidade para o homem, considerado como vindo do povo. A confiança que se conquistou diante dos brasileiros possibilitou que Lula se reelegesse para presidência do país em 2006. Assim também, como ocorreu com o homem trabalhador, comum, à mulher, nas eleições à presidência em 2010, no Brasil, teve sua competência e capacidade postas em dúvida.

Nas condições de produção das eleições de Dilma, vale considerar que o então presidente Lula e a candidata Dilma foram e são correligionários do Partido dos Trabalhadores (PT), ocupando, portanto, a mesma posição político-ideológica, conforme

atestado em todo o processo de candidatura e campanha da presidenciável, na figura do presidente Lula, tão presente em comícios e demais eventos.

Ainda, a partir de Dominique Maingueneau (2008), sobre a noção de *ethos*, vale considerar a adesão dos interlocutores a uma determinada posição discursiva, o que, segundo o autor, pode ser observado, por exemplo, no discurso político que tem por objetivo conquistar um público. O tom e a corporalidade discursiva configuram textualmente os sentidos, compartilhados de uma mesma posição discursiva entre os interlocutores.

Selecionamos abaixo, alguns enunciados das Preleções 1 e 2, de pré-candidatura e homologação da candidatura de Dilma, as quais remetem às condições de produção específicas da campanha à presidência, junto aos correligionários, em congressos do PT. Nas sequências abaixo, é possível observar o efeito de presença de Lula, pela discursivização de Dilma, produzindo a fusão entre as imagens do presidente e da candidata, resultando no fenômeno da *copresença* Lula-Dilma, como argumento à credibilidade da candidata.

(P1) Meu partido - o Partido dos Trabalhadores - me confere a honrosa tarefa de dar continuidade à magnífica obra de um grande brasileiro. A obra de um líder - meu líder - de quem muito me orgulho: Luiz Inácio Lula da Silva.[...] Mas me sinto absolutamente preparada para enfrentá-lo - com humildade, serenidade e confiança. [...] Estamos construindo um novo país na democracia. [...] Persistimos em nossas convicções, buscamos, a partir delas, construir alternativas concretas e realistas. Continuamos movidos a sonhos. [...] Tivemos um grande mestre - o Presidente Lula. Ele nos ensinou o caminho. Em um país, com a complexidade e as desigualdades do Brasil, ele foi capaz de nos conduzir pelo caminho de profundas transformações sociais em um clima de paz, de respeito e fortalecimento da democracia. [...] Recebo com humildade a missão que vocês estão me confiando. Com humildade, mas com coragem e determinação. Coragem e determinação que vêm do apoio que recebo de meu partido e de seu primeiro militante - o Presidente Lula. [...] Como todos podem ver, temos um extraordinário alicerce sobre o qual construir o terceiro Governo Democrático e Popular. Temos rumo, experiência e impulso para seguir o caminho iniciado por Lula. Não haverá retrocesso, nem aventuras. Mas podemos avançar muito mais. E muito mais rapidamente. [...] como pretendemos continuar este processo iniciado há sete anos. Vamos manter e aprofundar aquilo que é marca do Governo Lula - seu olhar social. Queremos um Brasil para todos. Nos aspectos econômicos e em suas projeções sociais, mas também um Brasil sem discriminações, sem constrangimentos. Ampliaremos e aperfeiçoaremos os programas sociais do Governo Lula, como o Bolsa Família, e implantaremos novos programas com o propósito de erradicar a miséria na década que se inicia.

(P2) Não é por acaso que depois deste grande homem, o nosso Brasil possa ser governado por uma mulher. Por uma mulher que vai continuar o Brasil de Lula - mas que fará um Brasil de Lula com alma e coração de mulher. Lula mudou o Brasil e o Brasil quer seguir mudando. [...] Nós, do governo

do presidente Lula, fizemos o contrário. Chegamos à conclusão de que só fazia sentido governar se fosse para todos. [...] para o Brasil seguir mudando é preciso, acima de tudo, manter e aprofundar o olhar social do governo do nosso grande presidente Luiz Inácio Lula da Silva. É mais que simbólico que, nesse momento, o PT e os partidos aliados estejam dizendo: chegou a hora de uma mulher comandar o país. Estejam dizendo: para ampliar e aprofundar o olhar de Lula, ninguém melhor que uma mulher na presidência da República. Creio que eles têm toda razão. Nós, mulheres, nascemos com o sentimento de cuidar, amparar e proteger. Somos imbatíveis na defesa de nossos filhos e de nossa família.

Os sentidos em funcionamento nos excertos acima remetem a uma memória histórica dos princípios político-ideológicos que configuram o corpo político do PT, formado pelos adeptos do partido. As expressões *a vida sempre marcada pelo sonho e pela esperança de mudar o Brasil; Estamos construindo um novo país na democracia; Persistimos em nossas convicções, buscamos, a partir delas, construir alternativas concretas e realistas. Continuamos movidos a sonhos; construir o terceiro Governo Democrático e Popular; construir um Brasil para todos*, são expressões que configuram uma regularidade discursiva, que sustenta o discurso do PT enquanto partido popular, de inclusão dos menos favorecidos, de sonhos e mudanças que significam o socialismo, cujos dizeres já se significaram pelo slogan do governo Lula, como em “Brasil, um país de todos”.

Observamos o efeito de copresença inscrito primeiramente nas expressões *um grande brasileiro; um grande líder; grande mestre; grande presidente*, que se inscrevem em uma formação discursiva, determinada ideologicamente pela posição sujeito do discurso e pelo/no contexto sócio-histórico, em que dizer grande para definir o brasileiro, líder, mestre e presidente remete a Luiz Inácio Lula da Silva, em suas obras governamentais, as quais são definidas nesse contexto como magníficas. O efeito de copresença Lula-Dilma não se estabelece aí simplesmente, por Dilma mencionar o nome do ex-presidente, mas pelos sentidos a que, nessas condições de produção, inscrevem ideologicamente essas palavras. Essas menções a Lula encontram correspondência, pelo imaginário dos ouvintes, que também, pelo imaginário, relacionam esses dizeres a sentidos que significaram Lula, na sociedade brasileira. Assim, produz-se a ilusão, o efeito para os eleitores, de que Lula e Dilma são um só – o mesmo – enquanto governo. Em se considerando Lula, como o mentor de tão magnífica obra, transfere-se o sentido de capacidade à Dilma.

Nas formulações: *dar continuidade à magnífica obra de um grande brasileiro; estamos construindo um novo Brasil na democracia; continuamos movidos pelos sonhos;*

ampliaremos e aperfeiçoaremos os programas sociais do Governo Lula; continuar o Brasil de Lula; ampliar e aprofundar o olhar de Lula, o efeito de copresença se marca linguisticamente pela primeira pessoa do plural, produzindo uma relação de unicidade entre os governos de Lula e de Dilma, como se o governo futuro fosse a continuidade do governo do presente, pois que se inscrevem em uma mesma formação ideológica. Produz-se a ilusão/o efeito de que a posição sujeito-presidente Lula e a posição sujeito-presidente Dilma sejam exatamente a mesma.

Lula se faz presente nas Preleções de Dilma enquanto grande mestre, pois, como vemos, *ele nos ensinou o caminho; ele foi capaz de nos conduzir a caminhos de profundas transformações sociais; temos um extraordinário alicerce sobre o qual construir o terceiro Governo Democrático e Popular; Temos rumo, experiência e impulso para seguir o caminho iniciado por Lula*. Essas formulações indicam que Lula, enquanto grande mestre e mentor ensinou o caminho para Dilma governar no futuro, do mesmo modo como ele governou. Ainda, que deixa um extraordinário alicerce para a construção do governo de Dilma.

A presença de Lula nas Preleções de Dilma se dá pela filiação partidária, que os inscrevem à mesma posição ideológica. O modo como as qualidades de Lula são evidenciadas, como o *script* de Dilma, promove a transferência dos sentidos de competência do presidente à candidata. Sua presença também se faz pelos dizeres que significam o governo enquanto continuidade do outro, dando a impressão de que juntos continuarão no governo.

Pela Análise de Discurso, tomar a discursividade de Dilma Rousseff funcionando pela retomada de sentidos/dizeres da/sobre a mulher para a construção de um ethos de competência para si, ou pensar a construção da sua imagem pela relação desta com a imagem de Lula, produzindo um efeito de copresença, é pensar o funcionamento da linguagem que se dá na relação da língua com a história pelo trabalho da ideologia. Por este funcionamento, temos a memória discursiva, constituída de já-ditos sobre os quais todo dizer se produz a partir de gestos de interpretação. É pela retomada de sentidos de uma memória discursiva sobre/da mulher, e de uma memória discursiva em que a imagem de Lula significa para os brasileiros, que os dizeres de Dilma produzem seus efeitos, se significam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo compreendendo que os sentidos das Preleções de Dilma Rousseff e os efeitos que produzem não se fecham e que o sujeito seja intercambiável, a depender das formações discursivas a que se inscreve pelo funcionamento da ideologia, somos interpelados, enquanto sujeito-analista, a dar sentidos, ainda que provisórios, ao jogo linguístico-discursivo, materializado nas Preleções da candidata e Presidenta do Brasil, Dilma Rousseff.

Pensando as Preleções de Dilma, o *corpus* da presente análise, proferidas em condições particulares de enunciação [como presidenciável ou como já *Presidenta*], o discurso, que se constitui o nosso objeto de estudo, se constroi no/pelo efeito de sentidos entre os locutores, afetados pela língua na história. Buscamos trazer, pelo viés discursivo, as noções de sujeito, memória discursiva, *ethos* discursivo, acontecimento discursivo, condições de produção, ruptura [quebra do ritual], o político, o poder, além do funcionamento da ideologia. Esse dispositivo teórico, como considera Orlandi (2002a, p. 59), nos permitiu colocar em relação o dito e o não dito, os diferentes modos de dizer, os lugares ideológicos de onde se diz, procurando escutar, naquilo que Dilma formula, o que não se disse e que constitui igualmente os sentidos de seu dizer.

Vimos que uma mulher chegar à Presidência da República Federativa no Brasil se deu como um fato histórico, que, por uma falha na língua [quebra do ritual/regularidade do uso *presidente*] promoveu-se um acontecimento discursivo, pois que tal fato se marca como uma ruptura dos sentidos, que até então significavam apenas o homem para o cargo de presidente. Ao referir-se como *Presidenta* e não *presidente*, Dilma Rousseff significa na língua, pelo discurso, a materialização ideológica que significa o lugar de existência e de resistência da mulher, para ocupar funções e papéis importantes em nossa sociedade. A formulação *Presidenta*, nessas condições de produção, significa a falha na língua que promove o equívoco na rede de sentidos, em que só o termo *presidente* podia designar o cargo mais alto da instância governamental do Brasil.

Assim, o fato de uma mulher chegar à presidência do país, rompe com uma regularidade hegemônica historicamente instaurada, pela via de um dizer outro, *presidente* > *Presidenta*. Ao afirmar que veio para abrir as portas para as outras mulheres, Dilma Rousseff faz funcionar, pelo imaginário discursivo, o efeito de sentido de que está a serviço das

mulheres, de que é a representante legítima de todas as mulheres, enfim, de que sua posição no governo é a de porta-voz, acima de tudo, das mulheres brasileiras.

Na materialidade linguística, observamos os já-ditos que significam os sentidos de um modo de ser e de dizer *femininos*, atribuídos socialmente à mulher ao longo da história, mobilizados para significar a mulher na presidência. Assim também, dizendo a mulher como cuidadosa, detalhista, afetiva e fraterna, com energia e talentos femininos, promove-se um deslize de sentidos, da posição sujeito-feminino para a posição sujeito-governante. Por esse mesmo funcionamento, o sujeito do discurso produz o efeito de cumplicidade e proximidade entre as mulheres brasileiras, como sendo suas irmãs que a ajudarão presidir o País.

Os efeitos de sentido produzidos são o de que o sujeito discursivo sabe de toda a história de sofrimento da mulher, do carente e, por isso, devem juntar-se à Presidenta para governar o Brasil, produzindo o sentido de que a participação das mulheres e das classes menos favorecida no governo de Dilma deva ser ilimitada.

Pudemos observar também, através da análise, que a discursividade nas formulações da presidenciável faz funcionar sentidos que significam a mulher enquanto um ser que sabe mais que os homens das estratégias para a construção de um bom governo, com políticas que diminuam as desigualdades e a discriminação entre homens e mulheres. E, por saber mais, a mulher é posta como a figura central dos programas de governo, para cuidar dos recursos.

A construção discursiva das Preleções faz funcionar diferentes posições-sujeito, posição sujeito-mãe, posição sujeito-amiga, posição sujeito-irmã, posição sujeito-mulher, posição sujeito-feminino, deslocando os sentidos para outra posição, a de sujeito-governante, promovendo a impressão de que é desta sobreposição que se tem o presidenciável ideal. Assim, produz-se o efeito de sentido de que, somente o ser mulher com suas qualidades de mãe, irmã, amiga, feminina tem os atributos adequados e necessários para presidir o Brasil.

Pelo efeito metafórico, os sentidos historicamente dados à mulher, de cuidar, amparar e proteger *deslizam* para outros, concernentes ao governo. É com esse modo de ser cuidadoso, carinhoso, protetor, amigo, fraterno e materno que o sujeito do discurso, da posição sujeito-governante, propõe-se a fazer/trabalhar pelo povo brasileiro, como sendo fundamental para o bom presidenciável. Por esse funcionamento, os sentidos sobre a mulher dão visibilidade à forma sujeito-mulher, no modo como se constituiu ao longo da história. Então, essa forma sujeito-mulher, com seu modo de ser historicamente dado, funciona como

eixo discursivo para o novo/o diferente, promovendo a afirmação da mulher enquanto candidata/Presidenta.

Os sentidos, nessas Preleções, também funcionam pelos esquecimentos, pela ilusão do sujeito de ser sempre já sujeito, de ser fonte do dizer, de que as palavras são transparentes. Assim, os esquecimentos são estruturantes, necessários para o funcionamento da linguagem e do sujeito na constituição dos sentidos. É por esse funcionamento que o sujeito do discurso significa e faz significar.

O discurso também funciona pela contradição, a mulher é posta como a mais vulnerável à violência, a mais sofredora entre os sofredores e a mais pobre entre os pobres, porém, é aí que surpreende a força da mulher, porque ela, a mulher, é a principal mola de propulsão, se ergue e levanta consigo toda a família. Pelo imaginário, o sujeito discursivo, produz o sentido de que, por ser mulher, também será uma mola de propulsão para levantar o país, diante das crises.

Compreendemos os dizeres e sentidos já constituídos historicamente para/sobre a mulher, sendo retomados, para a construção da discursividade da presidenciável, para a produção de sentidos que significam a mulher no contexto sócio-histórico vigente, como um *ethos* de competência à presidência. Assim, Dilma Rousseff, por meio de formulações que, historicamente, já significam a mulher na sociedade, desloca o *imaginário* de fragilidade e incompetência, e faz funcionar os sentidos para um *ethos de competência* para a mulher e, por esse mecanismo, constrói um *ethos* de competência para si. Assim também, por um efeito de copresença de Lula-Dilma, que se constitui na discursividade, por meio da inscrição a uma mesma posição ideológica, pela transferência de sentidos de competência de Lula para a presidenciável, pela relação entre o governo atual e o governo futuro, postos como estando ligados pela mesma posição sujeito- governante, constitui-se a imagem de Dilma Rousseff.

Dizendo de outra forma, a construção da imagem de Dilma Rousseff para o lugar da presidência da República do Brasil funciona pelas circunstâncias da situação enunciativa particular do pleito eleitoral, numa relação com a memória discursiva, nos modos como aciona os sentidos pré-construídos, para a formulação dos seus dizeres. Nessas condições de produção, a mulher é ressignificada pelas suas qualidades à presidência. Assim também, a presidenciável, pela sua discursividade, produz um efeito de fusão entre sua imagem e a imagem de Lula. Esse efeito se faz na retomada de dizeres/sentidos de uma memória discursiva que significam Lula na presidência do Brasil. Com essa fusão de imagens –

Lula/Dilma – produz-se o efeito dos sentidos de unidade, coerência partidária e consequências sociais produtivas no comando do país.

Para finalizar, reiteramos que o discurso sobre a mulher funciona por um imaginário que atualiza os sentidos presentes em nossa sociedade, como nas Preleções de Dilma. E assim, por essa atualização de sentidos, promove-se a legitimação de um lugar de dizer das mulheres e, conseqüentemente, provoca deslocamento nas relações de poder, que legitimaram o homem ao cargo de presidencial. E, por esse funcionamento, Dilma Rousseff, que é mulher, busca legitimar um lugar de dizer na política brasileira e na presidência da República.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de Sí no Discurso: a construção do ethos*. 1 ed. Trad. Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2008.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística Geral I*. 5 ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luísa Neri. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 5 ed. Campinas, SP: Unicamp, 1996.
- CUNHA, Celso; CINTRA Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2 ed./35ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- ESTADÃO. Integra do discurso de Dilma Rousseff no Congresso do PT. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias>. Acesso em 12 de jun. 2013.
- FARACO & MOURA. *Gramática Nova*. 14 ed. São Paulo: Ática, 2003.
- FOLHA. *Leia íntegra do discurso de posse de Dilma Rousseff no Congresso*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder>>. Acesso em 23 de ago. 2013.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 1 ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. *A Língua Inatingível: o discurso na história da linguística*. Trad. Bethania Mariani e Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Os Limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- _____. *Texto e Argumentação: Um estudo das conjunções do Português*. 4 ed. Campinas/SP: Pontes, 2007.
- Henry, Paul. “Sentido, Sujeito, Origem”. ORLANDI, Eni (org). *Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas, SP: Pontes, 1993.
- _____. Os fundamentos teóricos da Análise Automática do discurso de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 4 ed. Campinas, SP: Unicamp, 2010.
- JAKOBSON, R. *Linguistique et théorie de la communication, insais de linguistique générale*, vol. I, Paris, Les Editions de Minuit, 1963, p. 87.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. “Nas redes do conceito de gênero”. In: LOPES, M. J. D.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R. (orgs.). *Gênero e saúde*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 3 ed. Trad. Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes, 1997.

_____. *Ethos, cenografia, incorporação*. In *Imagens de Si no Discurso: a construção do ethos*. AMOSSY, Ruth (org.). 1 ed. Trad. Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírío Possenti. São Paulo: Contexto, 2008.

ORLANDI, Eni. *Discurso Fundador: A formação do país e a construção da identidade nacional*. Eni P. Orlandi (org.). Campinas, SP: Pontes, 1993.

_____. *Discurso e Argumentação: Um Observatório do Político*. Fórum Linguístico, Fpolis, n. 1 (73-81), jul. –dez. 1998a.

_____. *Paráfrase e Polissemia. A Fluidez nos Limites do Simbólico*. In Revista Rua. n° 4, Campinas: Unicamp, março, 1998b.

_____. *Do Sujeito no Histórico e no Simbólico*. Escritos 4. Laboratório de Estudos Urbanos. LABEURB – NUDECRI – UNICAMP, Campinas, 1999.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 2002a.

_____. *Preconceito*. In *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002b.

_____. *Introdução às Ciências da Linguagem – Discurso e Textualidade*. Campinas, SP: Pontes, 2006.

_____. *As Formas do Silêncio: No movimento dos sentidos*. 6 ed. Campinas, Unicamp, 2007.

_____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 6 ed. Campinas, SP: Pontes, 2011.

_____. *Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 6 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012a.

_____. *Discurso e Texto: formação e circulação de sentidos*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012b.

PALÁCIO DO PLANALTO. *Discurso da presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de início do Mês da Mulher: trabalho e cidadania - Salvador/BA*. Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/centrais-de-conteudos/audios>. Acesso em 19 de set. 2013.

_____. *Discurso da presidenta da República, Dilma Rousseff, na abertura do Debate Geral da 66ª Assembleia Geral das Nações Unidas - Nova York/EUA.* Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos>>. Acesso em 19 de set. 2013.

_____. *Pronunciamento à nação da presidenta da República, Dilma Rousseff, em cadeia nacional de rádio e TV, por ocasião do Dia Internacional da Mulher.* Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/imprensa/discursos>>. Acesso em 10 de nov. 2013.

_____. *Discurso da presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de lançamento do Programa Mulher: viver sem violência - Brasília/DF.* Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/imprensa/discursos>>. Acesso em 10 de nov. 2013.

PÊCHEUX, M. *Delimitações, Inversões, Deslocamentos.* Caderno de Estudos Linguísticos. Campinas: Unicamp, (19): 1 – 179, jul/dez. 1990a.

_____. *O Discurso: estrutura ou acontecimento.* Trad. Eni P. Orlandi, SP: Pontes, 1990b.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.* Trad. Eni P. Orlandi et al. 4 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2009.

_____. “Papel da Memória”. In *Papel da Memória.* Achard, P.(Org.) Trad. E Introdução: José Horta Nunes. 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

SACCONI, Luiz Antônio. *Minidicionário Sacconi da Língua Portuguesa.* São Paulo: Atual, 1996.

TERRA. *Confira na íntegra o discurso da candidata Dilma Rousseff.* Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/eleicoes>>. Acesso em 12 de jun. 2013.

VEJA. *Íntegra do primeiro discurso de Dilma Rousseff depois de vencer a eleição presidencial.* Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/documentos>>. Acesso em 23 de ago. 2013.

ZOPPY-FONTANA, Mônica G. *Cidadãos Modernos: discurso e representação política.* Campinas, SP: Unicamp, 1997.

ANEXOS

PRELEÇÃO 1

ÍNTEGRA DO DISCURSO DE DILMA ROUSSEFF NO CONGRESSO DO PT

20 de fevereiro de 2010 | 13h 28

Queridas companheiras,
Queridos companheiros

Para quem teve a vida sempre marcada pelo sonho e pela esperança de mudar o Brasil, este é um dia extraordinário. Meu partido - o Partido dos Trabalhadores - me confere a honrosa tarefa de dar continuidade à magnífica obra de um grande brasileiro. A obra de um líder - meu líder - de quem muito me orgulho: Luiz Inácio Lula da Silva. Jamais pensei que a vida viesse a me reservar tamanho desafio. Mas me sinto absolutamente preparada para enfrentá-lo - com humildade, serenidade e confiança.

Neste momento, ouço a voz de Minas Gerais, terra de minha infância e de minha juventude. Dessa Minas que me deu o sentimento de que vale a pena lutar pela liberdade e contra a injustiça. Ouço os versos de Drummond: "Teus ombros suportam o mundo/E ele não pesa mais do que a mão de uma criança" Até hoje sinto o peso suave da mão de minha filha, quando nasceu. Que força ela me deu. Quanta vida me transmitiu. Quanta fé na humanidade me passou. Eram tempos difíceis. Ferida no corpo e na alma, fui acolhida e adotada pelos gaúchos - generosos, solidários, insubmissos, como são os gaúchos. Naqueles anos de chumbo, onde a tirania parecia eterna, encontrei nos versos de outro poeta - Mário Quintana - a força necessária para seguir em frente: "Todos estes que aí estão/Atravancando o meu caminho,/Eles passarão. Eu passarinho." Eles passaram e nós hoje voamos livremente. Voamos porque nascemos para ser livres. Sem ódio e com serena convicção afirmo que nunca mais viveremos numa gaiola ou numa prisão. Estamos construindo um novo país na democracia. Um país que se reencontrou consigo mesmo. Onde todos expressam livremente suas opiniões e suas idéias. Um país que não tolera mais a injustiça social. Que descobriu que só será grande e forte se for de todos. Vejo nesta manhã - nos jovens que nos acompanham e nos mais velhos que aqui estão - um extraordinário encontro de gerações. De gerações que, como a minha, levaram nosso compromisso com o país às últimas conseqüências.

Amadureci. Amadurecemos todos. Amadureci na vida. No estudo. No trabalho duro. Nas responsabilidades de governo no Rio Grande e aqui. Mas esse amadurecimento não se confunde com conformismo, nem perda de convicções. Não perdemos a indignação frente à desigualdade social, à privação de liberdade, às tentativas de submeter nosso país. Não sucumbimos aos modismos ideológicos. Persistimos em nossas convicções, buscando, a partir delas, construir alternativas concretas e realistas. Continuamos movidos a sonhos. Acreditando na força do povo brasileiro, em sua capacidade de buscar e construir um mundo melhor.

A história recente mostrou que estávamos certos. Tivemos um grande mestre - o Presidente Lula. Ele nos ensinou o caminho. Em um país, com a complexidade e as desigualdades do Brasil, ele foi capaz de nos conduzir pelo caminho de profundas transformações sociais em um clima de paz, de respeito e fortalecimento da democracia. Não admitimos, portanto, que alguém queira nos dar lições de liberdade. Menos ainda aqueles que não tiveram e não têm compromisso com ela.

Companheiras, Companheiros

Recebo com humildade a missão que vocês estão me confiando. Com humildade, mas com coragem e determinação. Coragem e determinação que vêm do apoio que recebo de meu partido e de seu primeiro militante - o Presidente Lula. Do apoio que espero ter dos partidos aliados que, com lealdade e competência, também são responsáveis pelos êxitos do nosso Governo. Com eles quero continuar nossa caminhada. Participo de um governo de coalizão. Quero formar um Governo de coalizão.

Estou consciente da extraordinária força que conduziu Lula à Presidência e que deu a nosso Governo o maior respaldo da história de nosso país - a força do povo brasileiro.

A missão que me confiam não é só de um partido ou de um grupo de partidos. Recebo-a como um mandato dos trabalhadores e de seus sindicatos. Dos movimentos sociais. Dos que labutam em nossos campos. Dos profissionais liberais. Dos intelectuais. Dos servidores públicos. Dos empresários comprometidos com o desenvolvimento econômico e social do país. Dos negros. Dos índios. Dos jovens. De todos aqueles que sofrem ainda distintas formas de discriminação. Enfim, das mulheres.

Para muitos, elas são "metade do céu". Mas queremos ser a metade da terra também. Com igualdade de direitos, salários e oportunidades. Quero com vocês - mulheres do meu país - abrir novos espaços na vida nacional. É com este Brasil que quero caminhar. É com ele que vamos seguir, avançando com segurança, mas com a rapidez que nossa realidade social exige. Nessa caminhada encontraremos milhões de brasileiros que passaram a ter comida em suas mesas e hoje fazem três refeições por dia. Milhões que mostrarão suas carteiras de trabalho, pois têm agora emprego e melhor renda. Milhões de homens e mulheres com seus arados e tratores cultivando a terra que lhes pertence e de onde nunca mais serão expulsos. Milhões que nos mostrarão suas casas dignas e os refrigeradores, fogões, televisores ou computadores que puderam comprar. Outros milhões acenderão as luzes de suas modestas casas, onde reinava a escuridão ou predominavam os candieiros. E estes milhões de pontos luminosos pelo Brasil a fora serão como uma trilha incandescente que mostra um novo caminho. Nessa caminhada, veremos milhões de jovens mostrando seus diplomas de universidades ou de escolas técnicas com a convicção de quem abriu uma porta para o futuro. Milhões - mas muitos milhões mesmo - expressarão seu orgulho de viver em um país livre, justo e, sobretudo, respeitado em todo o mundo.

Muitos me perguntam porque o Brasil avançou tanto nos últimos anos. Digo que foi porque soubemos construir novos caminhos, derrubando velhos dogmas. O primeiro caminho é o do crescimento com distribuição de renda - o verdadeiro desenvolvimento. Provamos que distribuindo renda é que se cresce. E se cresce de forma mais rápida e sustentável. Essa distribuição de renda permitiu construir um grande mercado de bens de consumo popular. Ele nos protegeu dos efeitos da crise mundial. Criamos 12 milhões de empregos formais. A renda dos trabalhadores aumentou. O salário mínimo real cresceu como nunca. Expandimos o crédito para o conjunto da sociedade. Estamos construindo um Brasil para todos. O segundo caminho foi o do equilíbrio macro-econômico e da redução da vulnerabilidade externa. Eliminamos as ameaças de volta da inflação. Reduzimos a dívida em relação ao Produto Interno Bruto. Aumentamos nossas reservas de 38 bilhões de dólares para mais de 241 bilhões. Multiplicamos por três nosso comércio exterior, praticando uma política externa soberana, que buscou diversificar mercados. Deixamos de ser devedores internacionais e passamos à condição de credores. Hoje não pedimos dinheiro emprestado ao FMI. É o Fundo que nos pede dinheiro. Grande ironia: os mesmos 14 bilhões de dólares que antes o FMI nos emprestava, agora somos nós que emprestamos ao FMI. O terceiro caminho foi o da redução das desigualdades regionais. Invertimos nos últimos anos o que parecia uma maldição

insuperável. Quando o país crescia, concentrava riqueza nos estados e regiões mais prósperos. Quando estagnava, eram os estados e regiões mais pobres que pagavam a conta.

Governantes e setores das elites viam o Norte e o Nordeste como regiões irremediavelmente condenadas ao atraso. A vastos setores da população não restavam outras alternativas que a de afundar na miséria ou migrar para o sul em busca de oportunidades. É o que explica o inchaço das grandes cidades.

Essa situação está mudando. O Governo Federal começou um processo consistente de combate às desigualdades regionais. Passou a ter confiança na capacidade do povo das regiões mais pobres. O Norte e o Nordeste receberam investimentos públicos e privados. O crescimento dessas duas regiões passou a ser sensivelmente superior ao do Brasil como um todo.

Nós vamos aprofundar esse caminho. O Brasil não mais será visto como um trem em que uma única locomotiva puxa todos vagões, como nos tempos da "Maria Fumaça". O Brasil de hoje é como alguns dos modernos trens de alta velocidade, onde vários vagões são como locomotivas e contribuem para que o comboio avance.

O quarto caminho que trilhamos e continuaremos a trilhar é o da reorganização do Estado. Alguns ideólogos chegavam a dizer que quase tudo seria resolvido pelo mercado. O resultado foi desastroso. Aqui, o desastre só não foi maior - como em outros países - porque os brasileiros resistiram a esse desmonte e conseguiram impedir a privatização da Petrobrás, do Banco do Brasil, da Caixa Econômica ou de FURNAS.

Alguns falam todos os dias de "inchaço da máquina estatal". Omitem, no entanto, que estamos contratando basicamente médicos e profissionais de saúde, professores e pessoal na área da educação, diplomatas, policiais federais e servidores para as áreas de segurança, controle e fiscalização. Escondem, também, que a recomposição do corpo de servidores do Estado está se fazendo por meio de concursos públicos. Vamos continuar valorizando o servidor e o serviço público. Reconstituindo o Estado. Recompondo sua capacidade de planejar, gerir e induzir o desenvolvimento do país.

Diante da crise, quando o crédito secou, não sacrificamos os investimentos públicos e privados. Ao contrário, utilizamos nossos bancos para impulsionar o desenvolvimento e a garantia de emprego no País. Na verdade, quando a crise mundial apenas começava, Lula disse em seu discurso na ONU em 2008: É chegada a hora da política! Nada mais apropriado. A maior prova nós demos ao mundo: o Brasil só pôde enfrentar com sucesso a crise porque tivemos políticas públicas adequadas. Soubemos articular corretamente Estado e mercado, porque colocamos o interesse público no centro de nossas preocupações.

O quinto caminho foi o de nossa presença soberana no mundo. O Brasil não mais se curva diante dos poderosos. Sem bravatas e sem submissão, o país hoje defende seus interesses e se dá ao respeito. É solidário com as nações pobres e em desenvolvimento. Tem uma especial relação com a América do Sul, com a América Latina e com a África. Estreita os laços Sul-Sul, sem abandonar suas relações com os países desenvolvidos. Busca mudar instituições multilaterais obsoletas, que impedem a democratização econômica e política do mundo. Essa presença global, e o corajoso enfrentamento de nossos problemas domésticos em um marco democrático, explicam o respeito internacional que hoje gozamos.

O sexto caminho para onde convergem todos os demais foi o do aperfeiçoamento democrático. No passado, tivemos momentos de grande crescimento econômico. Mas faltou democracia. E como faltou! Em outros momentos tivemos democracia política, mas faltou democracia econômica e social. E sabemos muito bem que quando falta democracia econômica e social, é a democracia como um todo que está ameaçada. O país fica à mercê das

soluções de força ou de aventureiros. Hoje crescemos, distribuindo renda, com equilíbrio macro-econômico, expansão da democracia, forte participação social na definição das políticas públicas e respeito aos Direitos Humanos.

Quem duvidar do vigor da democracia em nosso país que leia, escute ou veja o que dizem livremente as vozes oposicionistas. Mas isso não nos perturba. Preferimos as vozes dessas oposições - ainda quando mentirosas, injustas e caluniosas - ao silêncio das ditaduras. Como disse o Presidente Lula, a democracia não é a consolidação do silêncio, mas a manifestação de múltiplas vozes. Nela, vai desaparecendo o espaço para que velhos coronéis e senhores tutelem o povo. Este passa a pensar com sua cabeça e a constituir uma nova e verdadeira opinião pública.

As instituições funcionam no país. Os poderes são independentes. A Federação é respeitada. Diferentemente de outros períodos de nossa história, o Presidente relacionou-se de forma republicana com governadores e prefeitos, não fazendo qualquer tipo de discriminação em função de suas filiações partidárias.

Não praticamos casuísmos. Basta ver a reação firme e categórica do Presidente Lula ao frustrar as tentativas de mudar a Constituição para que pudesse disputar um terceiro mandato. Não mudamos - como se fez no passado - as regras do jogo no meio da partida. Como todos podem ver, temos um extraordinário alicerce sobre o qual construir o terceiro Governo Democrático e Popular. Temos rumo, experiência e impulso para seguir o caminho iniciado por Lula. Não haverá retrocesso, nem aventuras. Mas podemos avançar muito mais. E muito mais rapidamente.

Queridas companheiras, queridos companheiros.

Não é meu propósito apresentar aqui um Programa de Governo. Este Congresso aprovou as Diretrizes para um programa que será submetido ao debate com os partidos aliados e com a sociedade.

Hoje quero assumir alguns compromissos como pré-candidata, para estimular nossa reflexão e indicar como pretendemos continuar este processo iniciado há sete anos.

Vamos manter e aprofundar aquilo que é marca do Governo Lula - seu olhar social. Queremos um Brasil para todos. Nos aspectos econômicos e em suas projeções sociais, mas também um Brasil sem discriminações, sem constrangimentos. Ampliaremos e aperfeiçoaremos os programas sociais do Governo Lula, como o Bolsa Família, e implantaremos novos programas com o propósito de erradicar a miséria na década que se inicia. Vamos dar prioridade à qualidade da educação, essencial para construir o grande país que almejamos, fundado no conhecimento e na justiça social. Mas a educação será, sobretudo, um meio de emancipação política e cultural do nosso povo. Uma forma de pleno acesso à cidadania. Daremos seguimento à transformação educacional em curso - da creche a pós-graduação. Os jovens serão os primeiros beneficiários da era de prosperidade que estamos construindo. Nosso objetivo estratégico é oferecer a eles a oportunidade de começar a vida com segurança, liberdade, trabalho e realização pessoal.

No Brasil temos hoje 50 milhões de jovens, entre os 15 e os 29 anos de idade. Mais de um quarto da população brasileira. E eles têm direito a um futuro melhor. O Brasil precisa muito da juventude. De profissionais qualificados. De mulheres e homens bem formados. Isto se faz com escolas que propiciem boa formação teórica e técnica, com professores bem treinados e bem remunerados. Com bolsas de estudo e apoio para que os alunos não sejam obrigados a abandonar a escola. Com banda larga gratuita para todos, computadores para os professores, salas de aula informatizadas para os estudantes. Com acesso a estágios, cursos de especialização e ajuda para entrar no mercado de trabalho de todo o Brasil. Serão esses jovens bem formados e preparados que vão nos conduzir à sociedade do conhecimento

Protegeremos as crianças e os mais jovens da violência, do assédio das drogas, da imposição do trabalho em detrimento da formação escolar e acadêmica. As crianças e os mais jovens devem ser, sim, protegidos pelo Estado, desde a infância até a vida adulta, para que possam se realizar, em sua plenitude, como brasileiros. Um País se mede pelo grau de proteção que dá a suas crianças. São elas a essência do nosso futuro. E é na infância que a desigualdade social cobra seu preço mais alto. Crianças desassistidas do nascimento aos cinco anos serão jovens e adultos prejudicados nas suas aptidões e oportunidades. Cuidar delas adequadamente é combater a desigualdade social na raiz.

Vamos ampliar e disseminar por todo o Brasil a rede de creches, pré-escolas e escolas infantis. Um tipo de creche onde a criança tem acesso a socialização pedagógica, aos bens culturais e aos cuidados de nutrição e saúde indispensáveis a seu pleno desenvolvimento. Isso é o que está previsto no PAC 2. Vamos resolver os problemas da saúde, pois temos um incomparável modelo institucional - o SUS. Com mais recursos e melhor gestão vamos aprimorar a eficácia do sistema. Vamos reforçar as redes de atenção à saúde e unificar as ações entre os níveis de governo. Darei importância às Unidades de Pronto Atendimento, as UPAs, ao SAMU, aos hospitais públicos e conveniados, aos programas Saúde da Família, Brasil Sorridente e Farmácia Popular. Vamos cuidar das cidades brasileiras. Colocar todo o empenho do Governo Federal, junto com estados e municípios, para promover uma profunda reforma urbana, que beneficie prioritariamente as camadas mais desprotegidas. Vamos melhorar a habitação e universalizar o saneamento. Implantar transporte seguro, barato e eficiente. Vamos reforçar os programas de segurança pública. A conclusão do PAC 1 e a implementação do PAC 2, junto com a continuidade do programa Minha Casa, Minha Vida serão decisivos para realizar esse compromisso. Vamos fortalecer a proteção de nosso meio ambiente. Continuaremos reduzindo o desmatamento e impulsionando a matriz energética mais limpa do mundo. Vamos manter a vanguarda na produção de biocombustíveis e desenvolver nosso potencial hidrelétrico. Desenvolver sem agredir o meio ambiente, com usinas a fio d'água e utilizando o modelo de usinas-plataforma. Aprofundaremos nosso zoneamento agro-ecológico. Nossas iniciativas explicam a liderança que alcançamos na Conferência sobre a Mudança do Clima, em Copenhague. As metas voluntárias de Copenhague, assumidas pelo Brasil, serão cumpridas, haja ou não acordo internacional. Este é o nosso compromisso. Vamos aprofundar os avanços já alcançados em nossa política industrial e agrícola, com ênfase na inovação, no aperfeiçoamento dos mecanismos de crédito, aumentando nossa produtividade.

Agregar valor a nossas riquezas naturais, é fundamental numa política de geração de empregos no País. Tudo que puder ser produzido no Brasil, deve ser - e será - produzido no Brasil. Sondas, plataformas, navios e equipamentos aqui produzidos, para a exploração soberana do Pré-sal, vão gerar emprego e renda para os brasileiros. Emprego e renda que virão também da produção em indústrias brasileiras de fertilizantes, combustíveis e petroquímicos derivados do óleo bruto. Assim, com este modelo soberano e nacional, a exploração do Pré-sal dará diversidade e sofisticação à nossa indústria. Os recursos do Pré-sal, aplicados no Fundo Social, sustentarão um grande avanço em nossa educação e na pesquisa científica e tecnológica. Recursos que também serão destinados para o combate à pobreza, para a defesa do meio ambiente e para a nossa cultura.

Vamos continuar mostrando ao mundo que é possível compatibilizar o desenvolvimento da agricultura familiar e do agronegócio. Assegurar crédito, assistência técnica e mercado aos pequenos produtores e, ao mesmo tempo, apoiar os grandes produtores, que contribuem decisivamente para o superávit comercial brasileiro. Todas as nossas ações de governo têm uma premissa: a preservação da estabilidade macro-econômica. Vamos manter o

equilíbrio fiscal, o controle da inflação e a política de câmbio flutuante. Vamos seguir dando transparência aos gastos públicos e aperfeiçoando seus mecanismos de controle. Vamos combater a corrupção, utilizando todos os mecanismos institucionais, como fizemos até agora. Vamos concretizar, junto com o Congresso, as reformas institucionais que não puderam ser completadas ou foram apenas parcialmente implantadas, como a reforma política e a tributária. Vamos aprofundar nossa postura soberana no complexo mundo de hoje. Seremos intransigentes na defesa da paz mundial e de uma ordem econômica e política mais justa. Enfim, vamos governar para todos. Com diálogo, tolerância e combatendo as desigualdades sociais e regionais.

Companheiras e companheiros,

Faremos na nossa campanha um debate de idéias, com civilidade e respeito à inteligência política dos brasileiros. Um debate voltado para o futuro.

Recebo essa missão especialmente como um mandato das mulheres brasileiras, como mais uma etapa no avanço de nossa participação política e como mais uma vitória contra a discriminação secular que nos foi imposta. Gostaria de repetir: quero com vocês, mulheres do meu País, abrir novos espaços na vida nacional.

Queridas amigas e amigos

No limiar de uma nova etapa de minha vida, quando sou chamada à tamanha responsabilidade, penso em todos aqueles que fizeram e fazem parte de minha trajetória pessoal. Em meus queridos pais. Em minha filha, meu genro e em meu futuro neto ou neta. Nos tantos amigos que fiz. Nos companheiros com quem dividi minha vida. Mas não posso deixar de ter uma lembrança especial para aqueles que não mais estão conosco. Para aqueles que caíram pelos nossos ideais. Eles fazem parte de minha história. Mais que isso: eles são parte da história do Brasil. Permitam-me recordar três companheiros que se foram na flor da idade. Carlos Alberto Soares de Freitas. Beto, você ia adorar estar aqui conosco. Maria Auxiliadora Lara Barcelos. Dodora, você está aqui no meu coração. Mas também aqui entre nós todos. Iara Yavelberg. Iara, que falta fazem guerreiras como você.

O exemplo deles me dá força para assumir esse imenso compromisso. A mesma força que vem de meus companheiros de partido, sobretudo daquele que é nosso primeiro companheiro - Luiz Inácio Lula da Silva.

Esse ato de proclamação de minha candidatura tem uma significação que transcende seu aspecto eleitoral. Estamos hoje concluindo o Quarto Congresso do Partido dos Trabalhadores. Mais do que isso: estamos celebrando os Trinta Anos do PT. Trinta anos desta nova estrela que veio ocupar lugar fundamental no céu da política brasileira. Em um período histórico relativamente curto mudamos a cara de nosso sofrido e querido Brasil. O PT cumpriu essa tarefa porque não se afastou de seus compromissos originais. Soube evoluir. Mudou, quando foi preciso. Mas não mudou de lado. Até chegar à Presidência do país, o PT dirigiu cidades e estados da Federação, gerando práticas inovadoras políticas, econômicas e sociais que o mundo observa, admira e muitas vezes reproduz. Fizemos isso, preservando e fortalecendo a democracia. Mas, a principal inovação que o Partido trouxe para a política brasileira foi colocar o povo - seus interesses, aspirações e esperanças - no centro de suas ações.

Olhando para este magnífico plenário o que vejo é a cara negra, branca, índia e mestiça do povo brasileiro. Esta é a cara do meu partido. O rosto daqueles e daquelas que acrescentam a sua jornada de trabalho, uma segunda jornada - ou terceira - a jornada da militância. Quero dizer a todos vocês que tenho um enorme orgulho de ser petista. De militar no mesmo partido de vocês. De compartilhar com Lula essa militância.

Estou aceitando a honrosa missão que vocês me delegam com tranquilidade e determinação. Sei que não estou sozinha. A tarefa de continuar mudando o Brasil é uma tarefa de milhões. Somos milhões. Vamos todos juntos, até a vitória.

Viva o povo brasileiro!

<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,integra-do-discurso-de-dilma-rousseff-no-congresso-do-pt,513842,0.htm?p=1>

PRELEÇÃO 2

CONFIRA NA ÍNTEGRA O DISCURSO DA CANDIDATA DILMA ROUSSEFF

13 de Junho de 2010 13h45

Queridas companheiras e queridos companheiros, minha emoção é muito grande. Minha alegria também. Por esta festa tão cheia de energia, de confiança e esperança. Sei que esta festa não é para homenagear uma candidata. Aqui se celebra, em primeiro lugar, a mulher brasileira! Aqui se consagra e se afirma a capacidade de ser - e de fazer - da mulher. É em nome de todas as mulheres do Brasil - em especial de minha mãe e de minha filha - que recebo esta homenagem. É também em nome delas que abraço esta missão conferida por meu querido partido, o PT, e pelos importantes partidos da nossa coligação.

A energia que move esta grande festa brasileira é a força do trabalho - e do sonho - de um povo que nunca se dobrou, sempre lutou e jamais perdeu a esperança. E que levou à Presidência um trabalhador, que provou que um novo Brasil é possível. Um Brasil justo, forte, democrático e independente. Cheio de oportunidades para todas as brasileiras e todos os brasileiros. Não é por acaso que depois deste grande homem, o nosso Brasil possa ser governado por uma mulher. Por uma mulher que vai continuar o Brasil de Lula - mas que fará um Brasil de Lula com alma e coração de mulher. Lula mudou o Brasil e o Brasil quer seguir mudando. A continuidade que o Brasil deseja é a continuidade da mudança. É seguir mudando, para melhor, o emprego, a saúde, a segurança, a educação. É seguir mudando com mais crescimento e inclusão social para que outros milhões de brasileiros saiam da pobreza e entrem na classe média. É seguir mudando para diminuir ainda mais a desigualdade entre pessoas, regiões, gêneros e etnias.

Queridas companheiras e queridos companheiros, a distância entre o sonhar e o fazer pode ser bem mais curta do que se imagina, desde que a gente tenha coragem, competência e determinação. Foi o que ocorreu neste governo, quando alcançamos conquistas que tantos julgavam impossíveis. Vimos se confirmar o que o presidente Lula dissera no início do primeiro governo. "Vamos começar fazendo apenas o necessário. Depois, vamos fazer o possível e, quando menos se esperar, nós estaremos realizando o impossível". Quando me perguntam como isso aconteceu, respondo: foi porque trabalhamos com a cabeça e com o coração.

Foi porque trabalhamos primeiro, para as pessoas. E ao trabalharmos primeiro para as pessoas, produzimos resultados surpreendentes. Quando perguntam como isto aconteceu, eu também respondo: foi porque soubemos abrir novos caminhos, quebrando antigos tabus. O tabu mais importante que derrubamos foi o de que era impossível governar para todos os brasileiros.

Historicamente, quase todos governantes brasileiros governaram para um terço da população. Para muitos deles, o resto era peso, estorvo e carga. Falavam que tinham que

arrumar a casa primeiro. Falavam e nunca arrumavam. Porque é impossível arrumar uma casa deixando dois terços dos filhos ao relento, à margem do progresso e da civilização. Resultado: o Brasil era uma casa dividida, marcada pela injustiça e pelo ressentimento, que desperdiçava suas melhores energias. Nós, do governo do presidente Lula, fizemos o contrário. Chegamos à conclusão de que só fazia sentido governar se fosse para todos. E provamos que aquilo que era considerado estorvo era, na verdade, força e impulso para crescer. Quebramos o tabu e provamos que incluir os mais fracos e os mais necessitados ao processo de desenvolvimento do país é um caminho socialmente correto, politicamente indispensável e economicamente estimulador.

Companheiras e companheiros, nós queremos e podemos fazer mais e melhor. Para realizar esta grande tarefa não basta apenas querer. Ou dizer que vai fazer. É preciso conhecer bem o Brasil, o governo e ter projetos que ampliem e acelerem o que está sendo feito. É preciso, ainda, estar do lado certo e com a postura correta. Dar prioridade e apoio aos que mais precisam, porém governando para todos os brasileiros e brasileiras. É preciso acreditar no Brasil. Acreditar que podemos erradicar a miséria e nos tornar um país com uma das maiores e mais vigorosas classes médias do mundo. Podemos alcançar isso porque somos um povo criativo e empreendedor; temos uma democracia sólida; um vibrante mercado interno; a maior reserva florestal e a mais limpa matriz energética do planeta; um parque industrial diversificado; uma agricultura forte; e desfrutamos de estabilidade econômica, agora com grandes reservas internacionais superiores a nossos compromissos externos.

Mas para ampliar o que conquistamos, precisamos reforçar o planejamento e a integração entre Estado e setor produtivo; governo e sociedade; União, estados e municípios. Este trabalho conjunto terá como prioridades: Educação de qualidade, dando seqüência à transformação educacional em curso - da creche a pós-graduação. Isso significa: dar especial atenção à formação continuada de professores para o ensino fundamental e médio; fazer com que os professores tenham, pelo menos, o curso universitário e uma remuneração condizente com a sua importância; avaliar o aluno e as nossas escolas para garantir a qualidade do ensino fundamental e médio; espalhar a educação profissionalizante por todo o país, interiorizando o ensino técnico; garantir a qualificação do ensino universitário, com ênfase na pós-graduação; equipar as escolas com banda larga gratuita e assegurar bolsas de estudo e apoio aos alunos; enfim, formar jovens preparados para nos conduzir à sociedade da tecnologia e do conhecimento.

Se eleita presidente, vou liderar, sem descanso, este processo para o Brasil seguir mudando, para melhor, é fundamental promover um salto de qualidade na assistência universal promovida pelo SUS. Nossas prioridades na saúde estarão baseadas em três pilares: financiamento adequado e estável para o Sistema; valorização das práticas preventivas; e organização dos vários níveis de atendimento, garantindo atendimento básico, ambulatorial e hospitalar de alta resolutividade em todos os estados brasileiros. Também daremos prioridade ao desenvolvimento de fármacos, mobilizando para isso institutos de pesquisa, universidades e empresas do setor. Para o Brasil seguir mudando para melhor, precisamos investir, ainda mais, em pesquisa, inovação e política industrial.

O governo Lula foi o que mais investiu em pesquisa e inovação na história recente. Nossa meta é ampliar este esforço, focando os setores portadores de futuro - biotecnologia, nanotecnologia, agroenergia e fármacos, entre outros - e fortalecendo o tripé empresas privadas, institutos tecnológicos e redes universitárias de pesquisas. Isso vai favorecer nosso parque industrial, nossa competitividade agrícola e nossas exportações. Tudo que pode ser produzido de forma competitiva no Brasil, vai ser produzido no Brasil, gerando mais emprego e renda. Para o Brasil seguir mudando, é preciso continuar investindo em inclusão digital.

A economia e a cultura contemporâneas exigem que toda a sociedade tenha acesso aos bens digitais. Isso é fundamental para a construção de uma sociedade baseada no conhecimento. Como Lula, quero continuar sendo a presidente da inclusão social, mas quero ser, também, a presidente da inclusão digital.

Para o Brasil seguir mudando, e a vida de seu povo ficar cada vez melhor, é preciso investir em segurança pública. Isso exige uma ação planejada e concentrada de segurança nas áreas urbanas, a exemplo do que vem acontecendo com o Pronasci, e maior capacitação federal nas áreas de fronteira e de inteligência. É preciso lutar contra o crime organizado. Contra o roubo de cargas. Contra o tráfico de armas e de drogas. Contra a praga destruidora do crack. O crack avança sobre a população de forma devastadora. É um crime contra a juventude, contra a família, contra a sociedade e contra a nação. Mas vamos vencer essa guerra. E vamos vencer, como venho dizendo, com apoio, carinho e autoridade.

Para o Brasil seguir mudando, é preciso priorizar o planejamento urbano, revigorando a meta de prover acesso universal aos serviços básicos e aumentar a paz social. Melhorar o ambiente das cidades é uma ação urgente e necessária, já iniciada com o PAC. É hora de avançar ainda mais, ampliando o acesso ao esporte, ao lazer e a cultura; ao saneamento básico; a serviços de saúde de qualidade e a um transporte eficiente.

Para o Brasil seguir mudando, é preciso continuar investindo, maciçamente, em infraestrutura. Vamos seguir estimulando, por meio do PAC, a parceria entre os setores públicos e privados e, assim, garantir investimentos que ampliem a competitividade de nossa economia. Vamos construir e melhorar os portos, aeroportos, rodovias, ferrovias e hidrovias. Ampliar e garantir maior eficiência ao nosso sistema elétrico e aos nossos meios de transporte, incluindo o trem de alta velocidade e o transporte de carga. Quero ser a presidente da consolidação da infraestrutura brasileira, completando o grande trabalho do presidente Lula. Para o Brasil seguir mudando, precisamos vencer o déficit habitacional já na década que se inicia.

Com o Minha Casa, Minha Vida abrimos um vigoroso caminho nesta direção. Garantimos subsídios que evitam o peso de financiamentos insuportáveis para os mais pobres. Mobilizamos o setor privado e simplificamos a burocracia do sistema. Concebi e coordenei, a pedido do presidente Lula, este programa - portanto sei como avançar mais. E já temos pronto o projeto para mais 2 milhões de moradias.

Para o Brasil seguir mudando, temos que priorizar a economia de baixo carbono, consolidando o modelo de energia renovável que conquistamos. É preciso incentivar projetos de reflorestamento em áreas degradadas e cumprir as metas que levamos à COP 15, em especial a de redução do desmatamento. Ao mesmo tempo, incentivaremos a pesquisa e inovação de materiais e produtos de baixo carbono e de baixo consumo de energia. Para o Brasil seguir mudando, temos que continuar modernizando a política de desenvolvimento regional, reconhecendo as particularidades de cada região. Quero ser, depois de Lula, a presidente da moderna integração regional do país, porque vejo em nossas regiões imensos celeiros de oportunidades. Para o Brasil seguir mudando é preciso assegurar a estabilidade e continuar as reformas que melhoram o ambiente econômico, em particular a reforma tributária.

A nossa estrutura tributária é caótica, apesar de áreas de excelência na administração - e se não tivermos coragem de reconhecer isso, jamais faremos esta reforma tão urgente e necessária. Entre outras coisas, investir na informatização de todo sistema de tributos para alargar a base da arrecadação e diminuir a alíquota dos impostos. Outra grande meta é completar a desoneração do investimento, por seu forte efeito sobre as taxas de crescimento. Para o Brasil seguir mudando, precisamos valorizar cada vez mais a nossa cultura. Vamos

ampliar a produção e o consumo de bens culturais com base em nossa diversidade e dar meios e oportunidades à criatividade popular. Assim, alargaremos caminhos para que aflore a diversidade cultural brasileira, cuja riqueza e significado podem ser comparados ao da nossa biodiversidade.

A cultura é o espaço por excelência da alma e da identidade de um povo. É essencial para a construção de um sentido de nação. Para o Brasil seguir mudando, precisamos aproveitar em benefício de todo o país as extraordinárias riquezas do pré-sal, descobertas pela nossa querida Petrobrás. Não podemos nos transformar num exportador de óleo cru. Ao contrário, devemos agregar valor ao petróleo aqui dentro, construindo refinarias e exportando derivados de maior valor. O pré sal, como já disse o presidente Lula, é o nosso passaporte para o futuro. Seus recursos não devem ser gastos apenas para a geração presente. Devem formar uma robusta poupança para servir, a todas brasileiras e brasileiros, com investimentos em educação, cultura, meio ambiente, ciência e tecnologia e combate à pobreza. Para o Brasil seguir mudando, precisamos aprofundar a democracia, aperfeiçoando e valorizando nossas instituições. Unir o melhor das nossas energias para fazer a reforma política.

Quero dizer com todas as letras aos partidos políticos e ao país: não dá mais para adiar esta reforma. Ela é uma necessidade vital para corrigir equívocos, vícios e distorções. Para dar eficácia ao voto do eleitor e credibilidade à representação parlamentar. Para dar transparência às instituições e garantir mecanismos reais de controle ao cidadão. Para fortalecer os partidos, estimular o debate público e a participação popular.

A consolidação do Estado democrático de direito passa, igualmente, pela garantia e manutenção de ampla liberdade de imprensa e da livre circulação e difusão de ideias. Exige, cada vez mais, a ampliação do direito à informação da população, com a multiplicação dos meios de comunicação. E que sejamos capazes de dar respostas abrangentes e inclusivas aos imensos desafios e às fantásticas possibilidades abertas pelo mundo digital, pela internet e pelo processo de convergência de mídias.

Para o Brasil seguir mudando, devemos ampliar nossa presença internacional, oferecendo ao mundo contribuições valiosas nas áreas econômica, de mudanças climáticas e da paz mundial. Seguiremos defendendo, de forma intransigente, a paz mundial, a convivência harmônica dos povos, a redução de armamentos e a valorização dos espaços multilaterais. Em especial, precisamos seguir estreitando as relações com os nossos vizinhos e promovendo a integração da América do Sul e da América Latina, sem hegemonismos, sem querer abafar ninguém, mas com ênfase na solidariedade e no desenvolvimento de todos. Além disso, precisamos manter nosso olhar especial para a África, continente que tanto contribuiu para a nossa formação.

Companheiras e companheiros, para o Brasil seguir mudando é preciso, acima de tudo, manter e aprofundar o olhar social do governo do nosso grande presidente Luiz Inácio Lula da Silva. É mais que simbólico que, nesse momento, o PT e os partidos aliados estejam dizendo: chegou a hora de uma mulher comandar o país. Estejam dizendo: para ampliar e aprofundar o olhar de Lula, ninguém melhor que uma mulher na presidência da República. Creio que eles têm toda razão. Nós, mulheres, nascemos com o sentimento de cuidar, amparar e proteger. Somos imbatíveis na defesa de nossos filhos e de nossa família. Milhões e milhões de heroínas que homenageio nas figuras maravilhosas de Ilza de Nazaré, dona Raimunda dos Cocos, Giovana Abramovicz, Maria da Penha, Ivanete Pereira, Hildelene Lobato Bahia, Janaina Oliveira, Rose Marie Muraro e Maria da Conceição Tavares, que não pode comparecer, nossas convidadas especiais, exemplos vivos de luta e sensibilidade social. E quando falamos de cuidado e amparo, estamos falando de saúde, educação, segurança e

emprego. De cuidar melhor dos mais velhos e dos mais jovens. Estamos falando de construir, no mínimo, mais 500 unidades de pronto atendimento - as UPAs 24 horas. E mais 8.600 novas unidades básicas de saúde - as UBSs, em todo o país. Estamos falando de construir seis mil creches e pré-escolas. De expandir e consolidar a rede de escolas técnicas, de centros de excelência do ensino médio e de nível superior, de centros de inovação científica e tecnológica. E de ampliar o ProUni. Estamos falando de fortalecer todos os programas sociais, com carinho especial para o Bolsa Família. Estamos falando de ampliar o emprego e melhorar o salário. De continuar o grande trabalho que o presidente Lula está fazendo. Estou convencida, minhas companheiras e meus companheiros, que os próximos anos serão decisivos. Se seguirmos mudando, se seguirmos incluindo, se seguirmos crescendo e temos tudo para atingir esses objetivos -, o Brasil vai mudar definitivamente de patamar. Vamos erradicar a miséria nos próximos anos. Vamos transitar de país emergente para país desenvolvido no qual a população desfruta de serviços públicos adequados, educação de qualidade e bons empregos.

Creio que, se trabalharmos direito e fizermos as opções acertadas, podemos construir e legar para nossos filhos e netos o melhor lugar do mundo para se viver.

Companheiras e companheiros, durante o governo do presidente Lula, começamos a construir um novo Brasil. Esta é a obra que quero continuar. Com a clara consciência de que continuar não é repetir. É avançar. Esta é a missão que o PT e os partidos aliados colocam em minhas mãos. É este compromisso de fazer o Brasil seguir mudando que assumo, no fundo de minha alma e do meu coração. Este é o compromisso que vamos cumprir, com coragem e determinação, eu e meu companheiro de chapa, Michel Temer, futuro vice-presidente da república. Temer: vamos fazer uma bela caminhada juntos, com nossos partidos e todos os partidos da coalizão - a coalizão dos que sabem que, da mesma forma que foi preciso somar forças para conquistar a democracia no passado, é preciso somar forças hoje para alargar ainda mais o caminho aberto pelo presidente Lula. Estamos juntos para seguir mudando. Não há e não haverá retornos.

Nesta campanha nós vamos debater em alto nível, vamos confrontar projetos e programas. Vamos esclarecer ao povo que somos diferentes dos outros candidatos. Mas depois de eleitos, governaremos para todos, como fez Lula, o presidente que mais uniu os brasileiros.

Sei como buscar a união de forças e não a divisão estéril. Sei como estimular o debate político sério e não o envenenamento que não serve a ninguém.

Para concluir, quero lembrar uma cena que vivi há poucos dias e me comoveu fortemente. Eu estava num aeroporto, quando um jovem casal, com uma filhinha linda, se aproximou. E a mãe falou assim: "eu trouxe minha filha aqui pra que você diga a ela que mulher pode". Eu perguntei para a gurria: "mulher pode o quê?". E ela: "ser presidente". Eu disse: "pode sim, não tenha dúvida que pode". Sabem como é o nome desta menininha? Vitória! Pois é para ela, e para as milhões e milhões de pequenas Vitórias e Marias, meninas deste Brasil que não sabem ainda que uma mulher pode ser presidente, é para elas que eu quero dedicar a minha luta. E a nossa vitória. Para que, assim como depois de Lula, um operário brasileiro sabe que ele, seu filho, seu neto, podem ser presidente do Brasil, estas pequenas Vitórias e Marias também possam responder, quando perguntadas o que vão ser quando crescer; que elas possam responder, como fazem os meninos: "eu quero ser presidente do Brasil!" E que o Brasil seja cada vez mais feliz por causa desta resposta.

Muito Obrigada. Viva o povo brasileiro! E rumo à vitória para o Brasil seguir mudando!

<http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/eleicoes/confira-na-integra-o-discurso-da-candidata-dilma-rousseff,868878ad60e2d310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD>

PRELEÇÃO 3

ÍTEGRA DO PRIMEIRO DISCURSO DE DILMA ROUSSEFF DEPOIS DE VENCER A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

01/11/2010 às 0:29

Minhas amigas e meus amigos de todo o Brasil, é imensa a minha alegria de estar aqui. Recebi hoje de milhões de brasileiras e brasileiros a missão mais importante de minha vida. Este fato, para além de minha pessoa, é uma demonstração do avanço democrático do nosso país: pela primeira vez uma mulher presidirá o Brasil. Já registro portanto aqui meu primeiro compromisso após a eleição: honrar as mulheres brasileiras, para que este fato, até hoje inédito, se transforme num evento natural. E que ele possa se repetir e se ampliar nas empresas, nas instituições civis, nas entidades representativas de toda nossa sociedade. A igualdade de oportunidades para homens e mulheres é um princípio essencial da democracia. Gostaria muito que os pais e mães de meninas olhassem hoje nos olhos delas, e lhes dissessem: “Sim, a mulher pode!”

Minha alegria é ainda maior pelo fato de que a presença de uma mulher na presidência da República se dá pelo caminho sagrado do voto, da decisão democrática do eleitor, do exercício mais elevado da cidadania. Por isso, registro aqui outro compromisso com meu país: Valorizar a democracia em toda sua dimensão, desde o direito de opinião e expressão até os direitos essenciais da alimentação, do emprego e da renda, da moradia digna e da paz social. Zelarei pela mais ampla e irrestrita liberdade de imprensa. Zelarei pela mais ampla liberdade religiosa e de culto. Zelarei pela observação criteriosa e permanente dos direitos humanos tão claramente consagrados em nossa constituição. Zelarei, enfim, pela nossa Constituição, dever maior da presidência da República.

Nesta longa jornada que me trouxe aqui pude falar e visitar todas as nossas regiões. O que mais me deu esperanças foi a capacidade imensa do nosso povo, de agarrar uma oportunidade, por mais singela que seja, e com ela construir um mundo melhor para sua família. É simplesmente incrível a capacidade de criar e empreender do nosso povo. Por isso, reforço aqui meu compromisso fundamental: a erradicação da miséria e a criação de oportunidades para todos os brasileiros e brasileiras.

Ressalto, entretanto, que esta ambiciosa meta não será realizada pela vontade do governo. Ela é um chamado à nação, aos empresários, às igrejas, às entidades civis, às universidades, à imprensa, aos governadores, aos prefeitos e a todas as pessoas de bem. Não podemos descansar enquanto houver brasileiros com fome, enquanto houver famílias morando nas ruas, enquanto crianças pobres estiverem abandonadas à própria sorte. A erradicação da miséria nos próximos anos é, assim, uma meta que assumo, mas para a qual peço humildemente o apoio de todos que possam ajudar o país no trabalho de superar esse abismo que ainda nos separa de ser uma nação desenvolvida. O Brasil é uma terra generosa e sempre devolverá em dobro cada semente que for plantada com mão amorosa e olhar para o futuro.

Minha convicção de assumir a meta de erradicar a miséria vem, não de uma certeza teórica, mas da experiência viva do nosso governo, no qual uma imensa mobilidade social se realizou, tornando hoje possível um sonho que sempre pareceu impossível. Reconheço que teremos um duro trabalho para qualificar o nosso desenvolvimento econômico. Essa nova era

de prosperidade criada pela genialidade do presidente Lula e pela força do povo e de nossos empreendedores encontra seu momento de maior potencial numa época em que a economia das grandes nações se encontra abalada.

No curto prazo, não contaremos com a pujança das economias desenvolvidas para impulsionar nosso crescimento. Por isso, se tornam ainda mais importantes nossas próprias políticas, nosso próprio mercado, nossa própria poupança e nossas próprias decisões econômicas. Longe de dizer, com isso, que pretendamos fechar o país ao mundo. Muito ao contrário, continuaremos propugnando pela ampla abertura das relações comerciais e pelo fim do protecionismo dos países ricos, que impede as nações pobres de realizar plenamente suas vocações.

Mas é preciso reconhecer que teremos grandes responsabilidades num mundo que enfrenta ainda os efeitos de uma crise financeira de grandes proporções e que se socorre de mecanismos nem sempre adequados, nem sempre equilibrados, para a retomada do crescimento. É preciso, no plano multilateral, estabelecer regras mais claras e mais cuidadosas para a retomada dos mercados de financiamento, limitando a alavancagem e a especulação desmedida, que aumentam a volatilidade dos capitais e das moedas. Atuaremos firmemente nos fóruns internacionais com este objetivo. Cuidaremos de nossa economia com toda responsabilidade.

O povo brasileiro não aceita mais a inflação como solução irresponsável para eventuais desequilíbrios. O povo brasileiro não aceita que governos gastem acima do que seja sustentável. Por isso, faremos todos os esforços pela melhoria da qualidade do gasto público, pela simplificação e atenuação da tributação e pela qualificação dos serviços públicos. Mas recusamos as visões de ajustes que recaem sobre os programas sociais, os serviços essenciais à população e os necessários investimentos. Sim, buscaremos o desenvolvimento de longo prazo, a taxas elevadas, social e ambientalmente sustentáveis. Para isso zelaremos pela poupança pública.

Zelaremos pela meritocracia no funcionalismo e pela excelência do serviço público. Zelarei pelo aperfeiçoamento de todos os mecanismos que liberem a capacidade empreendedora de nosso empresariado e de nosso povo. Valorizarei o Micro Empreendedor Individual, para formalizar milhões de negócios individuais ou familiares, ampliarei os limites do Supersimples e construirei modernos mecanismos de aperfeiçoamento econômico, como fez nosso governo na construção civil, no setor elétrico, na lei de recuperação de empresas, entre outros. As agências reguladoras terão todo respaldo para atuar com determinação e autonomia, voltadas para a promoção da inovação, da saudável concorrência e da efetividade dos setores regulados.

Apresentaremos sempre com clareza nossos planos de ação governamental. Levaremos ao debate público as grandes questões nacionais. Trataremos sempre com transparência nossas metas, nossos resultados, nossas dificuldades. Mas acima de tudo quero reafirmar nosso compromisso com a estabilidade da economia e das regras econômicas, dos contratos firmados e das conquistas estabelecidas. Trataremos os recursos provenientes de nossas riquezas sempre com pensamento de longo prazo. Por isso trabalharei no Congresso pela aprovação do Fundo Social do Pré-Sal. Por meio dele queremos realizar muitos de nossos objetivos sociais.

Recusaremos o gasto efêmero que deixa para as futuras gerações apenas as dívidas e a desesperança. O Fundo Social é mecanismo de poupança de longo prazo, para apoiar as atuais e futuras gerações. Ele é o mais importante fruto do novo modelo que propusemos para a exploração do pré-sal, que reserva à Nação e ao povo a parcela mais importante dessas

riquezas. Definitivamente, não alienaremos nossas riquezas para deixar ao povo só migalhas. Me comprometi nesta campanha com a qualificação da Educação e dos Serviços de Saúde. Me comprometi também com a melhoria da segurança pública. Com o combate às drogas que infelicitam nossas famílias. Reafirmo aqui estes compromissos. Nomearei ministros e equipes de primeira qualidade para realizar esses objetivos. Mas acompanharei pessoalmente estas áreas capitais para o desenvolvimento de nosso povo.

A visão moderna do desenvolvimento econômico é aquela que valoriza o trabalhador e sua família, o cidadão e sua comunidade, oferecendo acesso a educação e saúde de qualidade. É aquela que convive com o meio ambiente sem agredí-lo e sem criar passivos maiores que as conquistas do próprio desenvolvimento. Não pretendo me estender aqui, neste primeiro pronunciamento ao país, mas quero registrar que todos os compromissos que assumi, perseguirei de forma dedicada e carinhosa.

Disse na campanha que os mais necessitados, as crianças, os jovens, as pessoas com deficiência, o trabalhador desempregado, o idoso teriam toda minha atenção. Reafirmo aqui este compromisso. Fui eleita com uma coligação de dez partidos e com apoio de lideranças de vários outros partidos. Vou com eles construir um governo onde a capacidade profissional, a liderança e a disposição de servir ao país será o critério fundamental.

Vou valorizar os quadros profissionais da administração pública, independente de filiação partidária. Dirijo-me também aos partidos de oposição e aos setores da sociedade que não estiveram conosco nesta caminhada. Estendo minha mão a eles. De minha parte não haverá discriminação, privilégios ou compadrio.

A partir de minha posse serei presidenta de todos os brasileiros e brasileiras, respeitando as diferenças de opinião, de crença e de orientação política. Nosso país precisa ainda melhorar a conduta e a qualidade da política. Quero empenhar-me, junto com todos os partidos, numa reforma política que eleve os valores republicanos, avançando em nossa jovem democracia.

Ao mesmo tempo, afirmo com clareza que valorizarei a transparência na administração pública. Não haverá compromisso com o erro, o desvio e o malfeito. Serei rígida na defesa do interesse público em todos os níveis de meu governo. Os órgãos de controle e de fiscalização trabalharão com meu respaldo, sem jamais perseguir adversários ou proteger amigos. Deixei para o final os meus agradecimentos, pois quero destacá-los. Primeiro, ao povo que me dedicou seu apoio. Serei eternamente grata pela oportunidade única de servir ao meu país no seu mais alto posto. Prometo devolver em dobro todo o carinho recebido, em todos os lugares que passei.

Mas agradeço respeitosamente também aqueles que votaram no primeiro e no segundo turno em outros candidatos ou candidatas. Eles também fizeram valer a festa da democracia. Agradeço as lideranças partidárias que me apoiaram e comandaram esta jornada, meus assessores, minhas equipes de trabalho e todos os que dedicaram meses inteiros a esse árduo trabalho. Agradeço a imprensa brasileira e estrangeira que aqui atua e cada um de seus profissionais pela cobertura do processo eleitoral.

Não nego a vocês que, por vezes, algumas das coisas difundidas me deixaram triste. Mas quem, como eu, lutou pela democracia e pelo direito de livre opinião arriscando a vida; quem, como eu e tantos outros que não estão mais entre nós, dedicamos toda nossa juventude ao direito de expressão, nós somos naturalmente amantes da liberdade. Por isso, não carregarei nenhum ressentimento. Disse e repito que prefiro o barulho da imprensa livre ao silêncio das ditaduras. As críticas do jornalismo livre ajudam ao país e são essenciais aos governos democráticos, apontando erros e trazendo o necessário contraditório.

Agradeço muito especialmente ao presidente Lula. Ter a honra de seu apoio, ter o privilégio de sua convivência, ter aprendido com sua imensa sabedoria, são coisas que se guarda para a vida toda. Conviver durante todos estes anos com ele me deu a exata dimensão do governante justo e do líder apaixonado por seu país e por sua gente. A alegria que sinto pela minha vitória se mistura com a emoção da sua despedida. Sei que um líder como Lula nunca estará longe de seu povo e de cada um de nós. Baterei muito a sua porta e, tenho certeza, que a encontrarei sempre aberta. Sei que a distância de um cargo nada significa para um homem de tamanha grandeza e generosidade. A tarefa de sucedê-lo é difícil e desafiadora. Mas saberei honrar seu legado. Saberei consolidar e avançar sua obra. Aprendi com ele que quando se governa pensando no interesse público e nos mais necessitados uma imensa força brota do nosso povo. Uma força que leva o país para frente e ajuda a vencer os maiores desafios. Passada a eleição agora é hora de trabalho. Passado o debate de projetos agora é hora de união. União pela educação, união pelo desenvolvimento, união pelo país. Junto comigo foram eleitos novos governadores, deputados, senadores. Ao parabenizá-los, convido a todos, independente de cor partidária, para uma ação determinada pelo futuro de nosso país. Sempre com a convicção de que a Nação Brasileira será exatamente do tamanho daquilo que, juntos, fizermos por ela. Muito obrigada.

<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/documentos/integra-do-primeiro-discurso-de-dilma-rousseff-depois-de-vencer-a-eleicao-presidencial/>

PRELEÇÃO 4

LEIA ÍNTEGRA DO DISCURSO DE POSSE DE DILMA ROUSSEFF NO CONGRESSO
01/01/2011 - 15h45

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,
Pela decisão soberana do povo, hoje será a primeira vez que a faixa presidencial cingirá o ombro de uma mulher.



Dilma toma posse como presidente no Congresso

Sinto uma imensa honra por essa escolha do povo brasileiro e sei do significado histórico desta decisão. Sei, também, como é aparente a suavidade da seda verde-amarela da faixa presidencial, pois ela traz consigo uma enorme responsabilidade perante a nação. Para assumi-la, tenho comigo a força e o exemplo da mulher brasileira. Abro meu coração para receber, neste momento, uma centelha de sua imensa energia. E sei que meu mandato deve incluir a tradução mais generosa desta ousadia do voto popular que, após levar à presidência um homem do povo, decide convocar uma mulher para dirigir os destinos do país. Venho para abrir portas para que muitas outras mulheres, também possam, no futuro, ser presidenta; e para que --no dia de hoje-- todas as brasileiras sintam o orgulho e a alegria de ser mulher. Não venho para enaltecer a minha biografia; mas para glorificar a vida de cada mulher brasileira. Meu compromisso supremo é honrar as mulheres, proteger os mais frágeis e governar para todos!

Venho, antes de tudo, para dar continuidade ao maior processo de afirmação que este país já viveu. Venho para consolidar a obra transformadora do presidente Luis Inácio Lula da Silva, com quem tive a mais vigorosa experiência política da minha vida e o privilégio de servir ao país, ao seu lado, nestes últimos anos. De um presidente que mudou a forma de governar e levou o povo brasileiro a confiar ainda mais em si mesmo e no futuro do seu País. A maior homenagem que posso prestar a ele é ampliar e avançar as conquistas do seu governo. Reconhecer, acreditar e investir na força do povo foi a maior lição que o presidente Lula deixou para todos nós. Sob sua liderança, o povo brasileiro fez a travessia para uma outra margem da história. Minha missão agora é de consolidar esta passagem e avançar no caminho de uma nação geradora das mais amplas oportunidades.

Quero, neste momento, prestar minha homenagem a outro grande brasileiro, incansável lutador, companheiro que esteve ao lado do Presidente Lula nestes oito anos: nosso querido vice José Alencar. Que exemplo de coragem e de amor à vida nos dá este homem! E que parceria fizeram o presidente Lula e o vice-presidente José Alencar, pelo Brasil e pelo nosso povo! Eu e Michel Temer nos sentimos responsáveis por seguir no caminho iniciado por eles.

Um governo se alicerça no acúmulo de conquistas realizadas ao longo da história. Ele sempre será, ao seu tempo, mudança e continuidade. Por isso, ao saudar os extraordinários avanços recentes, é justo lembrar que muitos, a seu tempo e a seu modo, deram grandes contribuições às conquistas do Brasil de hoje.

Vivemos um dos melhores períodos da vida nacional: milhões de empregos estão sendo criados; nossa taxa de crescimento mais que dobrou e encerramos um longo período de dependência do FMI, ao mesmo tempo em que superamos nossa dívida externa. Reduzimos, sobretudo, a nossa histórica dívida social, resgatando milhões de brasileiros da tragédia da miséria e ajudando outros milhões a alcançarem a classe média. Mas, em um país com a complexidade do nosso, é preciso sempre querer mais, descobrir mais, inovar nos caminhos e buscar novas soluções. Só assim poderemos garantir, aos que melhoraram de vida, que eles podem alcançar mais; e provar, aos que ainda lutam para sair da miséria, que eles podem, com a ajuda do governo e de toda sociedade, mudar de patamar. Que podemos ser, de fato, uma das nações mais desenvolvidas e menos desiguais do mundo - um país de classe média sólida e empreendedora. Uma democracia vibrante e moderna, plena de compromisso social, liberdade política e criatividade institucional.

Queridos brasileiros e queridas brasileiras,

Para enfrentar estes grandes desafios é preciso manter os fundamentos que nos garantiram chegar até aqui. Mas, igualmente, agregar novas ferramentas e novos valores.

Na política é tarefa indeclinável e urgente uma reforma política com mudanças na legislação para fazer avançar nossa jovem democracia, fortalecer o sentido programático dos partidos e aperfeiçoar as instituições, restaurando valores e dando mais transparência ao conjunto da atividade pública.

Para dar longevidade ao atual ciclo de crescimento é preciso garantir a estabilidade de preços e seguir eliminando as travas que ainda inibem o dinamismo de nossa economia, facilitando a produção e estimulando a capacidade empreendedora de nosso povo, da grande empresa até os pequenos negócios locais, do agronegócio à agricultura familiar. É, portanto, inadiável a implementação de um conjunto de medidas que modernize o sistema tributário, orientado pelo princípio da simplificação e da racionalidade. O uso intensivo da tecnologia da informação deve estar a serviço de um sistema de progressiva eficiência e elevado respeito ao contribuinte.

Valorizar nosso parque industrial e ampliar sua força exportadora será meta permanente. A competitividade de nossa agricultura e da pecuária, que faz do Brasil grande exportador de produtos de qualidade para todos os continentes, merecerá toda nossa atenção. Nos setores mais produtivos a internacionalização de nossas empresas já é uma realidade.

O apoio aos grandes exportadores não é incompatível com o incentivo à agricultura familiar e ao microempreendedor. As pequenas empresas são responsáveis pela maior parcela dos empregos permanentes em nosso país. Merecerão políticas tributárias e de crédito perenes.

Valorizar o desenvolvimento regional é outro imperativo de um país continental, sustentando a vibrante economia do nordeste, preservando e respeitando a biodiversidade da Amazônia no norte, dando condições à extraordinária produção agrícola do centro-oeste, a força industrial do sudeste e a pujança e o espírito de pioneirismo do sul.

É preciso, antes de tudo, criar condições reais e efetivas capazes de aproveitar e potencializar, ainda mais e melhor, a imensa energia criativa e produtiva do povo brasileiro. No plano social, a inclusão só será plenamente alcançada com a universalização e a qualificação dos serviços essenciais. Este é um passo, decisivo e irrevogável, para consolidar e ampliar as grandes conquistas obtidas pela nossa população. É, portanto, tarefa indispensável uma ação renovada, efetiva e integrada dos governos federal, estaduais e municipais, em particular nas áreas da saúde, da educação e da segurança, vontade expressa das famílias brasileiras.

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

A luta mais obstinada do meu governo será pela erradicação da pobreza extrema e a criação de oportunidades para todos.

Uma expressiva mobilidade social ocorreu nos dois mandatos do Presidente Lula. Mas, ainda existe pobreza a envergonhar nosso país e a impedir nossa afirmação plena como povo desenvolvido.

Não vou descansar enquanto houver brasileiros sem alimentos na mesa, enquanto houver famílias no desalento das ruas, enquanto houver crianças pobres abandonadas à própria sorte. O conagraçamento das famílias se dá no alimento, na paz e na alegria. E este é o sonho que vou perseguir! Esta não é tarefa isolada de um governo, mas um compromisso a ser abraçado por toda sociedade. Para isso peço com humildade o apoio das instituições públicas e privadas, de todos os partidos, das entidades empresariais e dos trabalhadores, das universidades, da juventude, de toda a imprensa e de das pessoas de bem. A superação da miséria exige prioridade na sustentação de um longo ciclo de crescimento. É com crescimento que serão gerados os empregos necessários para as atuais e as novas gerações. É com crescimento, associado a fortes programas sociais, que venceremos a desigualdade de renda e

do desenvolvimento regional. Isso significa - reitero - manter a estabilidade econômica como valor absoluto. Já faz parte de nossa cultura recente a convicção de que a inflação desorganiza a economia e degrada a renda do trabalhador. Não permitiremos, sob nenhuma hipótese, que esta praga volte a corroer nosso tecido econômico e a castigar as famílias mais pobres.

Continuaremos fortalecendo nossas reservas para garantir o equilíbrio das contas externas. Atuaremos decididamente nos fóruns multilaterais na defesa de políticas econômicas saudáveis e equilibradas, protegendo o país da concorrência desleal e do fluxo indiscriminado de capitais especulativos. Não faremos a menor concessão ao protecionismo dos países ricos que sufoca qualquer possibilidade de superação da pobreza de tantas nações pela via do esforço de produção. Faremos um trabalho permanente e continuado para melhorar a qualidade do gasto público.

O Brasil optou, ao longo de sua história, por construir um estado provedor de serviços básicos e de previdência social pública. Isso significa custos elevados para toda a sociedade, mas significa também a garantia do alento da aposentadoria para todos e serviços de saúde e educação universais. Portanto, a melhoria dos serviços é também um imperativo de qualificação dos gastos governamentais.

Outro fator importante da qualidade da despesa é o aumento dos níveis de investimento em relação aos gastos de custeio. O investimento público é essencial como indutor do investimento privado e como instrumento de desenvolvimento regional.

Através do Programa de Aceleração do Crescimento e do Minha Casa Minha Vida, manteremos o investimento sob estrito e cuidadoso acompanhamento da Presidência da República e dos ministérios. O PAC continuará sendo um instrumento de coesão da ação governamental e coordenação voluntária dos investimentos estruturais dos estados e municípios. Será também vetor de incentivo ao investimento privado, valorizando todas as iniciativas de constituição de fundos privados de longo prazo.

Por sua vez, os investimentos previstos para a Copa do Mundo e para as Olimpíadas serão concebidos de maneira a dar ganhos permanentes de qualidade de vida, em todas as regiões envolvidas. Este princípio vai reger também nossa política de transporte aéreo. É preciso, sem dúvida, melhorar e ampliar nossos aeroportos para a Copa e as Olimpíadas. Mas é mais que necessário melhorá-los já, para arcar com o crescente uso deste meio de transporte por parcelas cada vez mais amplas da população brasileira.

Queridas brasileiras e queridos brasileiros, Junto com a erradicação da miséria, será prioridade do meu governo a luta pela qualidade da educação, da saúde e da segurança. Nas últimas duas décadas, o Brasil universalizou o ensino fundamental. Porém é preciso melhorar sua qualidade e aumentar as vagas no ensino infantil e no ensino médio. Para isso, vamos ajudar decididamente os municípios a ampliar a oferta de creches e de pré escolas. No ensino médio, além do aumento do investimento público vamos estender a vitoriosa experiência do PROUNI para o ensino médio profissionalizante, acelerando a oferta de milhares de vagas para que nossos jovens recebam uma formação educacional e profissional de qualidade. Mas só existirá ensino de qualidade se o professor e a professora forem tratados como as verdadeiras autoridades da educação, com formação continuada, remuneração adequada e sólido compromisso com a educação das crianças e jovens. Somente com avanço na qualidade de ensino poderemos formar jovens preparados, de fato, para nos conduzir à sociedade da tecnologia e do conhecimento.

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

Consolidar o Sistema Único de Saúde será outra grande prioridade do meu governo. Para isso, vou acompanhar pessoalmente o desenvolvimento desse setor tão essencial para o povo brasileiro.

Quero ser a presidenta que consolidou o SUS, tornando-o um dos maiores e melhores sistemas de saúde pública do mundo. O SUS deve ter como meta a solução real do problema que atinge a pessoa que o procura, com uso de todos os instrumentos de diagnóstico e tratamento disponíveis, tornando os medicamentos acessíveis a todos, além de fortalecer as políticas de prevenção e promoção da saúde. Vou usar a força do governo federal para acompanhar a qualidade do serviço prestado e o respeito ao usuário. Vamos estabelecer parcerias com o setor privado na área da saúde, assegurando a reciprocidade quando da utilização dos serviços do SUS. A formação e a presença de profissionais de saúde adequadamente distribuídos em todas as regiões do país será outra meta essencial ao bom funcionamento do sistema.

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

A ação integrada de todos os níveis de governo e a participação da sociedade é o caminho para a redução da violência que constrange a sociedade e as famílias brasileiras. Meu governo fará um trabalho permanente para garantir a presença do Estado em todas as regiões mais sensíveis à ação da criminalidade e das drogas, em forte parceria com Estados e Municípios.

O estado do Rio de Janeiro mostrou o quanto é importante, na solução dos conflitos, a ação coordenada das forças de segurança dos três níveis de governo, incluindo - quando necessário - a participação decisiva das Forças Armadas. O êxito desta experiência deve nos estimular a unir as forças de segurança no combate, sem tréguas, ao crime organizado, que sofisticou a cada dia seu poder de fogo e suas técnicas de aliciamento de jovens.

Buscaremos também uma maior capacitação federal na área de inteligência e no controle das fronteiras, com uso de modernas tecnologias e treinamento profissional permanente.

Reitero meu compromisso de agir no combate as drogas, em especial ao avanço do crack, que desintegra nossa juventude e infelicitiza as famílias.

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

O pré-sal é nosso passaporte para o futuro, mas só o será plenamente se produzir uma síntese equilibrada de avanço tecnológico, avanço social e cuidado ambiental. A sua própria descoberta é resultado do avanço tecnológico brasileiro e de uma moderna política de investimentos em pesquisa e inovação. Seu desenvolvimento será fator de valorização da empresa nacional e seus investimentos serão geradores de milhares de novos empregos. O grande agente desta política é a Petrobrás, símbolo histórico da soberania brasileira na produção energética.

O meu governo terá a responsabilidade de transformar a enorme riqueza obtida no Pré Sal em poupança de longo prazo, capaz de fornecer às atuais e às futuras gerações a melhor parcela dessa riqueza, transformada, ao longo do tempo, em investimentos efetivos na qualidade dos serviços públicos, na redução da pobreza e na valorização do meio ambiente. Recusaremos o gasto apressado, que reserva às futuras gerações apenas as dívidas e a desesperança.

Meus queridos brasileiros e brasileiras,

Muita coisa melhorou em nosso país, mas estamos vivendo apenas o início de uma nova era. O despertar de um novo Brasil. Recorro a um poeta da minha terra: "o que tem de ser, tem muita força". Pela primeira vez o Brasil se vê diante da oportunidade real de se tornar, de ser, uma nação desenvolvida. Uma nação com a marca inerente da cultura e do estilo brasileiros --o amor, a generosidade, a criatividade e a tolerância. Uma nação em que a preservação das reservas naturais e das suas imensas florestas, associada à rica biodiversidade

e a matriz energética mais limpa do mundo, permitem um projeto inédito de país desenvolvido com forte componente ambiental.

O mundo vive num ritmo cada vez mais acelerado de revolução tecnológica. Ela se processa tanto na decifração de códigos desvendadores da vida quanto na explosão da comunicação e da informática. Temos avançado na pesquisa e na tecnologia, mas precisamos avançar muito mais. Meu governo apoiará fortemente o desenvolvimento científico e tecnológico para o domínio do conhecimento e a inovação como instrumento da produtividade. Mas o caminho para uma nação desenvolvida não está somente no campo econômico. Ele pressupõe o avanço social e a valorização da diversidade cultural. A cultura é a alma de um povo, essência de sua identidade. Vamos investir em cultura, ampliando a produção e o consumo em todas as regiões de nossos bens culturais e expandindo a exportação da nossa música, cinema e literatura, signos vivos de nossa presença no mundo. Em suma: temos que combater a miséria, que é a forma mais trágica de atraso, e, ao mesmo tempo, avançar investindo fortemente nas áreas mais sofisticadas da invenção tecnológica, da criação intelectual e da produção artística e cultural. Justiça social, moralidade, conhecimento, invenção e criatividade, devem ser, mais que nunca, conceitos vivos no dia-a-dia da nação.

Queridos brasileiros e queridas brasileiras,

Considero uma missão sagrada do Brasil a de mostrar ao mundo que é possível um país crescer aceleradamente, sem destruir o meio-ambiente.

Somos e seremos os campeões mundiais de energia limpa, um país que sempre saberá crescer de forma saudável e equilibrada.

O etanol e as fontes de energia hídricas terão grande incentivo, assim como as fontes alternativas: a biomassa, a eólica e a solar. O Brasil continuará também priorizando a preservação das reservas naturais e das florestas.

Nossa política ambiental favorecerá nossa ação nos fóruns multilaterais. Mas o Brasil não condicionará sua ação ambiental ao sucesso e ao cumprimento, por terceiros, de acordos internacionais. Defender o equilíbrio ambiental do planeta é um dos nossos compromissos nacionais mais universais.

Meus queridos brasileiros e brasileiras,

Nossa política externa estará baseada nos valores clássicos da tradição diplomática brasileira: promoção da paz, respeito ao princípio de não-intervenção, defesa dos Direitos Humanos e fortalecimento do multilateralismo.

O meu governo continuará engajado na luta contra a fome e a miséria no mundo. Seguiremos aprofundando o relacionamento com nossos vizinhos sul-americanos; com nossos irmãos da América Latina e do Caribe; com nossos irmãos africanos e com os povos do Oriente Médio e dos países asiáticos. Preservaremos e aprofundaremos o relacionamento com os Estados Unidos e com a União Européia.

Vamos dar grande atenção aos países emergentes.

O Brasil reitera, com veemência e firmeza, a decisão de associar seu desenvolvimento econômico, social e político ao de nosso continente. Podemos transformar nossa região em componente essencial do mundo multipolar que se anuncia, dando consistência cada vez maior ao Mercosul e à Unasul. Vamos contribuir para a estabilidade financeira internacional, com uma intervenção qualificada nos fóruns multilaterais.

Nossa tradição de defesa da paz não nos permite qualquer indiferença frente à existência de enormes arsenais atômicos, à proliferação nuclear, ao terrorismo e ao crime organizado transnacional.

Nossa ação política externa continuará propugnando pela reforma dos organismos de governança mundial, em especial as Nações Unidas e seu Conselho de Segurança.

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

Disse, no início deste discurso, que eu governarei para todos os brasileiros e brasileiras. E vou fazê-lo. Mas é importante lembrar que o destino de um país não se resume à ação de seu governo. Ele é o resultado do trabalho e da ação transformadora de todos os brasileiros e brasileiras. O Brasil do futuro será exatamente do tamanho daquilo que, juntos, fizermos por ele hoje. Do tamanho da participação de todos e de cada um: Dos movimentos sociais, dos que labutam no campo, dos profissionais liberais, dos trabalhadores e dos pequenos empreendedores, dos intelectuais, dos servidores públicos, dos empresários, das mulheres, dos negros, dos índios e dos jovens, de todos aqueles que lutam para superar distintas formas de discriminação.

Quero estar ao lado dos que trabalham pelo bem do Brasil na solidão amazônica, na seca nordestina, na imensidão do cerrado, na vastidão dos pampas. Quero estar ao lado dos que vivem nos aglomerados metropolitanos, na vastidão das florestas; no interior ou no litoral, nas capitais e nas fronteiras do Brasil. Quero convocar todos a participar do esforço de transformação do nosso país.

Respeitada a autonomia dos poderes e o princípio federativo, quero contar com o Legislativo e o Judiciário, e com a parceria de governadores e prefeitos para continuarmos desenvolvendo nosso País, aperfeiçoando nossas instituições e fortalecendo nossa democracia. Reafirmo meu compromisso inegociável com a garantia plena das liberdades individuais; da liberdade de culto e de religião; da liberdade de imprensa e de opinião. Reafirmo que prefiro o barulho da imprensa livre ao silêncio das ditaduras. Quem, como eu e tantos outros da minha geração, lutamos contra o arbítrio e a censura, somos naturalmente amantes da mais plena democracia e da defesa intransigente dos direitos humanos, no nosso País e como bandeira sagrada de todos os povos. O ser humano não é só realização prática, mas sonho; não é só cautela racional, mas coragem, invenção e ousadia. E esses são elementos fundamentais para a afirmação coletiva da nossa nação.

Eu e meu vice Michel Temer fomos eleitos por uma ampla coligação partidária. Estamos construindo com eles um governo onde capacidade profissional, liderança e a disposição de servir ao país serão os critérios fundamentais. Mais uma vez estendo minha mão aos partidos de oposição e as parcelas da sociedade que não estiveram conosco na recente jornada eleitoral. Não haverá de minha parte discriminação, privilégios ou compadrio.

A partir deste momento sou a presidenta de todos os brasileiros, sob a égide dos valores republicanos. Serei rígida na defesa do interesse público. Não haverá compromisso com o erro, o desvio e o malfeito. A corrupção será combatida permanentemente, e os órgãos de controle e investigação terão todo o meu respaldo para aturem com firmeza e autonomia.

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

Chegamos ao final desse longo discurso. Dediquei toda a minha vida a causa do Brasil. Entreguei minha juventude ao sonho de um país justo e democrático. Suportei as adversidades mais extremas infligidas a todos que ousamos enfrentar o arbítrio. Não tenho qualquer arrependimento, tampouco ressentimento ou rancor.

Muitos da minha geração, que tomaram pelo caminho, não podem compartilhar a alegria deste momento. Divido com eles esta conquista, e rendo-lhes minha homenagem.

Esta dura caminhada me fez valorizar e amar muito mais a vida e me deu sobretudo coragem para enfrentar desafios ainda maiores. Recorro mais uma vez ao poeta da minha terra: "O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem" É com esta coragem que vou governar o Brasil. Mas mulher não é só coragem. É carinho também. Carinho que dedico a minha filha e ao meu neto. Carinho com que abraço a minha mãe que me acompanha e me

abençoa. É com este mesmo carinho que quero cuidar do meu povo, e a ele - só a ele - dedicar os próximos anos da minha vida.

Que Deus abençoe o Brasil! Que Deus abençoe a todos nós!

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/853564-leia-integra-do-discurso-de-posse-de-dilma-rousseff-no-congresso.shtml>

PRELEÇÃO 5

DISCURSO DA PRESIDENTA DA REPÚBLICA, DILMA ROUSSEFF, DURANTE CERIMÔNIA DE INÍCIO DO MÊS DA MULHER: TRABALHO E CIDADANIA - SALVADOR/BA

01/03/2011 às 16h30

Primeiro, eu queria desejar boa tarde a todos. Boa tarde! Todos nós estamos aqui até agora, sem almoçar, mas estamos aqui firmes. Eu queria também dar uma boa tarde especial às mulheres baianas aqui presentes. Com isso, eu não estou preterindo os nossos companheiros homens, mas é porque hoje é o primeiro dia do mês da mulher, o mês em que se comemora o dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher. E aí, também, porque apesar de nós sermos 52% da população e, portanto, as mulheres serem maioria, os outros 48% são nossos filhos e, aí, fica tudo em casa. Então, ao cumprimentar as mulheres eu estendo também o cumprimento a todos os nossos companheiros aqui presentes.

E vou saudar o Jaques Wagner, governador da Bahia, meu querido companheiro. E, ao saudá-lo, estou saudando todos, mas todos mesmo, os baianos. E, ao mesmo tempo, estou agradecendo à Bahia porque eu tenho muito orgulho de ter sido, como candidata à presidenta, a candidata mais votada aqui na Bahia. E tenho muito orgulho também de ter aqui feito a maior vantagem, e isso eu devo a vocês, homens e mulheres da Bahia.

Vou saudar a minha querida amiga, a Fatinha. O Jaques disse que a Fatinha é brava, mas a Fatinha não é brava, a Fatinha é firme, é outra coisa, é firme.

Vou cumprimentar aqui cada um dos ministros de Estado,

Vou dirigir um cumprimento especial para a nossa Senadora, a Senadora, primeira senadora eleita pela Bahia, com muito orgulho para todas nós, mulheres brasileiras.

Queria cumprimentar também os deputados federais aqui presentes,

Dirigir um cumprimento, do fundo do coração, para o nosso prefeito de Irecê, o Zé das Virgens, José Carlos Dourado das Virgens,

Queria também cumprimentar todos os secretários e secretárias aqui, ao saudar a minha querida companheira secretária estadual da Casa Civil, Eva Chiavon.

Hoje eu estou dando preferência para as mulheres. Então, a Petrobras eu vou saudar saudando primeiro a Maria das Graças Foster, que é a primeira diretora mulher da Petrobras. E aí, para os dois não ficarem tristes, eu cumprimento o presidente da Petrobras, o nosso baiano Zé Sérgio Gabrielli, e o Miguel Rossetto, que é presidente da Petrobras Biocombustível.

E eu vou cumprimentar agora, de forma muito carinhosa, as nossas companheiras que aqui representam o movimento de mulheres e as organizações de mulheres.

Vou cumprimentar a Verônica Santana, coordenadora do Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste. Verônica, um abraço.

A Elisângela, da Federação das Mulheres da Agricultura Familiar,

A Carmen, aquela mulher forte que esteve aqui e falou com muita firmeza, convicção, mas também com grande amor no coração. A Carmen, da Secretaria Nacional de Mulheres [Secretaria de Mulheres Trabalhadoras Rurais] da Contag, a Confederação [Nacional] dos Trabalhadores na Agricultura,

A Célia, da Secretaria da Mulher Extrativista,

Anunciação, do Movimento [Interestadual] das Quebradeiras de Coco Babaçu,

A Adriana, do Movimento de Mulheres Camponesas,

Adnilva, do Movimento dos Pequenos Agricultores,

Queria cumprimentar, então, os meus queridos prefeitos. Porque, junto com o Governador, é com os prefeitos que nós fazemos a parceria, e é com os prefeitos que nós, desde o governo do presidente Lula, e no meu governo vamos continuar da mesma forma, fazemos as parcerias. Sem essa relação, nós não íamos conseguir executar todos os nossos projetos. Então, senhores prefeitos, eu cumprimento a minha parte da lista. Cumprimento os prefeitos: de Gavião, a prefeita Benvinda; o dr. Francisco, prefeito de Ibitita; o Davi... Ibititá. Agora, para saber que é Ibititá, tem que ter um acento no “tá”, Ibititá; o prefeito David, de Ipujiara; a prefeita Valdice, de Jacobina; o prefeito Ronaldo, de Jussara; o prefeito Marcos, de Lençóis; o prefeito Antônio, de Mairi; o prefeito Rui Dourado, de João Dourado; a prefeita Moema, a nossa querida prefeita Moema, que veio lá de Lauro de Freitas prestigiar aqui essa cerimônia; a prefeita Luzina, de Mundo Novo; o prefeito Marcos, de Palmeiras; o prefeito Roberto Carlos, de Presidente Dutra; prefeito José Bonifácio, de Rui Barbosa; prefeito Antônio Roquildes, de São José do Jacuípe; prefeito Reginaldo, de Itagi; prefeito João Hipólito, de Abaíra; prefeito Orlando, de Barro Alto; prefeito Litercílio, de Brota de Macaúba; prefeito Adão, de Itaguaçu da Bahia; prefeita Mariângela, de Lajedo do Tabocal; prefeito Procópio, de Jussiape; prefeito Ney Amorim, de Ibipeba. Se algum prefeito... Prefeito Edmar... Prefeito Edmário, de Iraquara. Prefeito Caca, de Miguel Calmon. São dois que faltavam, então.

Bom, eu, primeiro... Quitéria, de Cardeal da Silva. Logo uma mulher, não é? Logo uma mulher, Quitéria. E Josefina, de Coaraci. Formoso? Iraci, de Campo Formoso. Vocês vejam que deu mais de 50 prefeitos, se eu não me engano, deu 51 prefeitos e prefeitas.

Bom, eu estou aqui, hoje, com uma missão muito... Eu acredito que uma missão que a mim muito me orgulha. Primeiro, Irecê e a Bahia são o primeiro estado e o primeiro município que eu visito com esse contato tão forte, tão amigo, tão caloroso e tão carinhoso da população. Eu queria dizer para vocês que eu estou muito comovida. Eu venho aqui a Irecê (falha no áudio) para lançar um programa que nós consideramos o programa que demonstra, desde a época do governo do presidente Lula, demonstra o nosso compromisso com aquela parcela da população brasileira que foi sempre abandonada, sempre tratada como sendo uma parte da população que não interessava ao Brasil.

Nós temos a convicção de que este país só será grande se todos os brasileiros e brasileiras forem grandes com ele. Por isso, cada brasileiro, cada brasileira, cada família brasileira, ela tem de ser o centro da nossa política, a coisa mais importante para um governo. Se não for assim, o Brasil perde a sua maior riqueza, que não é – apesar de ser importante que a gente tenha – o petróleo, que não é a quantidade de minério que nós temos, mas é, sobretudo, a nossa população. É o que nos torna um dos países maiores, mais fortes e com um futuro garantido pela frente de prosperidade e justiça. Mas isso depende de nós. Somos nós

que temos de construir essa justiça, essa prosperidade. Nós quem? Nós, governo, nós, movimentos sociais, e nós, povo de todos os rincões do Brasil.

E aqui, eu venho a Irecê e aproveito para lançar o reajuste do programa Bolsa Família. Desde 2009 que o programa Bolsa Família não tinha reajuste. Por quê? Porque no ano de 2010 era ano eleitoral, e a gente não fez política com o Bolsa Família em época de eleição. Por isso eu estou hoje aqui para cumprir esse papel fundamental, que é de priorizar aqueles mais pobres do nosso país. Vocês ouviram sempre, desde a minha posse, desde a campanha eleitoral, eu assumi um compromisso, e esse compromisso está clarinho no lema do meu governo: “País Rico é País sem Miséria [Pobreza]”. País rico é país sem miséria. Daí porque esse compromisso de acabar com a miséria absoluta, com a pobreza extrema é algo que eu assumo com muita convicção, com muita fé, mas, sobretudo, com muita emoção.

O Bolsa Família, ele é um programa que tem por objetivo atender e dar apoio àqueles que são a parte da população mais pobre do país. E aí, nós temos tido a parceria com os prefeitos, que fazem os cadastros. E eu peço aos prefeitos para sempre procurar melhorar cada vez mais o cadastro, para que a gente possa dar mais a quem mais precisa. E aí, o Bolsa Família, hoje, ele vai ter um reajuste muito significativo. Nós vamos dar um reajuste para o Bolsa Família beneficiando a quem tem mais filhos. Por que nós estamos beneficiando quem tem mais filhos? Porque as famílias com mais filhos são aquelas também que têm maior dificuldade de enfrentar a vida e que têm o nível de pobreza maior. Além disso, no Brasil, as crianças e os jovens são a parte da população também que sofre mais com a pobreza extrema. Porque os mais velhos têm aposentadoria garantida, têm o benefício da prestação continuada. Por isso, nós vamos dar um reajuste para a parcela que é relativa a filhos de 45%. Essa parte do Bolsa Família é uma parte muito importante, porque ela é dada conforme a existência de filhos nas famílias do Bolsa Família.

E é bom que se diga: os dados que a gente pesquisa – porque a gente pesquisa para olhar o Bolsa Família, como é que ele está evoluindo. Então, uma coisa a gente sabe: que as crianças e os jovens beneficiados pelo Bolsa Família, eles avançam mais na escola, eles se alimentam melhor, e eles demoram mais a ser tirados da escola e a ser colocados para trabalhar. Porque a condição para receber Bolsa Família é botar a criança na escola e é garantir que a criança tenha acesso à vacinação. Por isso, hoje eu estou aqui para dar início ao meu Programa de Erradicação da Miséria. Ele vai ter, esse programa, ele ainda está sendo elaborado, mas ele tem a sua primeira parte, o seu primeiro passo dado por esse reajuste forte no Bolsa Família recebida por crianças que ganham até... aliás, por famílias que têm filhos, que têm crianças pequenas, sobretudo. Eu queria dizer, também, que as outras parcelas do Bolsa Família vão sofrer um reajuste, mas será um ajuste menor. No total, nós vamos despender em torno de 2 bilhões e 100 milhões com este reajuste. E isso é a primeira parte – vou repetir – do Programa de Erradicação da Miséria, de diminuição da pobreza no Brasil.

Eu queria destacar para vocês uma outra coisa. Quando a gente diz que o Bolsa Família é só uma parte do caminho, não é o caminho todo, é muito importante. Por quê? Nós queremos fazer duas coisas ao mesmo tempo: garantir que as famílias que precisam tenham um dinheiro para garantir comida para as crianças, para garantir que as crianças tenham acesso a material escolar ou, até, que a mãe possa comprar remédio. Mas, ao mesmo tempo, a gente quer que as famílias do Bolsa Família tenham uma outra perspectiva na vida: que o pai e a mãe possam encontrar um emprego decente, melhorar a sua renda e colocar comida na mesa dos filhos, colocar os filhos para estudar de forma cada vez melhor. Por isso, o Bolsa Família é uma parte do nosso projeto. A outra parte é necessariamente, é necessariamente as oportunidades de participar produtivamente da vida da sociedade.

E, aí, eu quero me referir, aqui, à agricultura familiar, aos agricultores familiares, às agricultoras familiares. E lembrar que tanto no Bolsa Família quanto na agricultura familiar nós temos olhado com muito cuidado, com muito carinho para as mulheres. Porque as mulheres, elas são fundamentais quando se trata da família. Todo mundo aqui sabe que uma mãe, para deixar um filho sem dar de comer, ela... é quase impossível, ela prefere abrir mão da sua alimentação para o seu filho comer. Por isso as mulheres são aquelas titulares que nós preferimos para receber o cartão do Bolsa Família.

Por isso é importante aumentar o valor e a quantidade do crédito para as mulheres poderem ter seu Pronaf. Porque, com o Pronaf Mulher, ela pode ter acesso a um financiamento para o seu artesanato, por exemplo. Ela pode costurar, ela pode fazer doce, enfim, ela pode contribuir para a melhoria de renda da sua própria família.

Com o PAA, também a mulher e o homem podem ter também acesso a uma maior renda. Com isso, quando nós fortalecemos a agricultura familiar, a gente quer dar um caminho para a população que recebe Bolsa Família ter uma alternativa. Mas não é só na agricultura familiar, Jaques. É também na criação de empregos na cidade, aqui na cidade. Você veja como é engraçada a roda que gira o Bolsa Família: a família recebe o Bolsa Família e vai comprar o seu produto ou em um supermercadinho, ou em uma vendinha, ou até em uma feira que ela tenha acesso; com isso, ela vai possibilitar que aquele ou vendedor da lojinha, ou do supermercadinho, ou da feira tenha uma renda melhor. Com isso, ela vai permitir que ele gaste também essa renda, e assim a roda vai girando. Mas o que eu quero dizer é que nós vamos ter de continuar gerando os empregos que nós viemos gerando até aqui também na zona urbana. Porque na zona urbana também os moradores aqui de um município como Irecê conseguem alternativas de trabalho, e isso é fundamental para fazer o Brasil crescer.

Eu quero dizer que eu acredito em uma agricultura familiar que tenha trator, assistência técnica e crédito. E aí, quero dizer que o objetivo do meu governo, anunciado na campanha eleitoral, é assegurar que mais 2 milhões de agricultores tenham acesso a crédito do Pronaf.

Quero lembrar para todos aqui presentes que nós, no ano passado, pelo presidente Lula, colocamos R\$ 16 bilhões de crédito, mas não foram tomados os 16 bilhões, foi tomado um valor menor do que isso, foram tomados 10 bilhões. Então, não é por falta de dinheiro, é por uma coisa que o Jaques disse aqui, que é importante: quem tem projeto, tem dinheiro. No Brasil de hoje, quem tiver projeto, tem dinheiro. E isso é muito importante para cada um de nós, porque assim o Brasil cresce, também, ajudado pelo Bolsa Família e pela agricultura familiar.

Eu estou vendo ali um cartaz escrito: “Mais faculdades públicas”. Eu vou, junto com o prefeito, comentar uma coisa: nós abrimos aqui o Instituto Federal de Educação Científica e Tecnológica. Esse Instituto Federal de Educação Científica e Tecnológica, ele começa as aulas no dia 14 de março. As aulas que estão previstas são para formar profissionalmente as pessoas. Eu reivindico, para esse Instituto, além da oferta do que ele está formando, que é nas áreas de mecânica, de biocombustíveis, uma cadeira especial – e aí eu vou determinar ao Ministro da Educação que faça isso – especial, para a agricultura familiar. Por quê? Quem tem de dar assistência técnica para o agricultor familiar, pode muito bem ser o filho do agricultor familiar, formado numa universidade ou num Instituto Federal de Educação Científica e Tecnológica. A gente tem de aprender que agricultura a gente faz não é só apostando que Deus ajuda. Ele ajuda, mas ele quer sempre que a gente faça por onde, pela nossa parte, e a nossa parte é botar os meninos para estudar e fazer com que nós tenhamos uma agricultura familiar capaz de gerar riqueza no bolso do trabalhador rural, da trabalhadora rural, daquele que é o organizador da produção agrícola na sua unidade.

Eu queria dizer para vocês uma coisa: Sexta-feira eu almocei com o presidente Lula, lá em São Paulo. E eu disse para ele: “Presidente Lula, terça eu vou estar lá na Bahia, em Irecê, porque eu vou reajustar o Programa [Nacional de Fortalecimento] da Agricultura Familiar, e quero fazer isso lá na Bahia, lá em Irecê porque a Bahia é o estado que mais recebe Bolsa Família”. Para justamente falar: vai ter Bolsa Família reajustada, mas também vai ter um caminho novo para vocês. O Presidente, então, me pediu duas coisas. Uma: que dissesse para vocês que ele manda um abraço e manda todo o carinho dele. E a segunda coisa é que ele vai estar conosco nos próximos quatro anos e nós, juntos, o governo e vocês aqui, cada um de vocês aqui, somos responsáveis por fazer e continuar a transformação que nos últimos oito anos o presidente Lula encaminhou.

Eu ajudei nesses oito anos, mas agora a bola está conosco, com os homens e as mulheres – e sobretudo com as mulheres. Porque a mulher sabe de duas coisas também: sabe ter coragem – porque não é uma mulher sem coragem aquela que acorda todo dia de manhã, arruma os filhos, assegura que eles tenham comida, providencia educação, solta os meninos para a escola, encara o trabalho do dia a dia, encara a sua profissão. Mas também, além da coragem, eu acho que a mulher tem uma outra coisa: ela tem carinho. Ela cuida, ela protege, ela dá amor, e ela apoia e incentiva.

O Brasil precisa saber que chegou também mais, mais... eu acho mais cedo do que muitos imaginavam, a hora e a vez das mulheres darem a sua parte nessa história. Não só porque eu cheguei à Presidência da República e eu sou uma mulher; porque eu concordo, eu não cheguei aqui só por conta da minha história ou de todas as lutas que eu travei ao longo da vida.

Eu cheguei aqui porque uma quantidade muito grande de mulheres saiu de suas casas e foi trabalhar; uma quantidade grande de agricultoras botou a mão na massa e foi plantar; uma quantidade grande de mulheres virou enfermeiras, professoras, professora, que tem de ser valorizada, empregadas domésticas, médicas, mulheres enfermeiras, mulheres agentes de saúde. Enfim, mulheres em todas as áreas. E este mês é o nosso mês, é o mês das mulheres. Mas a generosidade das mulheres faz também que este seja o mês em que nós olhamos para todos os brasileiros, sem exceção, sem discriminação, e olhamos para eles e para as crianças, com muito cuidado para as crianças, porque é a parte mais frágil da nossa população. Por isso, eu volto ao Bolsa Família e digo: é um caminho para melhorar a distribuição de renda no nosso país, assegurando que as nossas crianças tenham um futuro que seus pais não tiveram. Porque, o que nós queremos para as nossas crianças, nesse momento das suas vidas, quando elas têm até seis anos de idade? Nós queremos uma alimentação saudável, um processo de garantia da sua saúde. E queremos, depois, que elas tenham acesso à educação de qualidade. É isso que hoje nós estamos dizendo aqui: o Bolsa Família é uma garantia, para aquelas famílias que não podem esperar, que precisam do seu alimento e precisam de ter apoio para educar seus filhos. Mas também a agricultura familiar, e aqui eu venho, hoje, porque eu quero marcar o início desse 8 de março como o mês que comemora as mulheres guerreiras e fortes da agricultura, as trabalhadoras.

E, aí, eu deixo para vocês a minha fala: carinho e coragem. Esses dois são, eu acho, a marca da mulher brasileira e da mulher baiana. Viva as mulheres do nosso país!

<http://www2.planalto.gov.br/imprensa/discursos/iscurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-inicio-do-mes-da-mulher-trabalho-e-cidadania>

PRELEÇÃO 6

DISCURSO DA PRESIDENTA DA REPÚBLICA, DILMA ROUSSEFF, NA ABERTURA DO DEBATE GERAL DA 66ª ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS - NOVA YORK/EUA

Nova York-EUA, 21 de setembro de 2011

Senhor presidente da Assembleia Geral, Nassir Abdulaziz Al-Nasser,
Senhor secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon,
Senhoras e senhores chefes de Estado e de Governo,
Senhoras e senhores,

Pela primeira vez, na história das Nações Unidas, uma voz feminina inaugura o Debate Geral. É a voz da democracia e da igualdade se ampliando nesta tribuna, que tem o compromisso de ser a mais representativa do mundo. É com humildade pessoal, mas com justificado orgulho de mulher, que vivo este momento histórico. Divido esta emoção com mais da metade dos seres humanos deste Planeta, que, como eu, nasceram mulher, e que, com tenacidade, estão ocupando o lugar que merecem no mundo. Tenho certeza, senhoras e senhores, de que este será o século das mulheres. Na língua portuguesa, palavras como vida, alma e esperança pertencem ao gênero feminino, e são também femininas duas outras palavras muito especiais para mim: coragem e sinceridade. Pois é com coragem e sinceridade que quero lhes falar no dia de hoje.

Senhor Presidente,

O mundo vive um momento extremamente delicado e, ao mesmo tempo, uma grande oportunidade histórica. Enfrentamos uma crise econômica que, se não debelada, pode se transformar em uma grave ruptura política e social. Uma ruptura sem precedentes, capaz de provocar sérios desequilíbrios na convivência entre as pessoas e as nações. Mais que nunca, o destino do mundo está nas mãos de todos os seus governantes, sem exceção. Ou nos unimos todos e saímos, juntos, vencedores ou sairemos todos derrotados. Agora, menos importante é saber quais foram os causadores da situação que enfrentamos, até porque isto já está suficientemente claro. Importa, sim, encontrarmos soluções coletivas, rápidas e verdadeiras. Essa crise é séria demais para que seja administrada apenas por uns poucos países. Seus governos e bancos centrais continuam com a responsabilidade maior na condução do processo, mas como todos os países sofrem as consequências da crise, todos têm o direito de participar das soluções. Não é por falta de recursos financeiros que os líderes dos países desenvolvidos ainda não encontraram uma solução para a crise. É – permitam-me dizer – por falta de recursos políticos e, algumas vezes, de clareza de ideias.

Uma parte do mundo não encontrou ainda o equilíbrio entre ajustes fiscais apropriados e estímulos fiscais corretos e precisos para a demanda e o crescimento. Ficam presos na armadilha que não separa interesses partidários daqueles interesses legítimos da sociedade. O desafio colocado pela crise é substituir teorias defasadas, de um mundo velho, por novas formulações para um mundo novo. Enquanto muitos governos se encolhem, a face mais amarga da crise – a do desemprego – se amplia. Já temos 205 milhões de desempregados no mundo – 44 milhões na Europa, 14 milhões nos Estados Unidos. É vital combater essa praga e impedir que se alastre para outras regiões do Planeta.

Nós, mulheres, sabemos – mais que ninguém – que o desemprego não é apenas uma estatística. Golpeia as famílias, nossos filhos e nossos maridos. Tira a esperança e deixa a violência e a dor.

Senhor Presidente,

É significativo que seja a presidenta de um país emergente – um país que vive praticamente um ambiente de pleno emprego – que venha falar, aqui, hoje, com cores tão vívidas, dessa tragédia que assola, em especial, os países desenvolvidos. Como outros países emergentes, o Brasil tem sido, até agora, menos afetado pela crise mundial. Mas sabemos que nossa capacidade de resistência não é ilimitada. Queremos – e podemos – ajudar, enquanto há tempo, os países onde a crise já é aguda. Um novo tipo de cooperação, entre países emergentes e países desenvolvidos, é a oportunidade histórica para redefinir, de forma solidária e responsável, os compromissos que regem as relações internacionais.

O mundo se defronta com uma crise que é, ao mesmo tempo, econômica, de governança e de coordenação política.

Não haverá a retomada da confiança e do crescimento enquanto não se intensificarem os esforços de coordenação entre os países integrantes da ONU e as demais instituições multilaterais, como o G-20, o Fundo Monetário, o Banco Mundial e outros organismos. A ONU e essas organizações precisam emitir, com a máxima urgência, sinais claros de coesão política e de coordenação macroeconômica.

As políticas fiscais e monetárias, por exemplo, devem ser objeto de avaliação mútua, de forma a impedir efeitos indesejáveis sobre os outros países, evitando reações defensivas que, por sua vez, levam a um círculo vicioso.

Já a solução do problema da dívida deve ser combinada com o crescimento econômico. Há sinais evidentes de que várias economias avançadas se encontram no limiar da recessão, o que dificultará, sobremaneira, a resolução dos problemas fiscais.

Está claro que a prioridade da economia mundial, neste momento, deve ser solucionar o problema dos países em crise de dívida soberana e reverter o presente quadro recessivo. Os países mais desenvolvidos precisam praticar políticas coordenadas de estímulo às economias extremamente debilitadas pela crise. Os países emergentes podem ajudar.

Países altamente superavitários devem estimular seus mercados internos e, quando for o caso, flexibilizar suas políticas cambiais, de maneira a cooperar para o reequilíbrio da demanda global.

Urge aprofundar a regulamentação do sistema financeiro e controlar essa fonte inesgotável de instabilidade. É preciso impor controles à guerra cambial, com a adoção de regimes de câmbio flutuante. Trata-se, senhoras e senhores, de impedir a manipulação do câmbio tanto por políticas monetárias excessivamente expansionistas como pelo artifício do câmbio fixo.

A reforma das instituições financeiras multilaterais deve, sem sombra de dúvida, prosseguir, aumentando a participação dos países emergentes, principais responsáveis pelo crescimento da economia mundial.

O protecionismo e todas as formas de manipulação comercial devem ser combatidos, pois conferem maior competitividade, de maneira espúria e fraudulenta.

Senhor Presidente,

O Brasil está fazendo a sua parte. Com sacrifício, mas com discernimento, mantemos os gastos do governo sob rigoroso controle, a ponto de gerar vultoso superávit nas contas públicas, sem que isso comprometa o êxito das políticas sociais, nem nosso ritmo de investimento e de crescimento. Estamos tomando precauções adicionais para reforçar nossa capacidade de resistência à crise, fortalecendo nosso mercado interno com políticas de distribuição de renda e inovação tecnológica. Há pelo menos três anos, senhor Presidente, o Brasil repete, nesta mesma tribuna, que é preciso combater as causas, e não só as consequências da instabilidade global. Temos insistido na interrelação entre desenvolvimento,

paz e segurança, e que as políticas de desenvolvimento sejam, cada vez mais, associadas às estratégias do Conselho de Segurança na busca por uma paz sustentável. É assim que agimos em nosso compromisso com o Haiti e com a Guiné-Bissau. Na liderança da Minustah temos promovido, desde 2004, no Haiti, projetos humanitários, que integram segurança e desenvolvimento. Com profundo respeito à soberania haitiana, o Brasil tem o orgulho de cooperar para a consolidação da democracia naquele país.

Estamos aptos a prestar também uma contribuição solidária, aos países irmãos do mundo em desenvolvimento, em matéria de segurança alimentar, tecnologia agrícola, geração de energia limpa e renovável e no combate à pobreza e à fome.

Senhor Presidente,

Desde o final de 2010 assistimos a uma sucessão de manifestações populares, que se convencionou denominar “Primavera Árabe”. O Brasil é pátria de adoção de muitos imigrantes daquela parte do mundo. Os brasileiros se solidarizam com a busca de um ideal que não pertence a nenhuma cultura, porque é universal: a liberdade.

É preciso que as nações aqui reunidas encontrem uma forma legítima e eficaz de ajudar as sociedades que clamam por reforma, sem retirar de seus cidadãos a condução do processo.

Repudiamos com veemência as repressões brutais que vitimam populações civis. Estamos convencidos de que, para a comunidade internacional, o recurso à força deve ser sempre a última alternativa. A busca da paz e da segurança no mundo não pode limitar-se a intervenções em situações extremas.

Apoiamos o Secretário-Geral no seu esforço de engajar as Nações Unidas na prevenção de conflitos, por meio do exercício incansável da democracia e da promoção do desenvolvimento.

O mundo sofre, hoje, as dolorosas consequências de intervenções que agravaram os conflitos, possibilitando a infiltração do terrorismo onde ele não existia, inaugurando novos ciclos de violência, multiplicando os números de vítimas civis. Muito se fala sobre a responsabilidade de proteger, pouco se fala sobre a responsabilidade ao proteger. São conceitos que precisamos amadurecer juntos. Para isso, a atuação do Conselho de Segurança é essencial, e ela será tão mais acertada quanto mais legítimas forem suas decisões, e a legitimidade do próprio Conselho depende, cada dia mais, de sua reforma.

Senhor Presidente,

A cada ano que passa, mais urgente se faz uma solução para a falta de representatividade do Conselho de Segurança, o que corrói sua eficácia. O ex-presidente Joseph Deiss recordou-me um fato impressionante: o debate em torno da reforma do Conselho já entra em seu 18º ano. Não é possível, senhor Presidente, protelar mais.

O mundo precisa de um Conselho de Segurança que venha a refletir a realidade contemporânea, um Conselho que incorpore novos membros permanentes e não permanentes, em especial representantes dos países em desenvolvimento. O Brasil está pronto a assumir suas responsabilidades como membro permanente do Conselho. Vivemos em paz com nossos vizinhos há mais de 140 anos. Temos promovido com eles bem-sucedidos processos de integração e de cooperação. Abdicamos, por compromisso constitucional, do uso da energia nuclear para fins que não sejam pacíficos. Tenho orgulho de dizer que o Brasil é um vetor de paz, estabilidade e prosperidade em sua região, e até mesmo fora dela.

No Conselho de Direitos Humanos, atuamos inspirados por nossa própria história de superação. Queremos para os outros países o que queremos para nós mesmos.

O autoritarismo, a xenofobia, a miséria, a pena capital, a discriminação, todos são algozes dos direitos humanos. Há violações em todos os países, sem exceção. Reconheçamos

esta realidade e aceitemos, todos, as críticas. Devemos nos beneficiar delas e criticar, sem meias-palavras, os casos flagrantes de violação, onde quer que ocorram.

Senhor Presidente,

Quero estender ao Sudão do Sul as boas vindas à nossa família de nações. O Brasil está pronto a cooperar com o mais jovem membro das Nações Unidas e contribuir para seu desenvolvimento soberano. Mas lamento ainda não poder saudar, desta tribuna, o ingresso pleno da Palestina na Organização das Nações Unidas. O Brasil já reconhece o Estado palestino como tal, nas fronteiras de 1967, de forma consistente com as resoluções das Nações Unidas. Assim como a maioria dos países nesta Assembleia, acreditamos que é chegado o momento de termos a Palestina aqui representada a pleno título.

O reconhecimento ao direito legítimo do povo palestino à soberania e à autodeterminação amplia as possibilidades de uma paz duradoura no Oriente Médio. Apenas uma Palestina livre e soberana poderá atender aos legítimos anseios de Israel por paz com seus vizinhos, segurança em suas fronteiras e estabilidade política em seu entorno regional. Venho de um país onde descendentes de árabes e judeus são compatriotas e convivem em harmonia, como deve ser.

Senhor Presidente,

O Brasil defende um acordo global, abrangente e ambicioso para combater a mudança do clima no marco das Nações Unidas. Para tanto, é preciso que os países assumam as responsabilidades que lhes cabem.

Apresentamos uma proposta concreta, voluntária e significativa de redução [de emissões], durante a Cúpula de Copenhague, em 2009. Esperamos poder avançar, já na reunião de Durban, apoiando os países em desenvolvimento nos seus esforços de redução de emissões e garantindo que os países desenvolvidos cumprirão suas obrigações – com novas metas no Protocolo de Quioto – para além de 2012.

Teremos a honra de sediar a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, em junho do ano que vem. Juntamente com o secretário-geral Ban Ki-moon, reitero aqui o convite para que todos os chefes de Estado e de Governo compareçam. Senhor Presidente e minhas companheiras mulheres de todo mundo,

O Brasil descobriu que a melhor política de desenvolvimento é o combate à pobreza, e que uma verdadeira política de direitos humanos tem por base a diminuição da desigualdade e da discriminação entre as pessoas, entre as regiões e entre os gêneros.

O Brasil avançou política, econômica e socialmente sem comprometer sequer uma das liberdades democráticas. Cumprimos quase todos os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, antes de 2015. Saíram da pobreza e ascenderam para a classe média quase 40 milhões de brasileiras e brasileiros. Tenho plena convicção de que cumprimos nossa meta de, até o final do meu governo, erradicar a pobreza extrema no Brasil.

No meu país, a mulher tem sido fundamental na superação das desigualdades sociais. Nossos programas de distribuição de renda têm, nas mães, a figura central. São elas que cuidam dos recursos que permitem às famílias investir na saúde e na educação de seus filhos. Mas o meu país, como todos os países do mundo, ainda precisa fazer muito mais pela valorização e afirmação da mulher. Ao falar disso, cumprimento o secretário-geral Ban Ki-moon pela prioridade que tem conferido às mulheres em sua gestão à frente das Nações Unidas. Saúdo, em especial, a criação da ONU Mulher e sua diretora-executiva, Michelle Bachelet.

Senhor Presidente,

Além do meu querido Brasil, sinto-me aqui também representando todas as mulheres do mundo. As mulheres anônimas, aquelas que passam fome e não podem dar de comer aos

seus filhos; aquelas que padecem de doenças e não podem se tratar; aquelas que sofrem violência e são discriminadas no emprego, na sociedade e na vida familiar; aquelas cujo trabalho no lar cria as gerações futuras. Junto minha voz às vozes das mulheres que ousaram lutar, que ousaram participar da vida política e da vida profissional, e conquistaram o espaço de poder que me permite estar aqui hoje.

Como mulher que sofreu tortura no cárcere, sei como são importantes os valores da democracia, da justiça, dos direitos humanos e da liberdade. E é com a esperança de que estes valores continuem inspirando o trabalho desta Casa das Nações, que tenho a honra de iniciar o Debate Geral da 66ª Assembleia Geral da ONU.

Muito obrigada.

<http://www2.planalto.gov.br/imprensa/discursos/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-abertura-do-debate-geral-da-66a-assembleia-geral-das-nacoes-unidas-nova-iorque-eua>

PRELEÇÃO 7

PRONUNCIAMENTO À NAÇÃO DA PRESIDENTA DA REPÚBLICA, DILMA ROUSSEFF, EM CADEIA NACIONAL DE RÁDIO E TV, POR OCASIÃO DO DIA INTERNACIONAL DA MULHER

08/03/2012 às 19h10

Queridos brasileiros, queridas brasileiras,

Hoje, Dia Internacional da Mulher, é uma data ideal para uma presidenta falar com suas irmãs brasileiras, de coração aberto, de mulher para mulher.

Sinto alegria de chefiar um governo que tem o maior conjunto de programas de apoio à mulher na nossa história. Mas sei que governo e sociedade precisam fazer muito mais para a valorização plena da mulher. Não é exagerado dizer que cada mulher ainda tem algo a dever a si mesma, e cada homem tem algo a dever à mulher que está a seu lado. Nós, mulheres, vamos continuar em dívida com a gente mesmo se aceitarmos passivamente certa herança negativa que ainda temos sobre os ombros. Cada homem vai continuar em dívida consigo mesmo se não olhar com igualdade, com respeito e com amor sua mulher, sua mãe, sua irmã ou sua filha. A luta pela valorização da mulher é, portanto, um dever de todos: brasileiras e brasileiros de todas as classes, de todos os credos, de todas as raças e de todas as regiões do país.

Minhas irmãs brasileiras,

Minha chegada à Presidência significou um momento único de afirmação da mulher na sociedade brasileira. Não esqueço isso um só minuto, e sei que nenhuma de vocês esquece disso quando olha para mim. Minha eleição reforçou, em alguns setores da sociedade, uma tendência de enaltecimento da força da mulher. Não podemos aceitar o falso triunfalismo, mas também não devemos nos render ao amargor derrotista.

Sei que uma mulher que chegou à Presidência com milhões de votos de brasileiros e de brasileiras não poderá jamais ter uma atitude ressentida contra os homens. Mas sei, muito especialmente, que uma presidenta não pode ter uma política tímida, ultrapassada e meramente compensatória para as mulheres.

Hoje somos, no Brasil, 97 milhões de mulheres, ou seja, 51% da população. Quarenta por cento das nossas famílias são chefiadas atualmente por mulheres, quando, dez anos atrás,

não passavam de 25%. Nos últimos anos, a taxa de desemprego feminino vem caindo com mais força, mas ocupamos apenas 45% das vagas de trabalho disponíveis, e continuamos recebendo menos que os homens pelo mesmo trabalho realizado. Isso tem que melhorar.

O pior é que, em certas circunstâncias, a mulher continua sendo a mais pobre dos pobres, a mais sofredora entre os sofredores. Mas até aí nos surpreende a força da mulher, porque mesmo quando está em uma dura condição de pobreza, a mulher é a principal mola de propulsão para vencer a miséria. Sabe por quê? Porque ela é o centro da família. Porque quando uma mulher se ergue, nunca se ergue sozinha, ela levanta junto seu companheiro, ela levanta junto seus filhos, ela fortalece toda a família. Vem daí a importância que damos à mulher, nos nossos programas sociais. Noventa e três por cento dos cartões do Bolsa Família estão, por exemplo, em nome de mulheres, são mais de 19 milhões de mulheres que vão ao banco todo mês buscar e administrar recursos para ajudar no sustento da família. Quarenta e sete por cento dos contratos da primeira etapa do Minha Casa, Minha Vida foram assinados por mulheres. Esse percentual será ainda maior no Minha Casa, Minha Vida 2. Nele, a escritura dos apartamentos populares será feita em nome da mulher.

Minhas amigas e meus amigos,

A mulher é um ser empreendedor, precisa, portanto, de oportunidades. A mulher é uma pessoa, antes de tudo, dedicada e trabalhadora, precisa, portanto, de emprego e de capacitação para o trabalho. Temos estimulado programas de capacitação, microcrédito e igualdade no emprego. Temos procurado apoiar a luta das mulheres em todas as áreas, sejam elas cientistas, profissionais liberais, operárias ou empregadas domésticas. O Programa Mulheres Mil está garantindo formação profissional e tecnológica para a inserção de milhares de mulheres no mercado de trabalho até 2014. E para dar mais autonomia de trabalho às mães pobres do Brasil, estamos construindo, até 2014, seis mil novas creches e pré-escolas.

A mulher é, por natureza, fonte de vida e de energia, mas para cumprir este destino, ela precisa de boa saúde. O nosso governo tem dado, e vai continuar dando, uma atenção toda especial à saúde da mulher e da criança. Criamos o Rede Cegonha, que já beneficiou 930 mil gestantes, em mais de 1.500 municípios. Para atingir esta meta já liberamos R\$ 452 milhões para a assistência materno-infantil. Em 2011, foram realizadas 20 milhões de consultas pré-natais pelo SUS, um aumento de 133% em relação ao ano de 2003. No ano passado, as gestantes e as nutrízes de baixa renda passaram a ser beneficiárias do Bolsa Família. Em apenas cinco meses, 241 mil delas já foram beneficiadas. Temos conseguido bons resultados também com os programas de prevenção e diagnóstico do câncer do colo de útero e de mama.

Minhas amigas e meus amigos,

Em todo o mundo a voz da mulher se sobressai na defesa da paz, do amor e da justiça. A mulher brasileira merece, portanto, cada vez mais, justiça, amor e paz. E isso deve começar em cada lar.

Desde 2006 temos, na Lei Maria da Penha, um instrumento poderoso para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Há poucos dias, o Supremo Tribunal Federal fortaleceu o combate à violência doméstica ao decidir que se um homem agredir uma mulher será processado, mesmo que ela não apresente denúncia e mesmo que ela retire a queixa. Nesta área, o governo federal está fazendo também a sua parte. Ainda este ano vamos ampliar para 1.100 unidades os serviços de atendimento à mulher em situação de violência. E vamos reforçar o Pacto Nacional pelo Enfrentamento da Violência contra a Mulher que já articula, com êxito, ações nos 27 estados brasileiros.

Minhas irmãs brasileiras,

Quero estreitar cada vez mais os laços entre nós. Quero, antes de tudo, que vocês sejam os olhos e o coração do meu governo, sejam a minha voz e o meu ouvido. Porque você,

minha irmã, é quem mais sente na pele as deficiências do serviço público: quando leva seu filho ao hospital, você vê como está o atendimento de saúde; você acompanha a escola do seu filho; você vê no supermercado se o preço da comida está subindo; você sente medo nas ruas escuras, quando volta do trabalho sozinha, sem segurança.

Quero abrir vários canais de escuta da população, em especial com as mulheres. Pedi ao Ministério da Saúde que, a partir de agora, telefone para todas as parturientes que foram atendidas pelo SUS e perguntem o que elas acharam do atendimento. Quero saber de tudo para melhorar, para poder estimular o que está bem e corrigir o que está mal. Vou ter também, no meu gabinete, monitores ligados a câmeras, para que eu e meus assessores possamos ver como está o atendimento nos principais hospitais e como vai o andamento das grandes obras. É assim que nós, mulheres, gostamos de cuidar das coisas: vendo todos os detalhes, tintim por tintim.

É fundamental que todas vocês me ajudem nesse trabalho. Acreditem, como eu acredito, que a participação é o melhor caminho para mudar o país. Participem da vida do seu bairro, da sua cidade, do seu estado e da sua nação. Se mobilizem. Já disse que este é o século das mulheres, mas não é o século das mulheres contra os homens, é o século da mulher trabalhando ao lado do homem, de igual para igual, batalhando com fé e amor por sua família e por seu país.

Viva o Dia Internacional da Mulher! Viva a mulher brasileira!

Obrigada. Boa noite.

<http://www2.planalto.gov.br/imprensa/discursos/pronunciamento-a-nacao-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-em-cadeia-nacional-de-radio-e-tv-por-ocasio-do-dia-internacional-da-mulher>

PRELEÇÃO 8

DISCURSO DA PRESIDENTA DA REPÚBLICA, DILMA ROUSSEFF, NA CERIMÔNIA DE LANÇAMENTO DO PROGRAMA MULHER: VIVER SEM VIOLÊNCIA - BRASÍLIA/DF

13/03/2013 às 15h40

Eu queria começar cumprimentando aqui e, tenho certeza, homenageando e saudando em nome de todas as mulheres aqui presentes e de todos os homens também, a nossa querida Maria da Penha.

Eu queria cumprimentar o vice-presidente da República, Michel Temer; o senador Renan Calheiros, presidente do Senado Federal; o deputado Henrique Eduardo Alves, presidente da Câmara dos Deputados; o ministro Joaquim Barbosa, presidente do Supremo Tribunal Federal e do Conselho Nacional de Justiça; as senhoras e os senhores chefes de Missões Diplomáticas acreditados junto ao meu governo; cumprimentar os ministros e as ministras de Estado, cumprimentando Eleonora Menicucci, da Secretaria de Políticas para as Mulheres; a ministra Gleisi Hoffmann, da Casa Civil; a ministra Tereza Campello, do Desenvolvimento Social e Combate à fome; a ministra Miriam Belchior, do Planejamento, Orçamento e Gestão; a ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira; a ministra da Secretaria de Relações Institucionais, Ideli Salvatti; a ministra Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação Social; em nome delas eu cumprimento todos os ministros aqui presentes.

Queria cumprimentar a deputada Iriny Lopes, aqui presente, ex-ministra da Secretaria de Políticas para as Mulheres. Em nome dela cumprimento todas as ex-ministras da Secretaria para as Mulheres que nos ajudaram a construir esse processo de valorização, defesa e afirmação da mulher brasileira.

Queria cumprimentar o senhor procurador-geral da República, presidente do Conselho Nacional do Ministério Público, senhor Roberto Gurgel; queria cumprimentar as senhoras e os senhores governadores: Marconi Perillo, de Goiás; Omar Aziz, do Amazonas; Renato Casagrande, do Espírito Santo; Ricardo Coutinho, da Paraíba; Rosalba Ciarlini, do Rio Grande do Norte; cumprimentar as senhoras senadoras Ana Rita, Angela Portela, Lídice da Mata, Lúcia Vânia e Vanessa Grazziotin; cumprimentar os senhores senadores aqui presentes: José Pimentel, líder do governo no Congresso; Humberto Costa e Romero Jucá.

Queria cumprimentar as senhoras deputadas federais: Alice Portugal; Aline Corrêa, Antônia Lúcia, Benedita da Silva, Bruna Furlan, Carmen Zanotto, Cida Borghetti, Dalva Figueiredo, Elcione Barbalho, Erika Kokay, Fátima Bezerra, Flávia Moraes, Gorete Pereira, Iara Bernardi, Jandira Feghali, Janete Pietá, Jaqueline Roriz, Jô Moraes, Keiko Ota, Liliam Sá, Luci Choinacki, Magda Mofatto, Margarida Salomão, Marina Santanna, Marinha Raupp, Nilda Gondim, Perpétua Almeida e sua flor, Rosane Ferreira, Rose de Freitas, Rosinha da Adefal, Sandra Rosado, Sueli Vidigal. Vai chegar o momento, que eu tenho certeza, vão ter tantas deputadas que será praticamente impossível nominar todas.

Queria cumprimentar também os deputados federais presentes: Arlindo Chignalia, líder do governo na Câmara dos Deputados; Francisco Floriano, Lincoln Portela, Nilmário Miranda e Paulão.

Queria cumprimentar os senhores prefeitos que nos honram nessa cerimônia: prefeito de São Paulo, Fernando Haddad; prefeito de Campo Grande, Alcides Bernal; prefeito de Santana do Livramento, *Glauber* Gularte Lima; prefeito de Jaguarão, Cláudio Martins.

Queria dirigir um cumprimento especial à senhora Marta Maria de Brito Alves Freire, presidente do Conselho Nacional dos Defensores Públicos Gerais; queria cumprimentar a nossa querida Clara Charf, coordenadora do Movimento Mulheres pela Paz; cumprimentar a Júlia Nogueira, secretária de Políticas de Igualdade Racial da CUT, por intermédio de quem cumprimento todas as lideranças e dirigentes sindicais aqui presentes.

Dirijo do fundo do coração uma saudação uma saudação especial às entidades vencedoras e às mulheres que as representam, vencedoras do Prêmio “Mulheres Rurais que produzem um Brasil Sustentável”.

Queria cumprimentar também o nosso governador Agnelo que – me desculpa, Agnelo - às vezes o pessoal do Cerimonial esquece o nome...

Queria cumprimentar as senhoras representantes do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e gestoras dos organismos de organismos de políticas para as mulheres. Cumprimentar as senhoras jornalistas, e nossos senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Minhas queridas amigas aqui presentes. Meus queridos amigos.

Eu quero iniciar homenageando uma mulher lutadora, Márcia Santana, secretária de Políticas Para Mulheres do Rio Grande do Sul que nos deixou nessa madrugada.

Queria dizer a vocês que me alegro muito hoje. Me alegrando porque nós não temos sido questionados por uma verdade que andamos afirmando, porque numa democracia muitas vezes se questiona todas as afirmações, mas eu tenho certeza que até agora essa não foi questionada: que nós somos o governo com o maior volume de políticas públicas em favor da mulher em nossa história. E eu digo isso porque na minha posse eu disse que ia defender e priorizar em todas as políticas o povo brasileiro e honrar as mulheres. Hoje é mais um dia em

que nós afirmamos esse compromisso, porque honrar as mulheres significa ter consciência da sua situação em nosso país e defender as mesmas oportunidades e uma política antidiscriminação.

Agora, com o programa Mulher: Viver sem Violência, que aprofunda toda luta que foi desenvolvida nesses últimos anos, começando pela Lei Maria da Penha, que nos honra com sua presença hoje e passando pela reafirmação da própria lei, no sentido de que não será mais um caso de convivência a violência contra a mulher. Será penalizada. Terá processo. Resultará em ato e delito. Então, hoje, aqui, com o programa Mulher: Viver sem Violência estamos dando mais um passo. Sabemos que é preciso fazer muito mais e sempre para combater a violência contra a mulher.

Nós queremos que o país se aproxime, cada vez mais e de forma cada vez mais rápida, do dia em que o nosso país, a nossa sociedade e os governos tenham tolerância zero com a violência praticada contra a mulher. Nós queremos que, na verdade, este país seja um país com tolerância abaixo de zero. Porque esse crime envergonha a humanidade, esse crime envergonha as famílias, esse crime envergonha homens e mulheres da nossa sociedade. Ter tolerância zero significa combater e erradicar todas as formas de violência, todas, desde aquelas que são as mais abjetas como a violência doméstica, o estupro, o assassinato ou tráfico sexual, a exploração sexual sob todas as formas. Até outras com conteúdos mais disfarçados, porém igualmente dolorosos e igualmente inadmissíveis, como a discriminação no trabalho, no salário, a educação discriminatória, a falta de oportunidades, e, sobretudo, a baixa estima decorrente da violência.

É contra todos estes tipos de violência que temos lutado e vamos continuar lutando. Sabemos que o combate à violência tem de estar casado com medidas fortes de coerção, de repressão, de cumprimento da lei, e com reforço da autonomia das mulheres. Combate à violência, de um lado, e autonomia, do outro, são faces, reforçar a autonomia são faces da moeda principal que nós mulheres temos de reivindicar para nós que é uma atitude digna, cidadã, diante da vida.

Por isso, eu sei que nenhum governo, no mundo, sozinho, é capaz de dar conta dessa luta. Quanto mais nós percebemos que um governo sozinho não é capaz de dar conta da luta, mais nos esforçamos para fazer a parte do governo. Isso não significa não fazer a parte do governo, significa que o governo tem de fazer a sua parte e tem de estimular as próprias mulheres, lutar ao lado delas e com a sociedade em favor da causa, da luta contra o preconceito, a discriminação e a violência contra a mulher.

Nós temos consciência que, além disso, esta é uma luta de todas as mulheres, de todos os homens, uma luta que une gerações – crianças, jovens, adultos e idosos –, e é uma luta também da humanidade. Porque a violência contra a mulher, ela é uma das origens da violência na sociedade. Uma família constituída sob a violência contra a mãe, e que geralmente de uma forma ou de outra envolve os filhos, repassa esses valores de violência, de desrespeito, discriminação para as gerações futuras.

Por isso, queridas e queridos companheiros e amigos presentes, nosso programa Mulher: Viver Sem Violência, tem de ter também um forte componente cultural, ele tem de mudar valores. Por isso nós precisamos de todos nessa luta.

Nós conseguimos nesse projeto apresentado pela ministra Eleonora Menicucci, somar com a mesma força e com a mesma intensidade a proteção de um lar e a disposição de luta das mulheres, que são características muito femininas. Por isso que eu vejo assim a casa da mulher brasileira. É uma casa de abrigo e de apoio, mas ela é uma casa de luta, ela é uma casa que une esses dois aspectos. E ela é um dos eixos do programa que nós estamos hoje lançando. Também – e eu acho isso muito importante, vocês viram isso – procuramos na

beleza arquitetônica do projeto, na leveza das suas linhas e nas suas instalações, fruto da genialidade do grande arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé, que contribuiu conosco de forma gratuita para esse projeto, uma prova de que é possível criar prédios públicos de qualidade, mais baratos porque são pré-moldados. Que dignifiquem e aumentem também a autoestima da cidadã e dos cidadãos comuns quando são atendidos.

Queremos que essas 27 primeiras unidades que vamos construir – nossa meta, a gente tem sempre de ter meta e prazo, até o final de 2014, nas capitais e no Distrito Federal, nas capitais dos estados brasileiros e no DF – sejam poderosos pontos de referência para as mulheres atingidas no corpo e na alma. Ali, como a ministra Eleonora mostrou, as mulheres vão receber proteção, orientação e formação. Sempre com essa visão dessa dualidade que tem de estar casada: combate à violência e afirmação da autonomia. Ali elas receberão, portanto, proteção, orientação e formação. Ali elas terão assistência psicológica, social, jurídica e financeira. Ali elas verão a face humana dos vários poderes da República trabalhando por meio dos seus representantes para ajudá-las a melhorar de vida.

E aqui eu saúdo o Judiciário, na pessoa do ministro Joaquim Barbosa, saúdo o Ministério Público, na pessoa do procurador Gurgel, e saúdo também a defensoria na nossa querida defensora que me deve um paninho. Saúdo também – a ministra Eleonora já explicou – a parceria que necessariamente vai se colocar entre o governo federal, o estadual e o municipal, principalmente, no que se refere também à Delegacia das Mulheres. E aqui eu queria fazer uma observação: era secretário da Justiça do estado de São Paulo o meu vice-presidente Michel Temer quando a primeira Delegacia da Mulher foi por ele formada no estado de São Paulo. Acho importante registrar isso porque a Delegacia da Mulher é um elemento essencial nessa junção de órgãos que vão fazer a defesa da mulher deste país.

Quero dizer também que o governo federal se dispõe a construir o espaço e mantê-lo. Obviamente, pedimos a cooperação dos demais órgãos no sentido de aportar seu conhecimento e seus funcionários. O programa Mulher: Viver Sem Violência, ele tem um aspecto que eu considero muito importante. Primeiro, é o fortalecimento do disque 180 que – como a Eleonora mostrou – é uma das portas de entrada para a proteção, para a mulher buscar a proteção contra a violência. E ao buscar apoio, a mulher, vítima da violência, ela tem de encontrar um atendimento humanizado e qualificado. E tem-se também de produzir provas dessa violência. Por isso, esses atos que nós assinamos, em relação à humanização e à produção de provas, é também um avanço essencial no sentido de não compactuarmos com aquele trauma que a mulher tem quando ela denuncia a violência, aqueles olhares desconfiados que nós não achamos que podem ser admitidos, de um lado, e de outro, a impunidade que é decorrência da ausência de provas. Por isso, humanização e provas e combate à impunidade são elementos essenciais.

Nós também iremos preparar, como vocês viram, hospitais para a coleta e guarda das provas, dos vestígios da violência sexual e equipar e adequar os Institutos de Medicina Legal também para tanto. Vamos, ao longo do tempo, também, equipar as equipes de saúde da Segurança Pública para o atendimento humanizado a essas meninas, jovens e mulheres vítimas da violência.

Outra ação que eu acho importante registrar aqui também são os Núcleos de Defesa da Mulher nas nossas principais fronteiras e ampliação desses núcleos. Nós sabemos que o tráfico sexual, ou o uso por máfias organizadas de mulheres carentes vulneráveis é algo que ocorre, principalmente o uso de mulheres no tráfico de entorpecentes. Essa realidade atroz não está apenas na literatura, no cinema, nas novelas ou na tevê. Essas histórias tristes preenchem o cotidiano e temos que lutar para que elas acabem.

Minhas queridas amigas e meus amigos, esse programa “Mulher: Viver sem Violência” tem muito de um método de gestão que nós usamos no governo: trata-se de potencializar os resultados por meio de ações fortemente focadas em setores críticos e vulneráveis. Dou um exemplo: nós conseguimos retirar 22 milhões de brasileiros e brasileiras da extrema pobreza porque começamos focando numa parcela absolutamente desprotegida, que eram crianças e jovens, por isso conseguimos, ao focar nossas ações, retirar esses milhões de brasileiros.

Nós estamos dando ênfase ao combate à violência de todas as formas na sociedade, mas focamos em um segmento extremamente vulnerável da nossa população quando se trata de violência, e esse segmento são as mulheres, os 50% de mulheres, ou 51%, melhor dizendo, de mulheres que constituem a população brasileira.

Eu quero dizer que este programa, ele não esquece vários subprogramas e vários programas que vão a ele estar articulados. Eu queria, primeiro, reconhecer a relevância da criação do ministério das mulheres, a Secretaria para Assuntos da Mulher, criada no governo do presidente Lula, e que se desenvolveu e se transformou num ponto central de articulação das políticas para as mulheres.

Mas eu queria citar outros exemplos de políticas que, porque levaram em conta a mulher, melhoraram a nossa forma de execução dessas políticas e que reforçam a autonomia das mulheres. Por exemplo, o Bolsa Família. O Bolsa Família é o programa central no nosso plano do Brasil Sem Miséria, e ele é vitorioso porque ele tem uma base de sustentação forte. Quem sustenta o programa Brasil Sem Miséria e, dentro dele, o Bolsa Família? As 93% dos titulares mulheres que recebem esse cartão.

É o reconhecimento do país que na nossa cultura, na nossa sociedade, a mulher tem um papel fundamental na estrutura familiar. Nós sabemos que a mulher não deixa de alimentar seus filhos, mesmo que tenha de tirar de si mesma. Por isso, 93% dos que recebem o Bolsa Família, em nome das famílias brasileiras, são mulheres. Isso significa que nós reconhecemos a importância das mulheres como esteio das famílias. Nós quem? O presidente Lula e agora o meu governo. Acreditamos que uma rede de proteção às crianças e aos jovens, ela é uma rede melhor quando construída a partir das mães. O Minha Casa, Minha Vida é outro programa que também foi um passo importante porque esse programa reconheceu que as mulheres que têm a guarda de seus filhos têm prioridade para registrar o seu imóvel, no seu nome, porque isso significa proteger também as crianças e os jovens desse país. 47% das moradias, tanto do Minha Casa, Minha Vida 1, agora mais ainda do Minha Casa, Minha Vida 2, são mulheres as titulares da propriedade das moradias. Com o Rede Cegonha, criado também agora a partir de 2011, nós enfatizamos a proteção à criança e à mulher. A mulher, do pré-natal passando pelo parto e o atendimento também à criança, logo após o nascimento. Nós, nesse programa, investimos R\$ 3,6 bilhões para ações tanto para gestantes quanto para os bebês. Também estamos avançando no tratamento dos programas de prevenção do câncer de mama e de colo de útero. O Brasil realizou, no ano de 2012, mais de 4,4 milhões de mamografias e 10,9 milhões de exames cito-patológicos. Sabemos que ainda há muito espaço para avançar e muita qualidade para melhorar no atendimento à saúde.

Na educação, nós temos números que eu considero expressivos. Na educação infantil, nós aprovamos a construção de 3.135 creches e pré-escolas em mais de 1.760 municípios. Em 2013, nós vamos construir mais 1.500 creches e pré-escolas em todo o país. O programa Brasil Carinhoso, na sua parte – não estou falando aqui da parte de renda – mas o programa Brasil Carinhoso permitiu que nós destinássemos para as creches de crianças do Bolsa Família um valor para manutenção de mais 50% do Fundeb. E nós ampliamos em 66% o valor repassado para alimentação escolar na educação infantil. Toda mãe que trabalha sabe a

importância das creches, mas as creches e as pré-escolas são importantes para as mães não só porque elas trabalham, são importantes para as mães porque nós sabemos que a criança, quanto mais nova, mais estimulada com jogos, com acesso a livros infantis, a brincadeiras, a uma série de estímulos, elas tornam-se crianças com mais capacidade de aprendizado. Então, não é só por conta de ter um lugar para deixar seus filhos, mas é por conta de ter o melhor lugar possível para deixar seus filhos.

Queria também dizer para vocês que nós apostamos muito no microempreendedorismo. As mulheres são, se você fizer uma conta do pequeno e do microempreendedor, a grande maioria vai ser mulher. Mulher, nós sabemos, é um ser muito criativo, um ser com capacidade de resistir. Por isso, o governo tem uma ênfase especial nessa questão do micro-crédito, da capacitação profissional, da produção de alimentos, da agroindústria na agricultura familiar e também nas empresas, nas pequenas empresas, nos pequenos empreendimentos. Nós sabemos, por exemplo, que na área da agricultura familiar, o Programa de Aquisição de Alimentos, ele permitiu um crescimento da participação das mulheres nos últimos tempos de 24% para 34%. Mais de 113 mil mulheres foram beneficiadas com assistência técnica e extensão rural.

A Eleonora mostrou, há aumento da documentação das mulheres. Todos esses elementos são elementos que reforçam autonomia e cidadania. Estudar, trabalhar, ser empreendedora, produtora rural, pequena agricultora, todas essas são atividades para reforçar autonomia e a presença cidadã da mulher na nossa sociedade.

Eu disse, para finalizar, eu disse no meu pronunciamento no Dia Internacional da Mulher que a luta pela igualdade de gênero não é apenas uma questão ética ou humanística. É uma questão ética e humanística, mas não é apenas isso. Trata-se de uma questão estratégica para o país, estratégica para o nosso país. Nenhum país moderno, nenhuma nação desenvolvida, pode se dar ao luxo de desprezar a energia e o talento femininos, sob o risco de deformar o seu presente e comprometer o seu futuro.

Eu disse também, naquela oportunidade, que o Brasil era um dos poucos países emergentes que tinha reduzido a sua desigualdade. E um país que reduziu a sua desigualdade também não pode se dar ao luxo de deixar que se configure a desigualdade entre homens e mulheres. Nós temos a responsabilidade de diminuir, com maior rapidez ainda, a desigualdade entre homens e mulheres. O Brasil, como um dos poucos países do mundo que nesses anos de crise aumentou sem parar o emprego, tem mais que obrigação de garantir melhores oportunidades e salários mais justos para as mulheres; que esse país que defendeu os interesses dos mais pobres da nossa sociedade tem de ser um defensor intransigente dos direitos humanos das mulheres.

Mais que palavras, nós temos de agir, daí a importância da Casa da Mulher Brasileira. Como eu disse, uma casa de luta e uma casa de abrigo e apoio. E isso significa que todas as mulheres têm de ter assegurado o direito de viver sem medo, precisam de ter assegurado o direito de escrever sua própria história, cada uma de nós mulheres, com autonomia, com dignidade e com igualdade de oportunidades. É assim que deve fazer um governo, sobretudo um governo liderado por uma mulher em um país cuja maior parte da população é constituída de mulheres. Uma vez, uma companheira dos movimentos sociais, quando eu dizia que é um país com a sua maioria da população constituída por mulheres, essa companheira disse para mim “e não tem problema com a outra metade, porque a outra metade são nossos filhos, então está tudo em casa.” Então eu uso essa frase da companheira, “nós somos a maioria e a outra metade são nossos filhos, portanto, está tudo em família”. E eles são obrigados a nos ajudar nesse processo, eles são grandes parceiros nossos e nos devem toda a quantidade de carinho, amor, atenção e cuidado que as mães desse país deram a cada um deles.

Nós somos um país de mulheres que querem construir, ao lado dos homens, um país cada vez melhor e mais humano. Mulheres que sabem que o caminho para esse Brasil mais desenvolvido e mais justo passa pela intransigente defesa da igualdade contra a violência entre homens e mulheres.

Muito obrigada.

<http://www2.planalto.gov.br/imprensa/discursos/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-lancamento-do-programa-mulher-viver-sem-violencia>